



A herdeira do MILIONÁRIO

Autor best-seller da Amazon
JHONATAS NILSON



A herdeira do milionário

Do autor best-seller da Amazon

Jhonatas Nilson

Copyright © 2020 Jhonatas Nilson

Todos os direitos reservados. Proibidos a reprodução, o armazenamento ou a transmissão total ou parcial, sob qualquer forma. Todos os personagens desta obra são fictícios. Qualquer semelhança com pessoas vivas ou mortas terá sido mera coincidência.

Querido leitor,

Escrevi esse romance durante alguns meses bastante difíceis da minha vida. Coloquei todo o meu coração e sentimentos em cada detalhe da história.

Espero que vocês se apaixonem e se inspirem com o livro. Sem dúvidas, os personagens ficarão em meus pensamentos durante muito tempo.

Boa leitura!

Com carinho,
Jhonatas Nilson
(Autor)

Para acompanhar as aventuras do autor
Jhonatas Nilson ao redor do mundo, não deixe
de segui-lo no Instagram:

@Jhonatas1025

Para ler contos grátis, conferir entrevistas com
autores nacionais e internacionais, lista
completa de todos os lançamentos e muito
mais, acesse:

www.jhonatasnilson.com



Prólogo

Anos antes...

A noite aparentava estar sombria. Sombria demais. Enquanto o carro se locomovia lentamente pela pista vazia, os trovões retumbavam nos céus. Não era fácil dirigir em meio a uma tempestade, e Rhys Clevenger começava a se arrepender de ter decidido deixar as terras da família naquele dia. Deveria ter ficado em casa para se divertir com o seu filho, que havia completado um ano recentemente.

Rhys era um homem feliz. Encontrara em sua esposa, Lauren Clevenger, não apenas a mulher dos seus sonhos, mas também a melhor amiga que ele sempre buscara para dividir os momentos felizes. Com o tempo, quando o pequeno Jack surgira em suas vidas, Rhys tivera a mais completa certeza de que a vida não podia ser melhor.

Desde então, passara a dedicar menos tempo às empresas da família. Os fins de semana eram sempre regados de brincadeiras, passeios e diversão. Sem dúvidas, Rhys era um bom marido e estava tentando acertar.

— Dirija um pouco mais devagar, querido. — Pediu Lauren, um pouco tensa. Era praticamente impossível enxergar qualquer coisa na estrada. A tempestade estava extremamente intensa.

Rhys sentia que deveria ter recusado o convite de estar presente no evento de uma das empresas parceiras. Quebrara a regra de nunca trabalhar durante o fim de semana. Mas ao mesmo tempo, pensara que talvez pudesse ser divertido ter a família em seu ambiente de trabalho.

Agora, se arrependia amargamente.

— A tempestade parece estar ficando pior a cada segundo. — Ele estalou a língua, irritado. As duas mãos estavam fixas no volante e seus olhos nunca se desviavam da estrada à sua frente.

— Acho que não vamos demorar muito a chegar. Vai ficar tudo bem. — Lauren pousou uma das mãos na perna do marido e em seguida olhou para trás.

Jack estava silencioso, aparentemente observando o som intenso da chuva.

Sentindo-se sufocado, Rhys desabotoou a camisa social e em seguida xingou baixinho quando trovões eclodiram alto nos céus.

Naquele mesmo instante, o bebê começou a chorar. Aos poucos, os gemidos se tornaram gritos intensos e assustados, fazendo com que a cabeça de Rhys latejasse um pouco.

Ele havia tomado apenas uma taça de champanhe, o que não era o suficiente para deixá-lo bêbado, mas agora, enquanto refletia, chegava à conclusão de que não deveria ter bebido coisa alguma. Beber e dirigir sempre era uma péssima ideia.

— Faça com que Jack pare de chorar. — Aquele não foi um pedido, mas uma ordem. Rhys estava acostumado a lançar ordens e começava a ficar irritado com o barulho dos gritos do filho.

— O que você quer que eu faça? Ele está assustado com os trovões. — Lauren levou uma das mãos à cabeça e fechou os olhos por alguns segundos. — Nunca mais quebraremos a regra do fim de semana.

— Nunca mais. — Repetiu ele. — Nós deveríamos estar em casa, assistindo a algum filme interessante. Talvez até dividindo uma taça de vinho. Por que diabos eu aceitei essa merda logo hoje?

— Eu também gostaria de saber, Rhys. — Sempre simpática, Lauren abriu um sorriso. — Mas logo chegaremos.

Jack não parou de chorar. Nos próximos minutos, os gritos se tornaram cada vez mais altos, fazendo com que Rhys também quisesse gritar em irritação. Mesmo assim, continuou dirigindo, tentando chegar em casa o mais rápido possível.

Tudo aconteceu de repente. Em um segundo, a pista estava totalmente vazia, no outro, um caminhão imenso vinha em sua direção.

Aquele era um dos momentos em que a vida simplesmente não parecia real. Tentando agir rápido, Rhys girou o volante, mas o carro derrapou e perdeu totalmente o controle.

Ele olhou uma última vez para sua esposa, ouviu uma última vez o choro do seu filho. E sentiu seu coração se quebrar em um milhão de pedaços. Não era necessário pensar muito para prever o que estava prestes a acontecer.

Quando o carro se chocou contra o caminhão, Rhys fechou os olhos. O barulho foi imenso, extremamente assustador. Era como se o mundo inteiro estivesse eclodindo, sendo destruído rapidamente e sem piedade.

O som de vidros se estilhaçando invadiu seus sentidos, assustando-o. Rhys se sentia como uma marionete. Seus braços e pernas chacoalhavam, indo de um lado para o outro. De forma tola, ele ainda tentou segurar o volante, tentou fazer alguma coisa. Mas nada era o suficiente.

No instante em que o carro foi lançado no ar e girou três vezes, Rhys ouviu o último grito de Lauren. Certamente, caso sobrevivesse, nunca se esqueceria daquele som cheio de medo e desespero.

Ele precisou engolir em seco, precisou continuar com os olhos fechados, pois era incapaz de gritar. Era incapaz de fazer qualquer coisa. Sem que sequer percebesse, seus olhos se encheram de lágrimas, descendo por suas bochechas já repletas de sangue.

Tudo aquilo durou apenas alguns segundos, mas Rhys sentiu como se tudo estivesse em câmera lenta. Cada detalhe aparentava durar horas, quase como em um pesadelo sem fim.

O carro desceu a ribanceira rapidamente e se chocou contra uma árvore enorme. Quando tudo parou e o silêncio voltou a imperar, Rhys abriu os olhos.

Já não havia o choro do pequeno Jack. Lauren não dizia nada, não se movia.

Durante um bom tempo, Rhys permaneceu imóvel, com medo de olhar para os lados. Mas quando, por fim, criou coragem e olhou para a direita, sentiu-se morrer por dentro ao observar um galho grosso, grande e pontiagudo fincado no pescoço de sua esposa.

Rhys desejou estar no lugar dela, desejou salvá-la de alguma maneira. E mesmo que tentasse, não conseguiu olhar para trás. Era totalmente incapaz de checar como seu filho estava.

Enquanto o sangue se esvaia do seu corpo, Rhys se percebia cada vez mais fraco, cada vez mais tonto. Lentamente, pousou uma das mãos na mão da esposa. E pediu aos céus e aos deuses que salvassem a sua família.

Em algum momento que sequer percebeu, ele perdeu a consciência. Seu cérebro simplesmente apagou. No céu, a chuva continuou, mas Jack já não chorava. Chegar em casa já não parecia tão importante.

Desde aquela noite, Rhys nunca mais voltou a ser feliz.



Capítulo 1

Anos depois...

Rhys Clevenger não gostava de receber visitas. Geralmente, passava os dias trancado em seu escritório lendo algum livro, ou, quando estava com o humor um pouco menos sombrio, decidia caminhar lentamente pelo campo, desbravando as terras do rancho.

Oito anos haviam se passado desde o acidente. Ele não se lembrava de muita coisa daquele dia. Na verdade, permanecera desacordado por duas semanas e quando por fim conseguira abrir os olhos novamente, fora informado de que sua esposa e filho estavam mortos. Desde então, Rhys perdeu completamente a vontade de viver.

Era como se a vida parecesse sombria demais para seguir em frente. Qual seria o sentido de permanecer vivo sabendo que as pessoas que mais amara jamais voltariam a estar ao seu lado? Em segredo, Rhys tentara cometer suicídio duas vezes.

Na primeira, cortara os dois pulsos, mas não de forma profunda o

suficiente. Ainda tinha as cicatrizes na pele para lembrá-lo de que fora um total fiasco. Na segunda, colocara o cano da pistola na cabeça, porém se sentira totalmente incapaz de apertar o gatilho.

Cada vez que se olhava no espelho, lembrava o momento exato em que ouvira o último choro de seu bebê. O som ainda trazia pesadelos, mesmo depois de tanto tempo.

O rosto de Rhys estava coberto de cicatrizes. Os vidros que haviam se fincado na pele durante o acidente fizeram com que a expressão ficasse deformada. A verdade era que ele se sentia um monstro e odiava que as pessoas sentissem pena dele.

Além disso, seu pé direito fora esmagado com o peso dos escombros, deixando-o manco. Precisava de uma bengala para caminhar com precisão e quase sempre se cansava quando fazia muito esforço físico.

Rhys acreditava verdadeiramente que havia se tornado uma besta solitária. As cicatrizes em seu rosto eram profundas e assustadoras demais, ele bem sabia. Não gostava de ver o próprio reflexo e tinha consciência de que as outras pessoas também se sentiam desconfortáveis em sua presença.

Exatamente por essa razão que ele não tinha amigos e praticamente em nenhuma hipótese aceitava receber visitas.

A única pessoa que frequentava com frequência as terras Clevenger era Rose Sinclair, uma mulher de vinte e sete anos que limpava a casa cerca de três vezes na semana.

Sempre trazia consigo uma bebê de olhos verdes e cabelos loiros. Mesmo tão jovem, aparentemente Rose já era mãe solteira, mas Rhys nunca se importou em perguntar. Não gostava de conversas e preferia não se meter na vida das pessoas.

Naquela tarde de segunda-feira, Rhys foi surpreendido quando Rose, com seus cabelos loiros rebeldes e olhos azuis inocentes, adentrou o

escritório, parecendo um pouco ansiosa.

— Me desculpe incomodá-lo, mas o senhor tem uma visita. — A voz dela era melodiosa, parecia cheia de vida. Rhys, definitivamente, também odiava ver a felicidade fácil das outras pessoas.

— Diga que não estou. — Ele sequer se deu ao trabalho de descobrir quem decidira visitá-lo.

— Ele se identificou como o advogado do seu pai. Aparentemente, é um assunto urgente. — Rose mordiscou o lábio inferior. Sentia-se um pouco nervosa cada vez que precisava conversar com o patrão. — Não acho que ele vá aceitar ir embora sem falar com o senhor.

— Advogado do meu pai? — Rhys levantou uma das sobrancelhas, unindo as duas mãos enquanto pensava.

Ele quase nunca tinha contato com Joseph Clevenger, seu pai. As piores memórias da infância de Rhys estavam relacionadas ao fato de que Joseph sempre fora um homem extremamente violento e mesquinho. Por isso, preferia viver a própria vida sem nunca cruzar o próprio caminho com o do pai. Ambos sabiam disso.

— Sim, senhor. Foi exatamente isso o que ele disse. — Rose deu dois passos para trás. — Devo servir chá?

— Mande-o entrar, mas não precisa trazer chá nenhum. Certamente ele será breve. Não tenho muito o que tratar com ninguém.

Ansiosa para sair do escritório, Rose fechou a porta atrás de si.

Durante os quase dois anos desde que começara a trabalhar para Rhys, ela sempre teve grande vontade de conhecê-lo melhor, mas aquele homem era fechado. Sombrio. Eram poucas as conversas que tinham. Portanto, Rose se sentia nervosa cada vez que precisava falar com ele.

Não demorou muito para que o advogado entrasse no escritório. Era um homem rechonchudo com bochechas vermelhas e cabelo grisalho cheio.

Apesar da seriedade, parecia ser simpático o suficiente.

— Espero que o assunto seja realmente importante. — Rhys não tinha nenhuma paciência para aparentar educação. Costumava ser direto ao ponto.

— O que você quer?

O homem apenas caminhou pelo escritório com passadas regulares. Em seguida, segurando uma pasta de couro, balançou a cabeça, cumprimentando-o.

— Sou Edward Stuart, advogado do senhor Joseph Clevenger. — Ele fez uma pequena pausa e limpou a garganta ruidosamente. — Peço desculpas por aparecer de maneira tão repentina, mas o assunto, de fato, é urgente.

— Pode começar a falar. — Rhys deu de ombros. — Qual seria o assunto tão importante e urgente?

Edward apontou para uma das cadeiras.

— Posso me sentar?

— Ficaré por tempo o suficiente para que seja necessário se sentar? — Rhys revirou os olhos, impaciente. — Não precisa responder. Sente-se.

Apesar de não querer admitir, começava a ficar um pouco curioso. Por qualquer ângulo que olhasse, não conseguia imaginar a razão pela qual o advogado estaria fazendo aquela visita de maneira tão repentina.

Cloudtown era uma cidade pequena localizada no interior do Texas. Ali, as pessoas geralmente conheciam uma às outras e as fofocas costumavam se espalhar rapidamente. Por isso, Rhys era conhecido na cidade como um homem misterioso que quase nunca era visto na cidade.

Para muitos, ele era quase como uma lenda. Alguns até chegaram a inventar que Rhys, na verdade, era algum tipo de ex-criminoso que havia decidido recomeçar a vida em uma cidade pequena e pacata.

No entanto, ninguém conhecia Rhys o suficiente para confirmar ou negar as histórias e suspeitas. E ele realmente não se importava com as

fofocas. Não fazia nenhuma diferença em sua vida.

— Sinto muito, senhor Clevenger, mas infelizmente o seu pai faleceu durante a noite em Houston alguns dias atrás. — O advogado fez uma longa pausa e em seguida voltou a falar. — Precisamos conversar sobre o testamento deixado por ele.



Capítulo 2

Rhys ficou em completo choque ao ouvir as palavras do advogado. Pelo que sabia, Joseph era um homem que costumava cuidar muito bem da saúde. Apesar da idade avançada, era usual vê-lo estampar capas de jornais e revistas que falavam acerca da importância de uma alimentação saudável e de exercícios físicos na terceira idade. Por isso, era muito estranho o fato de que ele havia morrido de maneira tão repentina.

— Você só pode estar brincando. — Apesar de não ter contato com o pai há anos, Rhys sentiu uma leve pontada no peito ao perceber que agora, estava realmente sozinho no mundo. — Pelo que eu sei, o meu pai sempre foi muito saudável.

Durante a infância, Rhys fora obrigado a observar em silêncio as agressões que Mary Ann, sua mãe, sofria nas mãos de Joseph. Mesmo trazendo conforto e estabilidade econômica para a família, ele costumava ser extremamente agressivo, principalmente com as palavras.

Rhys precisara aprender desde muito cedo que as palavras também

tinham o poder de matar aos poucos, de uma maneira quase imperceptível. Dia após dia, Mary Ann se perdera em uma depressão profunda que piorara ao descobrir acerca do estágio avançado de câncer de mama que fora responsável por ceifar sua vida.

Durante a adolescência de Rhys, Joseph tratara de ensinar ao único filho cada um dos detalhes das empresas Clevenger. Apesar de ser um homem desprezível, sempre fora muito bom nos negócios. Por isso, Rhys crescera com um talento nato para fazer dinheiro e conseguira quaduplicar a receita da família durante a época em que esteve no comando de tudo.

No entanto, após o acidente que levara sua esposa e seu filho, decidira desistir dos negócios. Decidira desistir de tudo. Vendera todas as ações das empresas que estavam em seu nome para outras organizações e deixara Houston sem olhar para trás. Desde então, vivia em Cloudtown com uma vida pacata e totalmente reclusa, solitária.

Todos sabiam que Joseph nunca aceitara as escolhas do filho. Durante os anos que se seguiram, cortou qualquer contato possível com Rhys e simplesmente ignorou o fato de que ele havia se aprofundado em uma depressão severa durante todo aquele tempo.

Agora, Joseph estava morto. Mas, ainda que tentasse, Rhys não conseguia sentir muita coisa. Era como ler uma notícia em um jornal qualquer. Trágico, mas totalmente impessoal.

— O seu pai, aparentemente, estava tentando trocar uma das lâmpadas da sala de estar. Pelas informações da perícia, ele subiu na mesa, que não suportou o peso e se quebrou. — Edward Stuart pressionou os dedos na pasta que estava em seu colo. — O corpo foi encontrado já sem vida com lesões severas na cabeça.

— Entendi. — Rhys soltou um longo suspiro e em seguida se recostou na poltrona em que estava sentado. — E o que você quer que eu faça? Ele

morreu, basta enterrar.

— O funeral aconteceu alguns dias atrás. Seguindo as ordens do senhor Clevenger, o corpo foi enterrado de forma privativa, sem aviso para possíveis convidados ou familiares.

Joseph Clevenger fora um homem excêntrico. Geralmente, assim como o filho, não tinha paciência para lidar com pessoas. E, obviamente, era esperado que seu funeral fosse exatamente daquela maneira.

Rhys não ficou surpreso. Apenas deu de ombros.

— Você disse que veio falar sobre um testamento. Não acho que o meu pai tenha deixado qualquer coisa para mim. — Rhys sabia que Joseph era rancoroso demais. Sem dúvidas, nunca teria deixado qualquer coisa para ele. E, se fosse sincero consigo mesmo, sequer tinha interesse em herdar os bens do pai.

Apesar de ter deixado as empresas da família há muito tempo, ele mantinha uma fortuna milionária que certamente seria o suficiente para garantir uma vida confortável e segura. Não costumava ter gastos desnecessários e quase nunca viajava, por isso, provavelmente tinha mais dinheiro do que um dia conseguiria gastar.

— Segundo os documentos deixados pelo senhor Clevenger, essas terras e a casa estavam no nome dele. — Claramente desconfortável, Edward engoliu em seco e ficou em silêncio por alguns segundos, tentando escolher as palavras certas. — O senhor tinha a autorização de viver aqui até o dia em que seu pai mudasse de ideia.

Tudo aquilo o atingiu quase como um soco em seu estômago. Pelo que Rhys imaginara, aquela casa e todas as terras sempre pertenceram à Mary Ann, sua mãe. Ou ao menos fora exatamente o que ela dissera antes de morrer.

— Não estou entendendo. Pouco antes de morrer, a minha mãe me

informou que essas terras haviam sido transferidas para o meu nome.

— Desculpe, mas a informação não é verdadeira. — Edward abriu a pasta e repassou todos os papéis para as mãos de Rhys. — Como o senhor pode ver, tudo sempre esteve no nome do seu pai.

Em completo choque, ele colocou uma das mãos na cabeça enquanto lia.

De certa forma, tudo fazia sentido. Joseph fingira presentear a esposa com as terras em Cloudbtown, mas na verdade nunca finalizara os tramites legais de transferência de propriedade.

Pela primeira vez em anos, Rhys se sentiu totalmente impotente. Não queria perder aquela casa, tampouco as terras. Mary Ann sempre amara Cloudbtown, e ele passara a amar aquele lugar tanto quanto ela.

— O meu pai mentiu para a minha mãe. Ele não acatou o último pedido dela antes de morrer e nunca transferiu coisa alguma para o meu nome. — Aos poucos, uma dor de cabeça horrível começava a se instalar em sua mente. — O que diabos o meu pai escreveu no testamento?

Por algum tempo, um silêncio muito desagradável se formou no escritório. Quando Edward começou a falar, Rhys se retraiu, temendo o que estava por vir.

— Segundo o testamento do seu pai, você poderá continuar com a casa e com as terras localizadas em Cloudbtown, mas existe uma condição. — Edward voltou a apertar a pasta que segurava fortemente com as duas mãos.

— Qual condição?

— Você terá que apresentar um herdeiro ou herdeira no prazo máximo de uma semana.



Capítulo 3

Nada daquilo fazia sentido para Rhys. A ideia soava tão absurda que ele teve vontade de simplesmente rasgar todos aqueles documentos e expulsar o advogado daquelas terras o quanto antes.

Seu pai era um ser desprezível, sem dúvidas. Joseph sabia que Rhys havia perdido o único herdeiro, e sabia também que ele não tinha plano algum de formar uma família novamente. Mesmo assim, deixara como condição aquela ideia estúpida no testamento.

Fúria se infiltrou em seu sangue, fazendo sua cabeça doer ainda mais.

— Eu não tenho nenhum herdeiro. Não tenho família. — Ele cerrou os punhos, tentando conter a raiva que borbulhava e crescia. — Meu pai sabia disso. Sempre soube.

— Temo que o senhor terá que deixar essas terras no prazo de uma semana. Eu sinto muito. — Apesar das palavras diretas, Edward era o tipo de profissional que conseguia manter o tom de voz extremamente calmo e empático. — Posso deixar uma cópia do testamento para que você possa ler

cada detalhe com calma. Mas acredito que já resumi tudo da melhor maneira possível.

Rhys sentia a cabeça girar em uma velocidade assustadora. Aquelas terras foram especiais para sua mãe e haviam se tornado um lar para ele. Não podia perder tudo de uma maneira tão inesperada e sem razão.

Obviamente, se fosse qualquer outra coisa, ele aceitaria perder sem sequer pensar duas vezes. Mas não o lugar que havia se tornado um lar durante todos aqueles anos.

Quando perdera sua esposa e seu filho, Rhys se sentira tão quebrado que aparentemente já não conseguia se encaixar em lugar nenhum. Por isso, ao deixar Houston e se mudar para a cidade natal de Mary Ann, percebera que podia tentar cicatrizar as feridas naquele lugar. Naquelas terras.

Agora, quando começava a sentir que pertencia à um lar novamente, não conseguiria conceber a ideia de que precisaria partir outra vez. Recomeçar outra vez. Seria totalmente necessário encontrar outra solução.

— Existe alguma maneira de anular o testamento?

— Infelizmente não nesse caso em particular.

— Como você mencionou, tenho uma semana para apresentar um herdeiro ou herdeira com documentos reconhecidos. Peço que me corrija caso eu tenha entendido errado. — Rhys levantou uma das sobrancelhas e uniu as duas mãos, tentando pensar em uma solução plausível.

— Exatamente. — Edward balançou a cabeça positivamente. — Após isso, as terras e a casa serão transferidas automaticamente para o seu nome em um processo rápido e simples.

— Eu diria que não é fácil encontrar um herdeiro em uma semana. — Rhys revirou os olhos de forma impaciente. — Para quem o meu pai deixou toda a fortuna dele?

— Seguindo o testamento, todo o império deixado pelo senhor

Clevenger será repassado para instituições de caridade. Ele preferiu não deixar nada para familiares próximos ou amigos. — Edward abaixou o olhar. Sabia que Joseph fora um homem extremamente difícil que mantinha ao menos uma centena de inimigos.

Ao ouvir as afirmações do advogado, Rhys não pôde deixar de rir. Que patética era a ideia de construir um império durante a vida inteira para que, ao final da vida, tudo fosse distribuído para instituições de caridade. No final, o velho morreria de uma maneira totalmente solitária.

Não que ele se sentisse muito melhor. Na verdade, tinha a impressão de que teria o mesmo destino que o pai. Morreria sozinho em uma casa imensa, sem amigos ou família. Sem ninguém que pudesse se importar com a sua morte.

Mas se fosse sincero consigo mesmo, sabia que tampouco se importava com a própria morte. Vez ou outra, perguntava aos céus a razão pela qual continuava vivo. Sentia que deveria ter morrido durante aquele acidente. Não antes e não depois.

— Irei encontrar uma solução. — Suas palavras soaram firmes. — Não sei como, mas irei encontrar uma solução.

— Eu realmente não gostaria de trazer notícias inconvenientes, mas esse é o meu trabalho. — Edward guardou todos os documentos de volta na pasta, fechando-a. Em seguida, entregou a cópia do testamento e um cartão de visitas para Rhys. — Não deixe me ligar quando tiver solucionado o impasse.

— Não tenho muito tempo, afinal o meu pai estipulou apenas uma semana. — Rhys estalou a língua enquanto olhava para o cartão de visitas fixamente, pensativo. — Que ideia patética.

— Os mortos fazem escolhas exóticas às vezes.

— Ou maldosas, eu diria. — Com o intuito de encerrar a conversa,

Rhys se levantou e estirou uma das mãos. Edward fez o mesmo, cumprimentando-o. — Tenha um bom dia.

— Espero que você também.

— Eu não terei. Você acabou de me dizer que estou prestes a perder a minha casa. — Ele balançou a cabeça em sinal de desgosto. — Como eu poderia ter um bom dia dessa forma?

Falando isso, Rhys caminhou pelo escritório e abriu a porta, esperando que Edward se retirasse.

Quando voltou a ficar sozinho, Rhys se encostou na porta fechada e respirou profundamente, tentando manter a calma.

Certamente Joseph estaria gargalhando dentro do túmulo, satisfeito por tirar a paz do filho que decidira largar as empresas da família para se isolar em uma cidade pequena no meio do nada.

Mas Rhys era um mestre em recomeços e soluções. Não seria diferente daquela vez.

Em silêncio, pensou por alguns minutos até chegar à uma possível solução. Não tinha certeza se aquela seria uma boa ideia, mas aparentemente era a única que poderia ter no momento.

Que irônica era a vida, pensou. Tinha uma enorme quantia de dinheiro guardada e mesmo assim não podia garantir que aquelas terras permaneceriam em seu poder. Dependia de um maldito testamento para poder proteger o próprio lar.

Em sua existência, eram poucas as coisas que ele amava. Mas, definitivamente, aquele lugar era o seu refúgio, um porto seguro que aprendera a amar e respeitar. Por isso, faria o que fosse possível para continuar ali, em seu universo particular.

O grande problema era que ele ainda não sabia qual seria o preço de tudo aquilo.

Com um longo suspiro, ele abriu a porta do escritório e caminhou pelos corredores da casa enorme. Sentia-se tonto e sua cabeça ainda doía fortemente.

Conforme caminhava, seus pensamentos não paravam de girar e girar. Estava em busca da sua possível salvação.



Capítulo 4

Rose Sinclair estava sentada no jardim durante seu horário de descanso daquele dia antes de ir embora. Ao seu lado, a pequena Melanie estava sentada na cadeirinha para bebês, segurando um ursinho de pelúcia.

Geralmente, Mel era uma garotinha extremamente calma. Quase nunca chorava. Com seus olhinhos espertos e curiosos, observava as coisas como se realmente compreendesse tudo. Para Rose, tudo aquilo era um mundo completamente novo, afinal ela nunca sequer sonhara em se tornar mãe aos vinte e poucos anos.

O surgimento de uma criança de forma tão repentina em sua vida obrigou Rose a mudar as próprias atitudes. Antes, costumava sonhar em abrir uma pequena livraria no centro de Cloudtown, mas agora, com os gastos que tinha com Mel, tornava-se impossível iniciar um novo negócio.

Exatamente por isso que decidira começar a trabalhar com Rhys Clevenger. Descobrira a oportunidade de trabalho certa tarde, enquanto lia o jornal. Ele havia colocando um anúncio buscando uma profissional que

pudesse limpar a casa sem conversar muito ou fazer barulho.

Pelo que ela sabia, ninguém havia se aplicado para a vaga. Desde então, Rose trabalhava para Rhys. Recebia um bom salário e gostava de trabalhar ali. Os jardins eram lindos e as terras do rancho iam até onde os olhos não podiam ver. Era maravilhoso poder se sentar debaixo de uma árvore e cantarolar para Mel até fazê-la adormecer.

— Quero que você cresça correndo com os pés descalços e o cabelo solto ao vento. — Rose se levantou e tocou em uma das mãozinhas da garotinha. — Um dia, você vai aprender a cavalgar e vai andar de bicicleta pelas ruas de Cloudtown. Quase posso imaginar o seu rosto corado durante o verão.

Sem que ela percebesse, Rhys se aproximou por trás. Sua camisa social era negra assim como a calça, e o semblante sempre aparentava estar triste, sombrio. As passadas eram silenciosas e lentas e ele tinha a bengala em uma das mãos.

— Não acha chato conversar com um bebê que sequer sabe falar? — Sua voz rouca preencheu o ar, fazendo com que Rose desse um pulo para trás, assustada. — Não planejava assustar você.

Rhys estava muito consciente de que usualmente assustava as pessoas. Seu rosto deformado certamente tinha o poder de fazer com que crianças tivessem pesadelos durante a noite.

— Eu estava tão concentrada com Mel que sequer percebi a sua chegada. Me desculpe. — Ela uniu as duas mãos e empertigou a coluna, tentando parecer profissional e séria. Sabia que o patrão não gostava de perder tempo com conversas desnecessárias.

— Qual a idade da criança? — Ele apontou a ponta da bengala na direção do bebê.

— Um ano e três meses, senhor. — Rose sorriu ao olhar para o bebê.

— Ela está crescendo muito rápido.

— Sinto que nunca conversamos muito. — Ficando em silêncio por algum tempo, Rhys se sentou em uma das poltronas confortáveis que se espalhavam debaixo das árvores no jardim. — Não sei muito sobre você.

— O senhor me disse que não tem tempo para conversas, então pensei que talvez...

— Pensou certo. — Com um aceno de cabeça, Rhys sugeriu que Rose se sentasse de frente para ele. — Mas hoje, especificamente, estou com uma vontade singular de conversar com você.

Um pouco nervosa, Rose se sentou exatamente como ele pediu. Em seguida, mordiscou o lábio inferior enquanto tentava compreender a mudança de comportamento do patrão.

De alguma forma, sentiu que tudo aquilo tinha a ver com a visita estranha do advogado, que recém havia partido.

— Posso preparar o seu café, caso queira. — Rose sorriu de forma simpática e Rhys percebeu que o rosto dela se iluminava cada vez que sorria.

Não era difícil afirmar que aquela era uma mulher extremamente bonita. E inocente. Em silêncio, ele observou atentamente as expressões femininas e o olhar intenso.

Ela detinha uma personalidade agradável, pensou. E pela primeira vez desde que se conheceram, sentiu a curiosidade genuína de conhecê-la melhor. Não apenas por precisar encontrar uma solução para os próprios problemas, mas também por acreditar que talvez pudesse ser interessante conversar com a mulher que frequentava sua casa há tanto tempo.

— Não quero café. Não quero nada, por agora. — Ele pousou a bengala no colo. — Gosta da natureza, Rose?

— Mais do que qualquer coisa.

— Cloudbtown é rica em natureza. — Ele olhava fixamente para o

campo, lembrando a época em que era apenas uma criança e passava as férias com sua mãe exatamente naquele lugar enquanto seu pai sempre desaparecia com a desculpa de que precisava trabalhar. — Gosto de viver aqui. Gosto da paz que a natureza me traz.

Rose não pôde deixar de se perguntar para onde aquela conversa poderia levá-la. Rhys era um homem misterioso e extremamente silencioso. E exatamente por quase nunca falar que ela começava a se sentir ansiosa. Queria descobrir o que ele tinha em mente naquele momento, mas, ao mesmo tempo, não podia apressar as coisas. Não queria parecer inconveniente.

Interrompendo seus pensamentos, Mel derrubou o ursinho na grama. Mas, para sua surpresa, foi Rhys quem se abaixou para pegá-lo de volta.

— Você é casada, Rose? — A pergunta parecia inocente, mas ela percebeu que havia algo escondido entre aquelas palavras. Certo interesse velado.

— Não. — Ela pegou o ursinho e sentiu uma onda de sensações quando seus dedos tocaram os dele. Estremeceu em silêncio e em seguida deu-lhe as costas para entregar o brinquedo à Mel. — Não sou casada.

Havia tensão no ar. De certa forma, Rose sentiu o impulso de querer fugir, desaparecer. Rhys mais parecia uma raposa prestes a atacar a presa. E sem dúvidas, naquele momento, ela era a presa, bem sabia.

— Onde está o pai da criança? — Ele ficou em silêncio por alguns segundos, refletindo. Em seguida, tratou de acrescentar mais palavras à pergunta. — Quem é o pai da criança?

Rose sentiu um arrepio percorrer sua nuca, mas logo tratou de manter o controle. Não existia nenhum motivo para que se sentisse tão nervosa. Com a boca seca, passou a língua entre os lábios antes de responder.

— Não sei quem é o pai dela. — Sua voz soou um pouco quebradiça e Rhys certamente percebeu.



Capítulo 5

Existiam detalhes acerca do passado de Mel que Rose preferia não relembrar. E não comentar. A criança não merecia ser julgada pelos olhos das outras pessoas desde tão cedo apenas por não ter um pai.

Rose tentava dar o seu melhor para conseguir nutrir as necessidades da garotinha. Sabia que nunca substituiria o lugar de um pai, mas também sabia que não podia deixar que aquele detalhe a impedisse de seguir em frente.

— O que você quer dizer? — Rhys semicerrou os olhos quase como se estivesse tentando descobrir alguma coisa. — Você não conhece o pai da sua própria filha?

Rose ficou em silêncio por algum tempo, tentando decidir o que devia ou não revelar.

— Nem todas as famílias são tradicionais. — Foi tudo o que ela respondeu, tentando se desviar da curiosidade dele. — Eu também cresci sem conhecer o meu pai e quase não tive contato com a minha mãe. Famílias

perfeitas são lindas nos comerciais de margarina, mas a vida real é bem diferente.

Rhys percebeu que ela estava na defensiva. Também percebeu quando as mãos femininas se cerram em pleno sinal de irritação.

— Percebo que não conheço quase nada acerca da mulher que trabalha na minha casa.

Ela se afastou um pouco de Mel e em seguida voltou a se sentar, nervosa. Começava a pensar que talvez Rhys estivesse analisando demiti-la do trabalho. A possibilidade de ficar sem emprego serviu como uma onda de medo crescendo dentro do seu peito.

Desde os primeiros meses de Mel, Rose passara a viver sozinha em um pequeno apartamento no subúrbio de Cloudborn. O lugar era apertado e estava abarrotado de coisas, mas servia ao propósito de representar um lar.

Rose não queria voltar a viver com Carly Jane, sua tia, e Violet, sua avó. Apesar de se sentir realmente feliz ao lado das duas, acreditava verdadeiramente que já era hora de viver a própria vida, ter a própria casa.

Tia Carly Jane fora a responsável pelas melhores memórias que Rose tinha da infância. Nos eventos da escola, era ela quem estava presente. Aos domingos, sempre fazia biscoitos de laranja recheados e nunca, nunca deixava de sorrir.

Talvez por isso Rose sorrisse tanto.

Quando sua mãe decidira partir com a desculpa de que não estava preparada para cuidar de uma criança pequena, sua tia assumira o papel e não abandonara Rose. De certa forma, aquela fora uma benção para todos, afinal Carly Jane nunca se casou e conseqüentemente não teve filhos.

Não era necessário refletir muito para concluir que Rose crescera rodeada de mulheres diferentes e exóticas, mas, acima de tudo, fortes à sua maneira. E exatamente por aquela razão que ela não queria depender da sua

família a vida inteira.

Queria formar o próprio lar, viver a própria vida. Precisava, de alguma maneira, dar orgulho à sua tia e à sua avó.

— Eu adoraria saber a razão pela qual está fazendo todas essas perguntas. — Rose era uma mulher direta e odiava quando alguém tentava conversar em círculos sem ir direto ao ponto. — Está pensando em me demitir? Não estou fazendo um trabalho bom o suficiente?

Rhys abriu um sorrisinho cínico e totalmente sem humor. Sem dúvidas, ele era o tipo de homem que havia desaprendido a sorrir genuinamente há muito tempo.

— Pare de se preocupar tanto. Não estou planejando demitir você. Quero apenas te conhecer um pouco mais. — Ele desviou o olhar e observou a pequena Mel, que brincava com o ursinho sem prestar nenhuma atenção nos adultos.

Rhys não gostava muito de observar bebês, pois o faziam se lembrar do seu filho, que morrera tão jovem. Apesar dos anos, tinha a total certeza de que nunca seria capaz de superar completamente aquela perda. Um pai nunca deveria perder um filho, em nenhuma possibilidade ou realidade, pensou.

— O seu interesse repentino é no mínimo estranho. — Rose deu de ombros.

— Eu não sei se entendi muito bem. Você não colocou o nome do pai na certidão de nascimento da garota? — Ele levantou uma das sobrancelhas, ansioso por ouvir a resposta.

— Como eu disse, não sei o nome do pai dela.

Rhys ficava um pouco confuso cada vez que ela repetia aquela afirmação. Rose parecia inocente demais para ter se relacionado com tantos homens a ponto de sequer saber a identidade do pai da própria filha. Aquela história era estranha, pensou. Certamente existiam mais detalhes que ela

simplesmente não estava contando.

— Tenho uma proposta para fazer. — Apesar da afirmativa, ainda estava pensativo conforme as palavras escapavam de sua boca.

Ele não conhecia muitas pessoas em Cloudtown. Desde que decidira se isolar naquelas terras, se tornara um homem solitário e totalmente sem amigos ou contatos. Por isso, sabia que Rose seria a única opção que tinha naquele momento. Caso contrário, perderia não apenas as terras, mas a casa em que morava. Definitivamente não estava disposto a perder tão rápido as únicas coisas que importavam.

Ainda não tinha um plano formado na cabeça. Estava tentando agir conforme as ideias surgiam em seus pensamentos. A única certeza que tinha era a de que não tinha muito tempo e precisava agir o quanto antes.

Rose era mãe solteira, aparentemente tinha dificuldades financeiras e sequer conhecia o pai da própria filha. Certamente aceitaria ajuda econômica caso ele oferecesse algum tipo de acordo.

— Qual proposta? — Rose arregalou os olhos, totalmente surpresa. Não esperava, nem em um milhão de anos, ter qualquer tipo de conversa com o seu chefe, muito menos receber uma proposta, fosse qual fosse. — Não sei se gosto do rumo da nossa conversa.

Se sentia muito desconfortável, pois não tinha ideia do que podia esperar de Rhys. Apesar de trabalhar naquele lugar há tanto tempo, não o conhecia bem o suficiente. Não sabia suas intenções.

— Inicialmente, talvez não faça muito sentido para você. Mas planejo explicar tudo. — Ele começou a falar tentando manter a voz calma. Não queria deixar Rose mais nervosa do que o que já estava.

— Planeja explicar tudo o quê?

— Quero colocar Mel como herdeira de parte dos meus bens.

Rose se sentiu um pouco tonta e prendeu a respiração, sem saber o

que responder.



Capítulo 6

Ele quase sentiu vontade de rir. Toda aquela situação era ridícula. Seu pai deixara aquela cláusula no testamento apenas como uma vingança, afinal Rhys desistira das empresas da família com o intuito de se isolar permanentemente em uma cidade qualquer do interior.

Joseph sempre fora muito bom em fazer dinheiro, mas morrera sem saber como ser carinhoso, como demonstrar empatia. No passado, antes da tragédia, Rhys realmente costumava adorar trabalhar, fazer negócios e crescer o império que estava em suas mãos. Mas depois, de uma hora para outra, tudo mudou.

Agora, sequer conseguia se olhar no espelho sem sentir que havia se transformado em um monstro. E monstros, pensou, deveriam ser isolados. Apagados da sociedade por completo.

Mesmo que tentasse permanecer completamente invisível, ainda continuava vivo. Não sabia até quando, pois não havia nada que o motivasse a viver.

— Me desculpe, mas não estou entendendo muito bem o seu ponto.
— Rose estava um pouco pálida, mas tentava manter o controle. Não queria aparentar demasiada surpresa.

— Vou ser direto com você, pois essa é certamente uma situação delicada. — Ele apertou o cabo da bengala, sentindo-se um tanto impaciente.
— Como você mesma viu, recebi a visita de um advogado poucos instantes atrás. Ele veio me dizer que o meu pai faleceu.

— Oh, eu sinto muito...

Ele a interrompeu, estalando a língua e fazendo uma expressão de puro desdém.

— Guarde a sua pena para alguém que precise dela. Me deixe terminar. — Seu tom de voz soou um pouco grosseiro aos ouvidos dela. — Muito tempo atrás, antes de morrer, a minha mãe me presenteou com essas terras e com a casa principal, mas as coisas não eram exatamente como ela imaginava.

— O que quer dizer? — Rose levantou uma das sobrancelhas, curiosa.

— Quero dizer que o meu pai enganou a minha mãe. Ele disse que colocaria tudo no meu nome, mas mentiu. Agora, deixou um testamento estúpido. — Rhys revirou os olhos, chateado. — Só terei direito às terras e todo o resto caso eu apresente um herdeiro ou herdeira nos próximos dias. Como você bem sabe, sou solteiro. Como diabos eu poderia apresentar um herdeiro tão rápido?

— Exatamente por essa razão que você quer colocar a minha filha como sua herdeira. Entendi. — Ela abaixou o olhar, tentando pensar rápido. Quanto mais pensava, menos conseguia chegar à alguma conclusão. — Aparentemente, o seu falecido pai não era uma pessoa muito agradável.

— Ele sempre foi muito egoísta. Não tentou compreender as minhas razões para... — Ele fez uma pausa e engoliu em seco. — Bem, não tentou

compreender as razões das minhas escolhas.

Rose não sabia coisa alguma acerca do passado de Rhys. Sabia apenas que ele era um homem extremamente rico que passou a viver em Cloudtown há um par de anos e que aparentemente não gostava de receber visitas. Nada mais.

No início, quando começara a trabalhar para ele tempos antes, tentara começar algum tipo de conversa, mas não precisou de muito tempo para concluir que se tratava de uma perda de tempo. Rhys não tinha interesse nenhum nela.

— As pessoas que mais deveriam nos amar são exatamente as que conseguem nos machucar de forma mais profunda. — Rose não sabia exatamente a razão pela qual disse aquelas palavras. Sequer tinham intimidade para manter qualquer tipo de conversa.

Mas a verdade era que ela queria conversar com ele. Sempre quisera, desde o primeiro instante. Havia algo de muito misterioso naquele homem que a fazia querer descobrir mais. Fazia com que certo desejo crescesse em seu corpo, obrigando-a a tentar fingir que nada sentia.

— Qual o seu maior sonho, Rose Sinclair? — Ele lançou a pergunta de forma repentina, desviando totalmente do assunto relacionado à família. — Se você tivesse muito dinheiro, o que faria?

Ela ficou em silêncio por alguns instantes e sorriu, sonhadora.

— Não sou uma mulher com sonhos muito grandes. — Ela deu de ombros. — Eu sempre quis ter uma pequena livraria. Amo ler, amo a sensação de felicidade que sinto cada vez que termino um romance. Gostaria de trabalhar com isso. Mas Mel surgiu e então...

Relanceando o olhar na direção da garotinha que se mexia e fazia sons engraçados na cadeirinha, Rose sorriu mais uma vez. Não se arrependia de nada, pensou. Faria tudo exatamente da mesma maneira.

Mel havia se tornado sua vida, seu maior tesouro.

— Se você me permitir colocar a sua filha como herdeira temporária dos meus bens, eu disponibilizarei o dinheiro que você precisar para abrir a sua livraria. — Ele se levantou da cadeira e se apoiou na bengala. — Esperarei pela resposta até amanhã, no horário do almoço. Não seja estúpida, senhorita Sinclair. Às vezes, algumas oportunidades surgem apenas uma vez.

Falando isso, ele se afastou com passadas lentas, mancando.

Rose abaixou a cabeça e fechou os olhos. Ficou ali, parada, durante longos minutos.

Aquela era uma ótima proposta, pensou. Mas ao mesmo tempo, não gostava da sensação de que estava utilizando a própria filha para conseguir atingir seus objetivos.

Em silêncio, ela olhou no relógio e percebeu que já estava na hora de ir embora. Se levantou e pegou Mel no colo. Rapidamente, arrumou a mochila enorme que sempre trazia consigo e com passadas largas, deixou as terras Clevenger.

Quando entrou na sua caminhonete velha e colocou a garotinha no banco de trás, decidiu que visitaria Tia Carly Jane. Ela sempre fora excelente dando conselhos, e era exatamente isso o que Rose estava precisando no momento.

Não tinha muito tempo, pensou. Precisaria decidir o quanto antes. Por isso, com a cabeça nas nuvens, deu partida na caminhonete e dirigiu pelas ruas calmas de Cloudtown.

Desde que chegara em sua vida, Mel havia mudado tudo. Rose precisara aprender a lidar com problemas que até então sequer conhecia. Precisara amadurecer, assumir responsabilidades. Crescer.

Agora, com a possibilidade de ter a livraria que sempre sonhou, Rose chegava à conclusão de que Mel detinha o poder de mudar sua vida mais uma

vez. Tudo o que ela precisava fazer era aceitar a proposta.



Capítulo 7

A casa de Tia Carly Jane era tão exótica quanto ela. Os livros se espalhavam por todos os lugares e nos espaços livres havia samambaias e vasos com flores. Os tons das paredes ficavam entre o azul e o rosa em uma mistura tão inadequada que, após algum tempo olhando, qualquer um passava a acreditar que tudo aquilo fazia sentido de alguma forma.

Quando Rose chegou com Mel nos braços, Tia Carly Jane ficou realmente surpresa com a visita tão inesperada. A sobrinha nunca aparecia sem avisar.

— Surpresas assim são sempre muito boas! — Com um sorriso imenso, pegou a bebê no colo. — Eu estava prestes a morrer de saudades da minha menininha!

— Você viu ela há uns dois dias. — Rose se sentou no sofá vermelho repleto de almofadas bordadas. — Não seja assim tão exagerada!

— Ora, insolente. Você não está no meu coração para medir a velocidade que a saudade cresce dentro do meu peito. — Ela levantou Mel e

fez sons com a boca, fazendo a garotinha soltar gargalhadas. — Minha bebê tão linda não para de crescer!

Na juventude, Tia Carly Jane sonhara em ser atriz. Durante algum tempo, fugira de casa com um namorado viciado em cigarros e passou quase cinco anos desaparecida. Durante esse tempo, fez alguns trabalhos no teatro e até estrelou um espetáculo em Nova York.

Segundo ela, o namorado viciado em cigarros fora o único homem que ela fora capaz de amar na vida. Até o dia em que o encontrou transando com uma das outras atrizes que trabalhavam ao lado dela no espetáculo em Nova York.

Apesar de doce e gentil, Tia Carly Jane nunca foi uma mulher boba. Não aceitava traição assim como não aceitava atitudes idiotas. Por isso, partiu sem olhar para trás, mas não sem antes acerrar o traidor com um soco bem no olho esquerdo.

Ela não falava muito sobre aquela história, mas desde então, algo dentro dela se quebrou. Preferiu nunca se casar e desistiu totalmente das aventuras como atriz de teatro. Quando Rose nasceu, encontrou uma nova razão para viver e era capaz de tudo pela sobrinha.

— Onde está a vovó? — Rose abraçou uma das almofadas e se aconchegou no sofá. Aquela casa sempre trazia boas lembranças.

Quase como se adivinhasse, Violet apareceu com passadas lentas, vindo da cozinha com uma xícara de chá. Seus cabelos enroladinhos que tinham cor de morango estavam muito bem penteados, como sempre.

— Vejam só quem está aqui... — Violet se aproximou da pequena Mel, acariciando sua cabecinha redonda. — A garotinha mais linda que eu já vi.

— Acho que estou perdendo espaço nessa família. — Rose ajudou Violet a se sentar e em seguida lhe deu um beijo estalado na bochecha. —

Vim pedir um conselho. É sobre algo urgente.

Ativando seu lado protetora, Tia Carly Jane se sentou no sofá ao lado da sobrinha enquanto segurava Mel com as duas mãos.

— Não me deixe nervosa. Já não tenho idade para más notícias. O que é tão urgente? — De forma extremamente exagerada e teatral, soltou um longo suspiro preocupado.

— Na verdade, eu diria que é algo bom. Ou talvez não. Vocês é que vão me dizer.

Ali, olhando fixamente para as duas gerações de mulheres que mais admirava, Rose sentiu uma onda de gratidão inundar seu peito. Realmente não sabia o que seria da própria vida sem aquelas duas ao seu lado.

— Diga de uma vez, criança! — Violet exclamou e bebericou um pouco do chá, impaciente.

— Rhys Clevenger, o meu chefe, quer colocar Mel como herdeira dos bens dele durante algum tempo. Em troca, planeja financiar um negócio para mim no centro da cidade. — Rose suspirou por alguns segundos. — Sei que tudo isso pode soar bem estranho, mas estou prestes a aceitar.

— Por que ele faria algo assim? — Perguntou Tia Carly Jane ao levantar uma das sobrancelhas exatamente como a sobrinha fazia quando estava curiosa.

Com cuidado, Rose explicou toda a situação desde o início. E agora enquanto falava sobre tudo aquilo em voz alta, percebia que seria tolice recusar a oferta. Não tinha nada a perder.

Por outro lado, havia algo dentro dela que aparentemente estava inclinado a recusar. Odiava ter a impressão de que estava usando Mel para melhorar a própria vida. Mas ao mesmo tempo, o futuro da garotinha estava em suas mãos. Uma melhora econômica seria importante para as duas.

— É claro que você deve aceitar! — Tia Carly Jane sorriu. — O

homem precisa de ajuda e você pode ajudar. Qual seria o problema?

— Não sei. Eu não preciso de homem nenhum para pagar as minhas contas e...

Rose foi interrompida por sua avó.

— Às vezes, o orgulho nos cega. Todas nós sabemos que você não precisa de ninguém para pagar as suas contas, mas quando uma oportunidade aparece, devemos nos agarrar nela com as duas mãos, com as duas pernas, com o corpo inteiro. — Violet pousou a xícara já vazia em cima da mesinha de centro. — Deus sabe o quanto você sonha em ter uma livraria.

— E talvez Deus seja o responsável por colocar essa oportunidade na sua vida. — Completou Tia Carly Jane. — Mas existe um fator importante, minha menina.

— Qual fator? — Rose olhou fixamente na direção da tia, sentindo-se um pouco aliviada por receber sua aprovação.

— Você precisará contar a verdade acerca da pequena Mel para ele. — Quase que de maneira automática, Tia Carly Jane abraçou a garotinha.

— Não acho que seja necessário.

— Ele precisa saber a história toda, querida. — Violet falou com tom de voz doce. — De certa forma, ele irá confiar parte dos bens dele nas suas mãos. Confie nele para contar a sua história.

Com um aceno de cabeça, Rose concordou. Nunca se sentia preparada o suficiente para conversar sobre a verdadeira história da sua pequena Mel. Mas Rhys merecia saber a verdade.

Por isso, quando se despediu de sua tia e de sua avó minutos mais tarde, e voltou para casa, passou o resto do dia pensando na conversa que teria no dia seguinte com Rhys.

Algumas histórias precisavam ficar no passado. Mas, vez ou outra, elas sempre retornavam de alguma maneira.



Capítulo 8

Naquela mesma noite, Rhys caminhou lentamente pelos corredores silenciosos da mansão que aprendera a chamar de lar. Agora, já não sabia se teria a oportunidade de continuar morando ali.

Durante muito tempo, sua mãe fora a única capaz de fazê-lo acreditar na beleza da vida. Mesmo infeliz, tentara trazer felicidade aos dias do garoto que ele fora um dia. Quando ela morrera, aquelas terras, que teoricamente foram um presente vindo dela, passaram a representar o refúgio que ela tanta representou em vida.

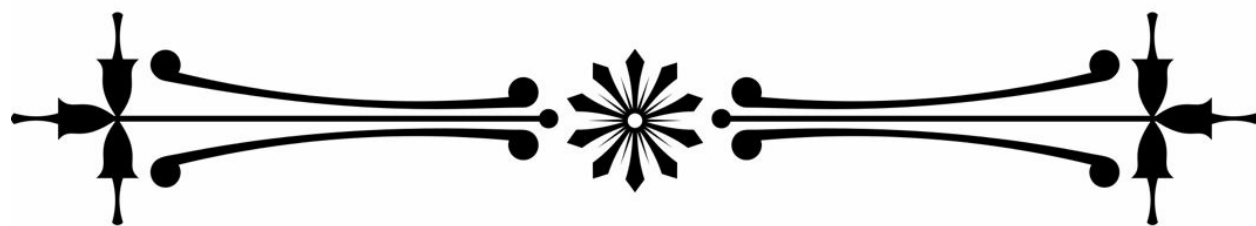
Com um suspiro, Rhys se sentou em uma das poltronas da sala de estar. Usualmente, não era um homem que costumava expressar emoções facilmente. Não costumava se permitir sentir, pois há muito tempo passara a acreditar que sentimentos sempre causavam dor.

Mas naquela noite em especial, sentia certo aperto no peito. Angústia. Tristeza. Não queria perder seu lar, e mesmo que tentasse negar, tinha total consciência de que tudo dependia de Rose Sinclair. Caso ela se negasse a

aceitar sua proposta, dificilmente ele encontraria alguém confiável o suficiente em tempo hábil.

Na verdade, Rhys tentava não se esquecer do fato de que não conhecia quase nada acerca de Rose Sinclair. Sabia apenas o que ela queria que ele soubesse. Portanto, aquela mulher não podia ser considerada exatamente confiável, mas mesmo assim continuava sendo a melhor opção para a situação em que se encontrava.

Segurando sua bengala com a mão esquerda, ele fechou os olhos e recostou a cabeça na poltrona. Sua cabeça girou, deixando-o um pouco tonto. E de uma hora para outra, pegou-se relembrando o dia em que teve a última conversa com seu pai.



Rhys estava sentado em uma cadeira metálica enquanto esperava para conversar com seu pai. Se sentia um pouco nervoso, mas, ao mesmo tempo, tinha a sensação de que estava entorpecido pela dor. Pelo desespero. Depois de passar tanto tempo desacordado, tinha a sensação de que havia parado totalmente no tempo.

E ao voltar, sua esposa e filho estavam mortos.

Ainda parecia surreal a ideia de que perdera tudo o que havia de

mais importante em sua existência durante uma única noite. Não conseguia compreender como o destino podia ser tão cruel. Tão avassalador.

Quando a secretária anunciou que Rhys, após quase uma hora de espera, podia entrar, ele se levantou e tentou se forçar a caminhar.

Rhys não sabia que tipo de força poderosa Joseph Clevenger usava para controlar as pessoas ao seu redor, mas, mesmo depois de haver se tornado um homem adulto, tinha a sensação desconfortável de que nunca deixaria de ser um garoto estúpido aos olhos do pai.

Ao entrar na sala totalmente sem objetos decorativos e completamente impessoal, ele apenas se sentou e engoliu em seco ao se posicionar de frente para Joseph, tentando manter a calma. Tinha um anúncio a fazer.

— Você está horrível. — Joseph olhou para a bengala em uma das mãos do filho e estalou a língua em desdém. — Nunca imaginei que um dia veria o meu filho se tornando um aleijado.

Rhys até movimentou os lábios para responder, mas logo concluiu que não valia a pena.

— Agora que me recuperei o suficiente, gostaria de conversar com você sobre alguns assuntos importantes. — Ele fez uma pausa breve e apertou a madeira da bengala com as duas mãos em um sinal de total nervosismo. — Assuntos relacionados às empresas da família.

Inicialmente, Joseph não pareceu se importar muito com o que Rhys tinha para dizer. Por isso, desviou totalmente do assunto.

— Eu não gostava muito dela. Quero dizer, da sua esposa. — Joseph balançou a cabeça lentamente em sinal negativo, quase como se sentisse asco somente por pensar no assunto. Falava de maneira causal, como se conversasse sobre o tempo. — Devo confessar que fiquei feliz ao saber da morte dela. Até pensei que você poderia se casar de novo com uma mulher

mais adequada. Mas agora, com essas cicatrizes no seu rosto, você mais parece um demônio vindo desses filmes ruins de terror que são exibidos durante a madrugada.

Em completo choque, Rhys apenas piscou os olhos, tentando assimilar as palavras que se assemelhavam a disparos em seu coração.

De certa forma, esperou, mesmo que de maneira frágil, receber certo apoio do pai. Mas naquele instante, teve completa certeza de que estava totalmente sozinho dali em diante. Sem mãe, sem esposa e sem filho. Sozinho.

— Não quero falar sobre isso. — Clamou Rhys, sentindo um bolo se formar em sua garganta. Odio-se por estar tão sensível, por se importar com aquelas palavras.

— E o seu bebê... — Joseph abriu um sorrisinho. — Soube que encontraram a cabeça do bebê distante do corpo. Que desgraça!

Rhys fechou os olhos e uma lágrima escorreu por sua bochecha. Sentia-se tão mortalmente destruído que sequer teve forças para esbravejar, para rebater.

— Pare de falar. — Sua voz soou destrocada.

— Mas você sabe que a culpa foi sua. Havia álcool no seu sangue. Totalmente irresponsável... — Joseph abaixou o tom, falando calmamente. — Assassinou a própria família.

— Por que você nunca gostou de mim? — Rhys quebrou o silêncio. Seu coração sangrava. — Por que fala todas essas coisas? Sabe que está me machucando e continua falando.

— Nunca gostei de você porque você me lembra a sua mãe. Porque você cheira a fracasso. — Joseph se levantou da poltrona e caminhou pelo escritório com as duas mãos unidas, como se estivesse relembrando alguma coisa. — Eu nunca quis me casar com ela, Rhys.

— E por que se casou?

— Nós transamos e ela engravidou. — Ele sorriu, mas não havia humor em seu sorriso. — Eu tinha muito o que viver, tinha planos. Vontades. Mas ela engravidou.

— Era melhor não ter se casado. Você fez a minha mãe sofrer. Ela sofreu até o dia em que morreu no hospital. Você não estava ao lado dela, você... — Rhys soluçou e odiou-se ainda mais. De repente, era como se tivesse se tornado um garotinho outra vez.

— Ah, pelo amor de Deus, Rhys, cale a boca! — Joseph se aproximou do filho. — Você e eu sabemos que eu precisei me casar com ela ou o escândalo se instalaria nas empresas da nossa família. Eu não poderia ter um bastardo.

— Às vezes, nem sempre o que parece ser a atitude certa é, de fato, a atitude certa. Você deveria não ter se casado. — A voz de Rhys era calma, apesar da dor.

De maneira abrupta, Joseph levantou a mão, lançando um tapa no rosto do filho.

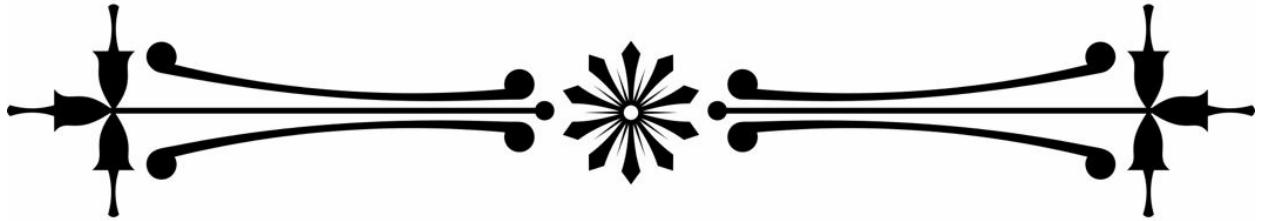
— Pare de chorar como um idiota perdedor. Você me dá nojo!

— Vim aqui apenas para dizer que não pretendo mais trabalhar nas empresas da família. Preciso me recuperar e... — Rhys fez uma pausa e semicerrou os lábios. — Você não entenderia.

Sem esperar por resposta, Rhys apenas se afastou de Joseph e caminhou na direção da saída.

— Isso mesmo, desista de tudo e suma! Com esse rosto, mulher nenhuma irá aceitar estar com você. Nunca mais terá um herdeiro. — Joseph soltou mais uma das suas falsas risadas. — Apenas suma!

Tentando já não ouvir coisa alguma, Rhys apenas se retirou. Nunca mais voltou a pisar em nenhuma das empresas da família.



Voltando os pensamentos para o presente, Rhys por fim compreendeu que a cláusula do testamento era uma última maneira que Joseph encontrara de fazê-lo reconhecer que nunca seria capaz de formar uma família outra vez. Que nunca seria capaz de ter um herdeiro outra vez.

Havia se tornado um monstro deformado e solitário. Se acostumara com a própria realidade assim como o sol se acostumava a surgir no céu todos os dias.

De maneira repentina, se levantou da poltrona e, apoiando-se na bengalada, caminhou até o escritório. Durante longos minutos, procurou pelo contato de Rose Sinclair.

Quando encontrou, discou o número no celular e esperou até que ela atendesse. Precisava conversar com ela.

Apenas precisava.



Capítulo 9

Rose adorava o cheirinho doce que Mel emanava após o banho. Após vestir as roupinhas em tons de roxo, puxou uma cadeira de balanço e se sentou de frente para a janela, observando as estrelas que piscavam insistentemente.

O apartamento era minúsculo e silencioso. Apesar da quantidade de coisas, até podia ser considerado confortável.

Exatamente como sempre fazia quase todas as noites antes de colocá-la para dormir, Rose começou a conversar de forma sussurrada com a garotinha.

— Hoje foi um dia estranho. Me sinto um pouco perdida, mas talvez a vovó esteja certa. Algumas oportunidades não devem ser dispensadas... — Rose ficou em silêncio por algum tempo e sorriu quando Mel balançou as mãos gordinhas em sua direção. — Espero que você não fique chateada comigo algum dia, caso eu realmente decida aceitar colocar você como herdeira temporária do meu patrão apenas para conseguir abrir a minha

livraria. Espero que possa entender...

Quase como se não existisse nenhum problema no mundo, Mel apenas sorriu enquanto ouvia a voz melodiosa ecoando no silêncio da noite. Com muito cuidado, Rose pousou uma das mãos em sua cabeça e passou a acariciá-la lentamente, fazendo movimentos circulares.

Aos poucos, a garotinha começou a relaxar, parando de se movimentar. Mel quase nunca dava trabalho para dormir. Era extremamente calma e doce. Mas, para a surpresa de Rose, o celular quebrou o silêncio, fazendo um ruído desagradável.

Primeiro, olhou para baixo, garantindo que Mel ainda estava quase adormecida. Em seguida, se levantou e pegou o celular.

Ninguém ligava naquele horário. Além disso, o número era desconhecido, fazendo-a sentir um arrepio de curiosidade percorrer seu corpo.

— Sim? — Disse com um sussurro ao atender. Com dificuldade, segurou o celular com uma das mãos e a garotinha com a outra. Caminhou rapidamente pelo apartamento, tratando de colocar Mel no berço.

— Espero não ter acordado você. — A voz grossa e sem emoção se infiltrou nos ouvidos dela, fazendo-a congelar na saída do quartinho de Mel.

— Senhor Clevenger?

— Apenas Rhys, por favor.

— Não conheço esse número. Eu tinha apenas o seu telefone e...

— Estou ligando do meu número pessoal. Quase nunca uso. — Ele fez uma pausa leve. — Pode salvar esse, se quiser. Mas se não quiser, também não precisa.

— Entendi... — Ela simplesmente não sabia o que responder. Rhys nunca ligava, em nenhuma hipótese. Durante todo o tempo em que trabalhava para ele, nunca recebeu uma ligação sequer.

— Talvez não tenha sido uma boa ideia ligar tão tarde.

— Aconteceu alguma coisa? — Lentamente, ela fechou a porta do quarto e caminhou na direção da saleta, sentando-se no sofá velho. — Está tudo bem?

Silêncio se formou no outro lado da linha durante algum tempo, fazendo-a se sentir ainda mais preocupada. Quando ele por fim voltou a falar, Rose percebeu, de maneira muito inconveniente, que a voz dele soava ainda mais sexy ao celular.

— Estive refletindo acerca dos últimos acontecimentos. Sobre a proposta. — Ele falava de uma maneira totalmente sem emoção e, mesmo assim, tinha o poder de levar sensações estranhas ao corpo de Rose. — Você sabe o peso que a sua resposta terá amanhã, não sabe?

— Sim, eu sei. Tenho total consciência de que o assunto é importante para você. — Rose sentiu a própria voz estremecer um pouco em sinal de nervosismo. — Mas o assunto passou a ser importante para minha vida também.

Deus sabia o quanto ela refletira acerca da proposta durante todo o dia desde que deixara a casa dele. Às vezes, as coisas que aparentavam ser boas demais, sempre causavam desconfiança. Além disso, tudo aquilo estaria intrinsecamente relacionado à Mel. E, sem dúvidas, Rose era capaz de tudo para protegê-la.

Até mesmo recusar uma proposta irrecusável.

— Decidi ligar apenas para pedir que você pense bem antes de dar a sua resposta. Não são apenas os seus interesses que estão em jogo, mas os meus também.

Ao ouvi-lo falar, Rose teve a leve impressão de que talvez aquele fosse um pequeno sinal de fragilidade.

Ele está com medo, concluiu ela. Medo de perder o próprio lar, de

perder as terras que aparentemente tanto amava. Conseguia compreendê-lo, ou, no mínimo, tentar compreendê-lo.

Apesar de não conhecer o passado daquele homem, sabia que ele provavelmente tinha uma história difícil. As cicatrizes não estavam apenas em sua pele, mas em toda atitude e expressão que ele esboçava.

Não era necessário pensar muito para concluir que as terras eram de extrema importância para Rhys, afinal aquele era claramente o seu refúgio. E Rose sabia que qualquer pessoa necessitava de um refúgio para continuar vivendo. Para continuar lutando.

Naquele mesmo dia, lembrou, dirigira rapidamente até a casa de Tia Carly Jane para tentar conseguir algum conselho. Portanto, aquele lugar, com duas das pessoas que mais amava no mundo, obviamente eram o seu porto seguro. Certamente lutaria por elas caso fosse necessário.

Portanto, mesmo que não soubesse a história de vida de Rhys Clevenger, era capaz de ter empatia o suficiente para compreender as suas motivações. O seu medo.

— Durma tranquilo, Rhys. — Ela abriu um sorriso no meio da escuridão. — Ainda estou pensativa, mas acredito que o destino nos leva exatamente para o caminho que precisa percorrido. É isso o que a minha avó sempre diz.

— O destino nem sempre é justo, senhorita Sinclair.

— Devo concordar com você. Talvez o destino simplesmente não saiba o que é justiça. — Ela se recostou no sofá e fechou os olhos. — Mas durma tranquilo.

— Tenha uma boa noite. — Ele falou de maneira direta e até mesmo um pouco fria, mas aquela conversa em si já era muito mais do que o que Rose conseguiu durante todo o tempo que se passou desde que começara a trabalhar para ele.

— Obrigada. Você também.

Com isso, ele encerrou a chamada. Não muito tempo depois, aos poucos, Rose ouviu os sons baixinhos vindos do quarto. Com um sorriso, concluiu que Mel ainda não havia adormecido.

Colocaria sua criança para dormir e tentaria ter uma boa noite de sono. Deixaria de pensar tanto no dia de amanhã, pensou.

No entanto, mesmo que tentasse esquecer tudo aquilo para que pudesse dormir tranquila, não conseguia deixar de pensar em Rhys Clevenger e em sua voz profunda.



Capítulo 10

Exatamente como o combinado, Rose chegou às terras Clevenger antes do almoço. Naquela manhã, não estava com Mel. Havia decidido deixar a bebê com Tia Carly Jane para que assim pudesse conversar com Rhys sem se preocupar com o bem-estar da garotinha.

Pensara muito e por muito tempo, mas conseguira chegar à uma conclusão. Como tinha as chaves, entrou na mansão sem precisar esperar que alguém a recebesse. Trajando um vestido negro com detalhes em branco, aparentava estar preparada para algum tipo de guerra.

Havia algo de reconfortante no ato de se vestir bem durante os momentos que pediam coragem. Enquanto seus saltos brancos estalavam no piso de mármore, Rose levantou a cabeça e tentou dizer para si mesma que não precisava ficar nervosa. Não precisava ficar com medo.

Mas, se talvez fosse realmente sincera consigo mesma, enxergaria de maneira muito clara que se sentia nervosa porque precisaria estar na presença de Rhys Clevenger. Dali em diante, a relação que tinham iria mudar, ainda

que temporariamente. E aquele homem sempre tivera o poder de fazê-la se sentir ansiosa. Nervosa.

Rose nunca foi capaz de entender a razão por trás do seu nervosismo. Talvez fossem os olhos verdes masculinos que mais pareciam duas pedras de esmeralda. Ou provavelmente a voz intensa, que se infiltrava em seu corpo, em sua alma. Não queria ter pensamentos impuros acerca daquele homem tão sombrio, mas era incapaz de simplesmente controlar os próprios anseios.

Agora que precisavam conversar tão diretamente, Rose tinha a leve impressão de que entraria em combustão a qualquer momento. Durante toda a madrugada, tivera dificuldades para dormir, sempre relembrando a voz masculina ao telefone.

Você é completamente maluca, disse para si mesma. *Pare de pensar bobagens!*

Mesmo que nunca admitisse nem para si mesma, ela sabia que havia desejado Rhys Clevenger desde o primeiro momento em que pousara os olhos nele, quase dois anos atrás. De certa forma, quando ele impusera distância e silêncio entre eles, Rose se sentira um tanto grata, afinal já não correria o risco de continuar fantasiando acerca de um homem praticamente desconhecido.

Tentando colocar todos aqueles pensamentos em algum canto da mente, parou de frente para a porta do escritório. Respirou profundamente e fechou os olhos por alguns segundos, tentando manter o controle e parecer minimamente confiante. Deu duas batidinhas na porta e esperou a autorização para que pudesse entrar.

A voz dele ecoou, fazendo com que um arrepio percorresse sua pele.
— Entre.

Em silêncio, ela apenas obedeceu. Ao entrar no escritório, ficou surpresa ao perceber que havia outro homem sentado em uma das poltronas,

provavelmente o advogado de Rhys.

— Bom dia, senhorita Sinclair. — Rhys não fez menção de se levantar. Realmente não se importava em não parecer grosseiro. — Sente-se.

Rose notou que aquele não era um pedido gentil, mas uma ordem. E mesmo assim, fez exatamente o que ele mandou.

— Bom dia, Rhys. Espero não estar atrasada.

— Você sempre foi pontual. — Ele direcionou o olhar para o outro homem. — Esse é Jordan Burson, meu advogado.

— Ótimo. Prazer em conhecer você, senhor Burson. — Rose apenas acenou com a cabeça, se sentindo insegura e um pouco sufocada.

Quando despertara naquela manhã, Rose tivera total certeza de que estaria preparada para aquela conversa. Mas agora que o momento havia chegado, sentia como se algo desse cambalhotas em seu estômago.

— Ainda não entrei em contato com o advogado do meu falecido pai. — Comentou Rhys, quebrando o silêncio. — Eu não quis me precipitar.

Rose olhou fixamente na direção dele. Ele sempre vestia roupas em tons escuros. Naquele momento, trajava uma camisa social preta e lisa. Seus cabelos, também negros, eram lisos e os fios pareciam em um desalinho elegante.

Aos trinta e poucos anos, Rhys parecia carregar o mundo inteiro nas costas. E enquanto o admirava, ela se perguntou quais eram os pesos que ele precisava carregar. Quais eram as dores.

Por outro lado, Rhys não era tolo. Com o passar dos anos, através da solidão, aprendera a se tornar um homem observador. Por isso, percebeu o olhar fixo dela. Percebeu que ela sequer conseguia desviar os olhos para outra direção. E tudo aquilo o incomodou inteiramente.

Ele odiava quando as pessoas o olhavam fixamente. Sentia-se exposto, horrível. Um monstro. Provavelmente, Rose estava se perguntando

como ele havia se tornado uma besta.

Como havia destruído a própria vida.

De repente, Rhys sentiu a urgência de simplesmente sair dali. Terminar com tudo e sumir, escondendo-se em seu quarto, perdendo-se em algum livro. Mas, infelizmente, tudo o que fez foi permanecer imóvel, segurando firmemente o cabo da bengala que repousava em cima da mesa.

— Pensei muito durante a noite. — Disse ela, quebrando o próprio silêncio e abaixando o olhar. Olhou fixamente para Rhys por tanto tempo que sequer conseguia organizar os próprios pensamentos. — Mas já consegui chegar à uma decisão.

Rhys apenas balançou a cabeça e semicerrou os olhos, buscando qualquer sinal.

— E qual seria a sua decisão?

Rose engoliu em seco, lembrando cada uma das coisas que passaram por sua cabeça durante o dia anterior. O seu sonho de ter uma livraria dependia daquele momento, dependia das palavras que saíam da sua boca.

Durante todo o tempo em que trabalhou para Rhys, Rose nunca imaginou que um dia chegaria ao ponto em que estava. Nunca sequer poderia conceber a ideia de que teria a oportunidade de conversar verdadeiramente com ele por mais do que apenas alguns segundos.

Agora, ali estava ela, com o poder de decidir não apenas o próprio futuro, mas o futuro dele também. A vida podia ser irônica, pensou. Extremamente irônica. Bem sabia que a realidade de um destino podia mudar em questão de segundos.

— Quero que saiba que eu não estou pensando apenas em mim, mas também na minha garotinha. Desde que me tornei mãe, aprendi que nunca voltaria a poder tomar decisões sem antes refletir sobre os impactos que poderiam respingar nela. — Ela levantou um pouco a cabeça e olhou

fixamente na direção de Rhys mais uma vez. — Por isso, decidi que aceito a sua proposta. Mel poderá se tornar a sua herdeira temporária, Rhys.



Capítulo 11

As palavras de Rose levaram uma onda de alívio ao corpo de Rhys. Desejara tanto ouvir exatamente aquilo que seu coração estava acelerado, em uma mistura de euforia e triunfo.

— Eu sabia que você não seria tão tola a ponto de recusar a proposta. — Pela primeira vez em muito tempo, Rhys sorriu verdadeiramente. — A sua decisão foi realmente muito sábia.

— Espero que sim.

— Existem alguns pontos que eu gostaria de esclarecer antes de seguirmos adiante. — Ele relanceou o olhar na direção do advogado que ouvia tudo em silêncio e em seguida voltou os olhos para Rose outra vez. — Como nós dois sabemos, não conheço você bem o suficiente, senhorita Sinclair.

— Sim, tenho consciência disso. Mas trabalho para você há quase dois anos, isso deve significar alguma coisa. — Na verdade, Rose quis dizer que fora ele quem a evitara durante todo aquele tempo. Fora ele quem preferira

fingir que ela simplesmente não existia. Mas engoliu as próprias opiniões.

— Como eu mencionei anteriormente, colocarei a sua filha como a minha herdeira apenas por um curto período de tempo. O meu pai não se importava com essas terras e queria apenas pregar uma peça estúpida em mim após a sua morte. Por isso, ele não deixou muitas regras. Após receber os documentos que comprovem que as terras e a casa estão no meu nome, removerei a posição da garota como minha herdeira. — Rhys tentava falar tudo da maneira mais clara possível. Parecia tão frio e impessoal que fez com que Rose se sentisse um pouco mal.

Mel não era algum tipo de objeto que podia ser descartado quando Rhys bem quisesse. Mas, aparentemente, era exatamente assim que ele a enxergava. Utilizaria a criança durante o tempo que fosse necessário e depois, sem pensar duas vezes, a removeria da sua vida. Voltaria a ignorar sua existência exatamente como fez durante todo aquele tempo.

Apesar do incômodo que pareceu crescer dentro do peito, Rose apenas balançou a cabeça, concordando da maneira que podia.

— Tudo me parece adequado. — Disse ela, soando calma e tentando parecer tão impessoal quanto ele. — Se essas forem as suas preocupações, pode ficar tranquilo. Concordo com cada um dos pontos mencionados.

Ele movimentou os lábios no que parecia ser um sorriso falso. Em seguida, se remexeu na cadeira e ficou em silêncio, apenas olhando-a fixamente. Parecia avaliá-la por completo, quase capaz de ler sua alma.

— Isso não é tudo. — A voz rouca reverberou no escritório silencioso. — Durante o período em que Mel estiver como minha única herdeira, eu gostaria que você e ela passassem a viver aqui, nas terras Clevenger. Apenas por precaução, quero ter as duas por perto.

Bem, de certa forma, Rose compreendia as preocupações de Rhys. Ele era um homem milionário e estava prestes a colocar a filha de uma quase

estranha como futura herdeira de grande parte dos seus bens. Qualquer tipo de precaução podia ser considerada necessária e aceitável.

Por isso, mesmo desconfortável, balançou a cabeça positivamente. Durante o período em que estivesse morando nas terras Clevenger, teria que tentar se adaptar. Mas, enquanto refletia, concluiu que provavelmente se sentira extremamente solitária vivendo com um homem que se recusava a conversar com ela.

— Eu concordo em vir morar temporariamente aqui, mas com uma condição. — Ela se recostou na poltrona e uniu as duas mãos. Com uma onda de coragem, lançou um olhar de desafio na direção dele.

— Qual seria essa condição, senhorita Sinclair? — Rhys pareceu impaciente. — Tenha cuidado com o que vai pedir. Não estou tão desesperado quanto você pensa.

Mentiroso, pensou ele em silêncio. *Estava profundamente desesperado*, essa era a verdade.

Durante os seus anos como empresário, aprendera a ocultar as próprias emoções durante negociações importantes. O adversário não podia perceber suas fraquezas. Ou seja, Rose não podia começar a acreditar que detinha algum poder sobre ele.

— Se eu vier morar com você, Rhys, quero que converse comigo. Quero que pare de me ignorar. Não posso estar na presença de um homem que finge não notar a minha existência. — Ao terminar de falar, Rose sentiu a garganta seca.

E percebeu que estava falando em voz alta um desejo que há muito pulsava em seu peito.

Aproveitadora, quis gritar para si mesma. Estava se aproveitando da situação para se tornar amiga daquele homem. Não sabia a razão pela qual sentia tamanha atração por ele, mas simplesmente não conseguia resistir.

— Dentre todas as coisas que podia me pedir, optou pela mais difícil.

— Saber que a minha presença é vista como um grande incômodo para você certamente melhora muito a minha autoestima. — Rose ironizou e revirou os olhos, claramente um pouco irritada.

— Nada pessoal, senhorita Sinclair. Apenas não tenho paciência para socializar. — Ele limpou a garganta e continuou a falar. — Mas aceito a sua condição. Darei o meu melhor para não permitir que você se sinta sozinha durante a sua estadia.

Toda aquela conversa soava tão exageradamente formal que Rose sentiu vontade de rir. Crescera rodeada de mulheres brincalhonas, que mantinham conversas leves e a vida mais leve ainda. Por isso, para ela, era totalmente estranho precisar parecer tão contida enquanto falava com Rhys.

— Ótimo, acho que temos um acordo. — Ela balançou a cabeça.

No entanto, quase como um raio eclodindo em seus pensamentos, Rose se lembrou dos conselhos de Tia Carly Jane.

Ele precisa saber a história toda, querida.

A lembrança da voz dela ecoou, deixando-a um pouco tonta.

De certa forma, ele irá confiar parte dos bens dele nas suas mãos. Confie nele para contar a sua história.

Rose não gostava de falar sobre os acontecimentos do passado. Não gostava de retornar aos momentos em que a vida parecia injusta demais, difícil demais. Para ela, o melhor a se fazer era sempre seguir em frente, sem nunca olhar para trás.

Por outro lado, talvez Tia Carly Jane estivesse certa. Talvez realmente fosse necessário revelar um pouco acerca da história de Mel para Rhys. Provavelmente, ele sequer se importaria, afinal aquele homem quase nunca se importava com alguma coisa.

Mesmo assim, ocultar era o mesmo que mentir. E Rose odiava

mentiras.

— Aconteceu alguma coisa? — Rhys levantou uma das sobrancelhas, curioso e ao mesmo tempo preocupado. — Ficou pálida de repente.

— Existe apenas mais um detalhe que eu não disse até agora. — Rose estremeceu, tentando controlar as próprias reações. — Algo que talvez você deva saber.

— Diga de uma vez. — Ordenou ele.

Ela ficou em silêncio por algum tempo, buscando as palavras certas. Mas, quando por fim conseguiu falar, teve a sensação de que sua boca se movia de maneira quase automática, sem seu controle.

— Eu não sou a mãe biológica de Mel. — Disse Rose, sentindo o coração retumbar e se quebrar em um milhão de pequenos pedaços.



Capítulo 12

Sem dúvidas, Rhys ficou totalmente chocado. No entanto, de certa forma, esperava que algo assim pudesse surgir em algum momento, afinal Rose evitara falar acerca da história da pequena Mel durante todas as conversas que tiveram desde que aquela história toda havia começado.

Agora, os fatos começavam a fazer sentido. Enquanto relembrava a maneira defensiva com que Rose reagira ao falar do possível pai da criança, Rhys teve total certeza de que aquela história ainda era dolorosa para ela.

Usualmente, Rhys quase nunca se importava com as dores alheias. Acreditava verdadeiramente que já tinha os próprios problemas e não precisava se incomodar preocupando-se com os problemas dos outros. Mas naquele instante, ao observar o rosto feminino e delicado da mulher que esbanjava força e coragem perante os seus olhos, ele sentiu que queria se importar.

Queria descobrir um pouco mais acerca da vida daquela mulher e protegê-la. Proteger a garotinha que muito provavelmente já havia sofrido

perdas demais em seu pouco tempo de existência.

Por enquanto, Rhys ainda não sabia nada. Mas mesmo assim, era capaz de presumir apenas por olhar muito profundamente diretamente nos olhos de Rose. Havia dor ali, uma dor intrínseca e oculta, daquelas que destruíam a alma e marcavam, deixando cicatrizes por uma vida inteira.

E ele conseguiu enxergar tudo aquilo porque era exatamente o que enxergava cada vez que se olhava no espelho. Cada vez que tentava ler a própria alma.

— O que quer dizer, senhorita Sinclair? — Rhys sentiu a voz um pouco mais profunda, mais leve. Percebeu-se sensível, totalmente disposto a ouvir o que ela tinha para dizer.

Sentiu-se estranho, pois há muito tempo não se permitia sentir. Não se permitia colocar no lugar do outro, tentando compreender a dor alheia.

Em silêncio, Rose apenas relanceou o olhar na direção do advogado e Rhys percebeu o que ela estava pedindo.

— Eu... — Ela engoliu em seco.

— Por favor, poderia nos deixar sozinhos por alguns instantes? — Apesar da pergunta, Rhys estava claramente ordenando que o advogado saísse. — Volte depois, quando eu disser que pode.

Ainda totalmente em silêncio, o advogado pegou a pasta e saiu com passadas largas, fechando a porta do escritório atrás de si.

— Obrigada. — Rose abaixou a cabeça e sentiu o corpo estremecer. Odiava falar sobre aquele assunto. — Eu não planejava falar sobre nada disso, afinal eu sei que você não se importa. Para você, tudo isso é apenas um negócio. Quando conseguir o que quer, voltará a ignorar todo o resto.

— Não tente prever as minhas atitudes como se me conhecesse internamente. Você não me conhece. — Ele se levantou e caminhou na direção dela, voltando a se sentar na poltrona ao seu lado. — Vejo dor no seu

olhar. O seu sorriso desapareceu. E devo dizer que o seu sorriso quase nunca desaparece.

Rhys até se irritava com a capacidade que Rose tinha em sorrir o tempo inteiro. E agora, ao notar a nuvem negra em suas expressões delicadas, compreendeu que se acostumara com aquele sorriso. Passara a gostar daquele sorriso.

— Sorrir é como uma armadura. Basta movimentar os lábios e quase todos acreditam. Quase todos se sentem aliviados por não precisarem lidar com os seus problemas. — Ela balançou a cabeça, um pouco irritada enquanto pensava. — Mas às vezes, um sorriso pode representar o que há de mais oculto na dor humana.

Sem que sequer pudesse perceber, Rhys movimentou a mão, mas parou no mesmo instante. Não tinha nenhum direito de tocá-la. Não poderia.

— Deixei de sorrir há muito tempo. — Ele desviou o olhar, mantendo a atenção fixa em um globo terrestre dourado que ficava em cima da mesa de madeira maciça. — Quando sorrio, o meu rosto se repuxa. A pele fica rígida, as cicatrizes se avolumam. Eu...

Rose não foi tão contida quanto ele. Quando levantou a mão e o tocou no rosto, sequer tentou controlar os próprios impulsos. Em seguida, com os dedos delicados, o puxou levemente, fazendo Rhys voltar a olhar na direção dela.

— Não nos conhecemos muito bem, sequer somos amigos, mas nunca controle os seus sorrisos quando estiver ao meu lado. — Ela falou quase que com um sussurro. — As suas cicatrizes falam muito sobre a sua história. Não deveria ter vergonha delas.

Ela olhava fixamente, sem expressar nenhum sinal de aversão ou medo. Era quase como se realmente não se importasse com as cicatrizes que preenchiam o rosto masculino.

Sem que sequer pudesse compreender, Rhys sentiu vontade de chorar. Sentiu uma onda de sentimentos reverberando em seu peito. Piscando inúmeras vezes, tratou de guardar tudo outra vez, controlando o que quer que estivesse tentando sair.

Mesmo assim, ele soube que nunca se esqueceria daquele olhar. Havia ternura ali, tão pura quanto verdadeira. O suficiente para quebrar um pouco da armadura que Rhys precisara construir ao redor da própria existência.

— Você enxerga o mundo através de uma ótica que sou incapaz enxergar, senhorita Sinclair.

— Rose. Me chame apenas de Rose. — Pediu ela, abaixando a mão, envergonhada. Não deveria ter tocado o rosto dele. Sem dúvidas, aquela era uma atitude desrespeitosa. — Me desculpe por invadir o seu espaço pessoal. Eu não pensei e...

— Eu gostei. — Rhys sentiu o coração explodir no peito, pois estava totalmente exposto àquela mulher. — Não peça desculpas.

Ela ficou em completo silêncio por um longo tempo, pensando em como aquele homem podia apresentar inúmeros tons da própria personalidade e ser tão surpreendente em todos.

Ainda conseguia observar a frieza e o desinteresse, mas agora conseguia enxergar uma leve faísca. Conseguia compreender que uma pequena conexão havia se formado. E Rose gostava daquilo.

Gostava da ideia de tirar Rhys da própria escuridão.

— Conheço você há tanto tempo e mesmo assim, essa é a primeira vez em que eu sinto que tive a chance de conhecer você de verdade.

— Talvez conheça um pouco mais, caso não se assuste com a minha presença. — Ele soltou um longo suspiro. — Vamos, me conte a história que você está escondendo.

Rose levantou a cabeça e uniu as duas mãos em um sinal de

nervosismo.

— Tudo bem, vou dizer exatamente o que estou escondendo.



Capítulo 13

Quando Rose começou a falar, as memórias de um passado não tão distante ressurgiam em sua mente, fazendo-a estremecer.

— Quando nasci, a minha mãe entrou em uma depressão profunda e decidiu que nunca poderia ser uma mãe boa o suficiente para mim. Ela decidiu partir e a minha tia passou a cuidar de mim. Ela se tornou a minha verdadeira mãe. Mas, por causa disso, eu não tive irmãos, e talvez eu tenha sentido mais falta disso do que de qualquer outra coisa. — As palavras escapavam rapidamente. Era quase como se ela pensasse que caso parasse, seria incapaz de continuar. — Nos primeiros anos da escola, conheci Joyce Henderson. Amizades como a dela são únicas. Crescemos juntas, nos tornamos irmãs por escolha. E sempre serei grata por ter aprendido tanto com alguém que foi tão especial para mim.

No instante em que Rose parou de falar, Rhys se aproximou um pouco, sem saber o que fazer. Ainda não conseguia compreender a história totalmente.

— O que aconteceu com ela? — Incentivou ele, tentando fazê-la voltar a falar sem aparentemente estar pressionando.

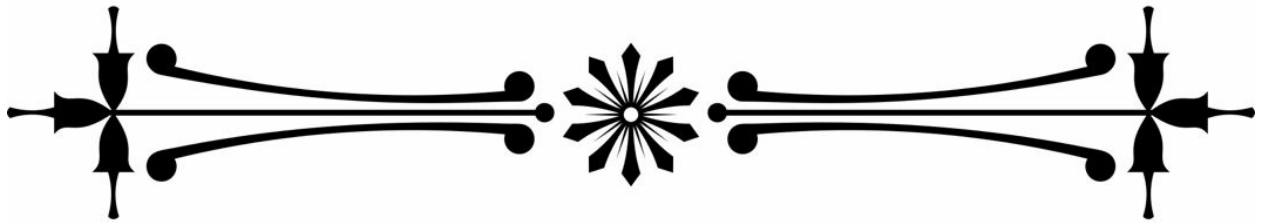
— Nós escolhemos caminhos diferentes. Decidi continuar vivendo em Cloudtown, vivendo uma vida simples. Como eu já te disse antes, nunca fui uma mulher de grandes ambições. Gosto de manter a minha existência através daquilo o que exige simplicidade. Sempre fui assim. Prefiro a vida calma e doce, sem a pressa da cidade grande. — Rose tinha um tom de voz suave, pacífico. — Mas Joyce era o total oposto de tudo o que sou. Ela sonhava alto, queria mais. Sempre quis mais. Por isso, decidiu viver na capital, tentar ganhar a vida por lá. Mas um dia, sem nenhum aviso, ela voltou. E estava se recuperando após trazer uma garotinha ao mundo.

Conforme a história avançava, Rhys percebia que a dor ia se aprofundando cada vez mais nos olhos de Rose. Ele queria tomar aquela dor, fazê-la desaparecer. Odiava saber que uma mulher tão inocente sentia tamanha angústia dentro do peito.

— A garotinha era Mel.

— Sim. Me lembro muito bem que Joyce estava muito frágil, muito magra. Pediu para ficar no meu apartamento e eu deixei, afinal ela sempre foi como uma irmã para mim. — As memórias giravam, deixando-a tonta. Arrasada. — Certa noite, Joyce simplesmente desapareceu, deixando a pequena Mel sozinha. Acordei durante a noite com uma ligação. Alguém de um bar no centro da cidade havia conseguido encontrar o meu número no celular dela. Joyce estava tão bêbada que sequer conseguia caminhar.

Rose se aprofundou cada vez mais nas próprias memórias, até chegar ao ponto em que teve a impressão de que estava voltando ao passado.



Rose trazia a pequena Mel consigo. Tentava caminhar rápido, sentindo as pernas queimarem conforme cortava as ruas da cidade. Ainda não tinha a sua caminhonete e fora exatamente naquela noite que decidira comprar uma quando pudesse.

Sequer precisou entrar no bar, pois Joyce Henderson estava sentada no chão do outro lado da rua, com vômito ao seu redor.

Preocupada, Rose praticamente correu para tentar ajudar a melhor amiga.

— O que aconteceu com você? — Ela se ajoelhou, segurando Mel com uma das mãos enquanto tentava levantar Joyce com a outra. — Você tem uma filha. Não pode desaparecer assim. Por favor, levante, eu não consigo...

Ela foi interrompida quando Joyce começou a falar com a voz engrolada. O fedor de vômito misturado com álcool era forte demais, fazendo com que o estômago de Rose revirasse.

— Ele está vindo. Ele me ligou. Ele vai me matar, Ross. — Joyce revirava os olhos, claramente tentando manter o foco, mas completamente fora de si. — Vá embora. Está tudo bem. Vá embora.

Rose ficou paralisada, tentando compreender as palavras da amiga. E ao observá-la tão destruída, lágrimas se avolumaram em seus olhos.

Durante muito tempo, Joyce fora o seu maior exemplo e a sua melhor companhia. Brincavam juntas, cresceram e passaram a sonhar, cada uma à sua maneira. Agora, enxergar as probabilidades do destino era simplesmente devastador.

— Do que você está falando? — Com a mão livre, Rose levantou a cabeça da amiga, pousando a palma em sua bochecha. — Vamos para casa. Você precisa dormir, minha amiga.

Joyce levantou o olhar e sorriu levemente, sem forças.

— Você sempre foi a irmã que eu nunca tive. Amo você.

Rose até fez menção de responder, mas se assustou quando passadas firmes se aproximaram.

Um homem trajando calça jeans e uma camisa xadrez trazia consigo uma pistola Glock nove milímetros em uma das mãos. Assustada, ela apenas deu dois passos para trás, abraçando a pequena Mel na tentativa de protegê-la.

A verdade era que Rose nunca havia visto aquele homem antes. Agora, percebia que já não conhecia a amiga tanto quanto imaginara.

— Leve a criança, vá embora. — O homem ordenou. Seus olhos estavam vermelhos e a pele parecia suada, pegajosa e suja. — Tenho um assunto a tratar com a minha Joyce.

Horrorizada, Rose se afastou um pouco mais e se encolheu. Logo, a pequena Mel começou a choramingar.

— Quem é você? O que quer?

— Sou o pai da criança, namorado de Joyce. Ela foi embora de Houston. Você sabia disso, não sabia? Ela foi embora e não avisou. — Ele levantou a arma. Primeiro, apontou na direção de Rose, em seguida na

direção de Joyce, que sequer se movia. — Ela foi embora porque eu avisei que estava sendo perseguido. Os negócios não são fáceis, você sabe. Puta traidora, isso sim.

Todas as palavras do homem pareciam confusas e totalmente fora de ordem. Era quase como se ele estivesse fora de si, em uma realidade paralela.

— Abaixе a arma, podemos resolver e...

A voz de Rose foi interrompida quando o homem apertou o gatilho. Disparou uma, duas, três, quatro vezes. Todos os disparos acertaram na cabeça de Joyce.

Observando a cena, Rose soltou um urro que saiu do mais íntimo que havia em seu ser. A cabeça da sua melhor amiga aberta, o sangue escorrendo, o vômito, os olhos sem vida.

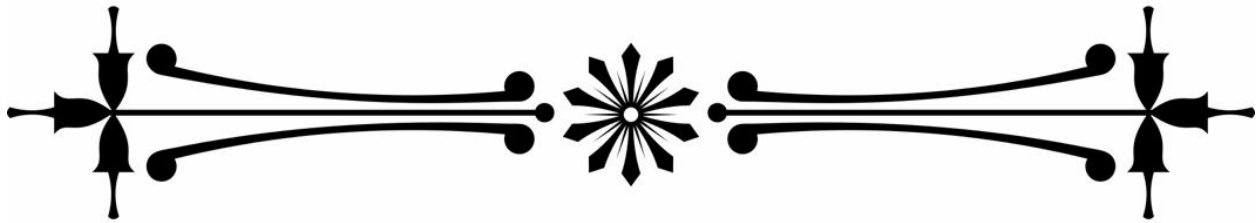
Tudo parecia um filme de terror, um pesadelo, um...

— Cuide da criança. — Falando isso, o homem pousou o cano da arma na própria cabeça e atirou, caindo totalmente desacordado.

Daquele momento em diante, Rose não se lembrou de mais nada. Simplesmente apagou, mas sem nunca soltar a pequena menina que havia em seus braços.

Quando despertou, precisou lidar com a realidade: a sua melhor amiga estava morta. E agora, Mel estaria para sempre sob sua responsabilidade.

Havia se tornado mãe, mesmo sem planejar.



Ao terminar de falar toda a história, Rose deu um pulo, quase como se estivesse despertando de um sono profundo, de um pesadelo horrível. Seus olhos estavam cheios de lágrimas, vermelhos.

Em silêncio, Rhys tomou coragem e quebrou o espaço que havia entre eles. Apenas a puxou para um abraço, tentando dar o melhor que podia.

— Eu sinto muito. — Ele quebrou o silêncio e em seguida, com uma das mãos, tentou limpar as lágrimas que escorriam das bochechas femininas.

— Com o tempo, eu descobri que aquele homem, na verdade, era Nacho Sanchez, um narcotraficante que enviava mercadora através de túneis localizados na fronteira com o México. Ele estava sendo perseguido não apenas pela polícia, mas também por homens do seu bando. Aparentemente, havia traído a organização. Segundo a perícia, naquela noite, ele estava sob o efeito de cocaína e apresentava um episódio de mania. — Rose soluçou por longos segundos e em seguida, totalmente despedaçada, olhou fixamente na direção do patrão. — Joyce não precisava de nada daquilo. Nunca precisou. Ela poderia ter levado uma vida pacata em Cloudtown, mas preferiu...

— Você não é responsável pela escolha de outras pessoas, Rose.

— Eu gostaria de tê-la salvado.

— Nem sempre podemos salvar as pessoas que amamos. — Quando as palavras saíram dos seus lábios, Rhys percebeu que sua voz estava quebradiça. — Mas você seguiu em frente, está cuidando da garotinha.

— Ela é a minha filha agora.

— Eu tenho certeza de que sim.

— Não quero que ela cresça e pense que eu a utilizei para crescer na vida. Não quero que ela pense que não me preocupo com ela. Aceitei a sua proposta porque quero ter uma vida mais estável, quero que ela seja feliz, quero que...

Rhys voltou a abraçá-la e Rose soltou um gemido baixinho repleto de dor e desespero.

— Você está fazendo a escolha certa. Não se pressione tanto.

Era estranha a sensação de abraçar outra pessoa depois de tantos anos, pensou ele. Não conseguiu evitar perceber o cheiro delicioso da colônia de baunilha com flores, fazendo-o inspirar profundamente.

Ao terminar o abraço, Rose levantou o olhar e abriu um sorriso lento, preguiçoso, e limpou as lágrimas

— Estou falando a minha história e espero que você compreenda que talvez a vida não tenha sido fácil com você, mas também não foi fácil comigo. Espero que você consiga enxergar que estou tentando acertar, pois a minha vida já não é somente minha. — Ela fez uma pausa e em seguida voltou a falar. — A minha vida agora é compartilhada com o da minha filha.

Rhys conseguia enxergar a força daquela mulher tão jovem e inocente. Consequia admirar a beleza do seu coração, que se quebrara em tantos pedaços e mesmo assim seguia sendo capaz de amar.

E de certa forma, ele quis ser um pouco como ela. Quis voltar a viver, a sorrir, ainda que já não fosse capaz de acreditar no próprio sorriso.

Quando a reunião acabou e Rose foi embora para arrumar as próprias

coisas, Rhys soube que algo havia mudado.

Soube que queria ser um homem diferente.



Capítulo 14

Após deixar as terras Clevenger, Rose precisou ficar um longo tempo parada, com a cabeça encostada no volante da sua caminhonete velha, que havia sido comprada na época em que pequena Mel entrara em sua vida de uma vez por todas.

Por cada ângulo que olhasse, Rose conseguia enxergar apenas o fato de que os seus dias haviam se tornado muito mais felizes e menos solitários desde que a garotinha se tornara sua filha. Era como se de uma hora para a outra, a vida voltasse a fazer sentido.

Após a morte de Joyce Henderson, passara um bom tempo em uma tristeza profunda. Perdera peso, conversava pouco e quase nunca saía de casa. Mas certo dia, Tia Carly Jane decidira que estava na hora de dar um basta.

Removera as cortinas e abrira as janelas do quarto de Rose. Em seguida, trouxera a pequena criança, colocando-a em cima da cama. Com apenas um olhar, fizera Rose compreender que não podia se entregar à tristeza, afinal Mel não podia ficar sozinha para sempre.

Dali em diante, pouco tempo depois, conseguira o trabalho nas terras Clevenger e aos poucos se permitiu sorrir outra vez.

Viver era uma aparente série de dores e perdas, quase como se a vida fosse uma luta interminável. Mas ao mesmo tempo, dia após dia, pequenas e grandes vitórias se formavam, fazendo com que tudo valesse a pena.

Por isso, Rose disse para si mesma que não se arrependeria por ter feito um acordo com o seu padrão. Quando crescesse, Mel entenderia.

Pensando nisso, dirigiu pelas ruas de Cloudborn e chegou à casa de Tia Carly Jane em poucos minutos. Lá, encontrou a garotinha brincando no tapete enquanto Violet bebia uma taça de vinho, ouvindo músicas antigas na rádio.

— Por favor, querida, me diga que deu tudo certo. — A senhora dos cabelos enroladinhos cor de morango pousou a taça em cima da mesinha no centro. — Já estava bebendo para comemorar.

Com um sorriso, Rose pegou a taça e bebeu o que restava com um gole.

— Deu tudo certo!

Agora que o acordo estava selado, ela passaria a viver nas terras Clevenger a partir do dia seguinte, e ali permaneceria até que todos os documentos estivessem devidamente assinados.

Sendo sincera consigo mesma, Rose sabia que provavelmente não seria um desafio tão grande, afinal passava muito tempo naquele lugar.

Além disso, tivera a oportunidade de conhecer um lado de Rhys Clevenger que até então não conhecia. E agora, a sua vontade de conhecê-lo ainda mais aparentemente havia crescido de uma maneira descomunal.

Ela não sabia explicar que vontade louca era aquela que crescia em seu peito deixando-a quase sem ar. Nunca havia sentido nada parecido antes. Era quase como se sentisse a necessidade extrema de se perder nos braços daquele homem, pois tinha a impressão que ao se perder, acabaria por se encontrar. Tudo aquilo era confuso demais, estranho demais.

Por isso, preferiu apenas ignorar exatamente como fazia há quase dois anos.

— Sim, deu tudo certo, vovó!

Tia Carly Jane surgiu de um dos corredores quase correndo. Com seus braços fortes, puxou a sobrinha para um abraço.

— Você fez muito bem, minha querida! Muito bem!

— Logo começarei a preparar a minha própria livraria. Poderei vender livros, espalhar romances pela cidade. — Os olhos de Rose literalmente brilharam. — Farei grupos literários, eventos e...

— Respire, meu bem. — Tia Carly Jane passou as duas mãos nos ombros dela. — Um passo por vez.

Rose se ajoelhou e pegou a filha no colo, fazendo-a sorrir.

— Iremos viver nas terras Clevenger por um tempo. — Disse mais para si mesma do que para a bebê. — Somente até os documentos serem repassados e selados.

Clowntown era uma cidade pequena, por isso, provavelmente algumas pessoas comentariam. Mas ninguém naquela família se importava com fofocas, por isso, Rose sequer se preocupou com o detalhe.

Ainda se lembrava muito bem dos dias após a morte de Joyce. O assunto era discutido em quase todos os lugares. Às vezes, paravam tanto Rose quanto Tia Carly Jane nas ruas apenas para tentarem obter alguma informação acerca da falecida.

Mas, assim como todas as fofocas, o assunto sempre desaparecia aos poucos. Por isso, ela estava preparada para viver os próprios sonhos sem permitir que possíveis comentários a impedissem de voar.

— Você fez a coisa certa. Não somente por você e para a sua filha, mas também para aquele homem. — Violet voltou a encher a taça de vinho. — Ele é muito solitário, muito misterioso. Poucas pessoas são tão destruídas a

ponto de simplesmente se isolarem como ele fez.

— Eu gostaria de saber qual a história dele. — Rose pensou alto e se arrependeu logo em seguida.

— Não force as coisas, meu bem. — Disse Tia Carly Jane. — As pessoas falam das próprias dores no tempo certo. E eu tenho certeza de que aquele homem carrega dores muito profundas.

— Você acha?

— Eu tenho certeza. Todos carregamos, com ele não seria diferente. — Tia Carly Jane fez uma pausa. — A diferença é que algumas dores destroem mais do que outras.

Rose apenas balançou a cabeça e sorriu para a pequena Mel. Mesmo sem querer, pegou-se pensando no olhar de Rhys, na voz rouca.

E quanto mais pensava, menos conseguia deixar de sentir seu coração clamando para que o conhecesse melhor.

Por isso, em silêncio, decidiu que não desistiria. Mesmo que ele a evitasse, mesmo que se fechasse, ela trataria de desvendá-lo. De fazê-lo aceitá-la. Ser humano algum merecia viver em uma completa solidão durante a vida inteira.

Apesar de misterioso e arisco, Rhys era um homem bom. Naquele dia, mais do que em qualquer outro, Rose pudera ter total certeza acerca daquilo. E ela retribuiria, sem dúvidas. Daria o seu melhor para fazê-lo sorrir outra vez.

Enquanto refletia, perguntou-se a razão pela qual se importava tanto. Se importara desde o início, desde o primeiro dia em que começara a trabalhar para ele. Mas agora, a vontade estava maior. Pulsante, intensa.

Ela já não ignoraria os conselhos do próprio coração.



Capítulo 15

Exatamente como o combinado, Rose não demorou muito para se alojar em uma das acomodações da casa das terras Clevenger. Naquela tarde havia decidido que prepararia um jantar especial para que pudesse comemorar o fato de que o acordo havia sido selado, e também para que pudesse conversar um pouco mais com Rhys.

Por isso, ela passou praticamente a tarde inteira cozinhando. Escolheu a receita de risoto de frango com creme branco, salada leve e uma garrafa de champanhe *extra brut*, para que brindassem naquela noite.

Apesar de não saber a razão, Rose se sentia animada com as novidades que a vida estava apresentando. Gostava de sentir que não estava estagnada, que, de alguma maneira, tinha a capacidade de continuar se movimentando, avançando. Se reinventando.

Sentada na cadeirinha de bebê, a pequena Mel apertava seu ursinho com força, fazendo sons com a boca.

— Você é a garotinha mais comportada que eu já conheci, sabia? —

Rose se abaixou e lançou um beijo estalado na bochecha da filha. — Será que irá continuar assim quando crescer?

Sem que ela percebesse, Rhys se aproximou por trás, se sentando em um dos bancos que estavam próximos aos balcões.

— Quando ela for adolescente, certamente deixará você louca. — Comentou ele, pousando a bengala em cima do balcão.

Rose sempre se assustava quando Rhys se aproximava daquela maneira, quase que de maneira sorrateira.

— Céus! — Ela levou uma das mãos ao peito. — Começo a pensar que você não anda, mas flutua. Nunca consigo ouvir os seus passos, e os meus ouvidos sempre foram muito bons.

Rhys aliviou um pouco a expressão que pesava em seu rosto e deu de ombros. Aos poucos, Rose começava a interpretar as atitudes dele. Mesmo sem sorrir, era óbvio que ele estava com um bom humor.

— Não acho que um homem manco como eu possa conseguir ser muito silencioso enquanto caminha. — Ele pegou a bengala e chocou a ponta contra o piso de madeira, fazendo barulhinhos quase inaudíveis. — *Toc, toc, toc...* Cada som, um passo.

— Talvez eu seja apenas desatenta. — Ela abriu um sorriso e deu as costas para ele. Aproximou-se do fogão para verificar o arroz. — Você sente dores na perna?

— Na verdade, não. — Abaixou a cabeça por alguns instantes. — Os ossos do meu pé foram esmagados algum tempo atrás. Não sinto quase nada.

As palavras dele levaram uma onda de choque ao corpo dela, fazendo-a congelar por alguns instantes. Era como se uma rajada de ar frio tomasse seu coração. Em seguida, na tentativa de não parecer exageradamente afetada, continuou a preparar os ingredientes do jantar.

— A vida não foi fácil com você. — Foi tudo o que ela disse, sem olhar

para trás. — E mesmo assim, você seguiu em frente. Dia após dia.

Rose se sentiu estúpida por estar falando aquelas coisas. Não conhecia a história dele. Não sabia quase nada sobre ele. Obviamente não tinha o direito, ou a possibilidade, de fazer afirmações como aquela.

— E a vida é fácil com alguém? A vida foi fácil com você, por acaso?
— Ele estalou a língua. — A vida é uma eternidade de momentos difíceis com apenas alguns curtos períodos de felicidade.

— Não concordo com a sua opinião. — Agora, um pouco mais confiante, ela decidiu se virar na direção dele. Limpou as duas mãos em um pano de prato que estava em cima do balcão e em seguida tratou de olhá-lo diretamente nos olhos masculinos.

— Não concorda?

— Não. A felicidade está nos pequenos detalhes. Se não conseguimos valorizar os detalhes pequenos, então nunca seremos capazes de valorizar os detalhes aparentemente grandes. — Rose pegou o ursinho das mãos da filha, fazendo com que Mel fizesse uma expressão triste no mesmo instante. — Mel estava feliz brincando com o ursinho, agora não está mais, pois eu o tirei das mãos dela. Um simples detalhe, mas grande o suficiente para fazê-la feliz.

Ao terminar de falar, Rose voltou a entregar o ursinho nas mãos de Mel, fazendo-a sorrir e balançar as perninhas.

Em silêncio, Rhys se levantou e caminhou na direção da bebê. Em seguida, em um rompante, voltou a tirar o ursinho das mãos da garotinha, fazendo-a unir os dois lábios em uma expressão de choro.

— A vida toma, mas não devolve. Essa é a diferença. — Ele balançou a cabeça lentamente. — Você precisa aprender a lidar com a ausência, com a dor da saudade, com a dor da morte.

Rose se aproximou dele e em seguida recuperou o ursinho, entregando-o nas mãos da bebê.

— Mas sempre é possível encontrar alguém que nos ensine a sorrir outra vez. Que nos faça acreditar que vale a pena continuar acreditando. E às vezes, esse alguém, está dentro de nós mesmos. — Ela acariciou os poucos fios de cabelo da filha e sorriu. — Basta abrir as janelas e permitir que a luz entre, Rhys.

Ele se afastou, mancando, e se direcionou para a saída da cozinha.

— Quando um homem se esquece de sorrir, então significa que as janelas já não podem ser abertas. Já não há luz.

Antes que ele saísse de uma vez, Rose tratou de responder rápido.

— Você está enganado. Sempre há luz em algum lugar. Basta olhar com olhos de esperança.

— Bobagem. — Falando isso, ele partiu, deixando-a sozinha.

Rhys não gostava de ouvir nada daquelas besteiras. Odiava, na verdade. Não queria se permitir ter esperanças outra vez, afinal a sua vida fora totalmente destruída no dia daquele maldito acidente.

Desde então, apenas fingia que estava vivo. Mas, por dentro, tinha a completa consciência de que havia morrido há muito tempo.

No entanto, pessoas mortas não sentiam coisas. Pessoas mortas não sentiam o coração batendo de forma acelerada dentro do peito. E aquilo, era exatamente o que ele estava sentindo naquele momento.

Tolo, disse para si mesmo. *Você está morto por dentro. Pare de sonhar.*

Irritado com os próprios pensamentos, ele se trancou em seu quarto e permaneceu ali, deitado em sua cama, pelo resto do dia. A escuridão apesar de dolorosa, aparentemente era menos assustadora do que a ideia de sonhar com a felicidade outra vez.



Capítulo 16

Quando o anoitecer chegou, toda a casa recendia ao jantar que Rose havia preparado. Na sala de refeições, os pratos estavam postos, com um candelabro que continha diversas velas acesas no centro da mesa de madeira brilhante.

Ao observar o trabalho pronto, ela ficou orgulhosa e teve a total certeza de que Rhys também gostaria.

Naquela tarde, durante a conversa que tiveram, fora possível perceber que ele estava tentando socializar um pouco mais. Pela primeira vez desde que começara a trabalhar ali, começava a conhecer aquele homem. Por isso, Rose se sentia feliz e satisfeita com o avanço que estavam tendo.

Ansiosa, caminhou pelos corredores da casa enorme até chegar à suíte principal. Com a pequena Mel em um dos braços, deu algumas batidinhas na porta e esperou pela resposta.

Não demorou muito para que a porta se abrisse. Rhys apareceu trajando uma camisa de manga longa negra e calças da mesma cor. Estava descalço e

os cabelos pareciam ainda molhados, um pouco rebeldes. Sua expressão, sempre sombria e contida, estava séria, sem nenhum sorriso.

— O jantar está pronto. — Rose tentou controlar as próprias sensações, mas fracassou. Ficou totalmente sem fôlego apenas por pousar os olhos naquele homem tão... misteriosamente tentador.

— Você sabe que não está aqui para fazer o meu jantar, não sabe?

— Rhys, eu não fiz o *seu jantar*. Fiz o meu jantar e, conseqüentemente, estou convidando você a me acompanhar. Não me entenda mal. — Ela deu de ombros. — Você realmente não precisa pensar tanto acerca de todas as coisas.

— Eu não penso muito. Você está enganada. — Ele respondeu mais para si mesmo do que para ela, afinal sabia que pensava mais do que era capaz de admitir. Às vezes, queria apenas parar de pensar. Parar de relembrar.

Um silêncio se formou entre eles, fazendo-a abrir um sorrisinho desafiador.

— Está vendo? Você está pensando muito agora mesmo. Pensando em como pensa muito. — Ela soltou uma gargalhada. — Pare com isso. O que acha de segurar Mel um pouco?

Ela não esperou pela resposta. Colocou a bebê nos braços dele, fazendo-o ficar congelado, totalmente surpreso. Em seguida, afastou-se, caminhando na direção da sala de refeições.

— A comida vai esfriar.

Tentando caminhar o mais rápido que a sua perna falha permitia, Rhys tratou de segui-la. Mel balançava os braços, tocando seu rosto e fazendo-o sentir um arrepio de ansiedade crescendo em sua pele.

— Você não tem medo de mim, garota? — Perguntou à Mel. — Não tem medo do meu rosto?

A garotinha soltou uma gargalhada leve e em seguida apertou seu nariz.

Rose parou de caminhar e olhou para trás em um rompante, exatamente no segundo em que um sorriso surgiu no rosto de Rhys.

— Você... — Ela engoliu em seco e em seguida parou de falar.

— O que está olhando? — Perguntou ele à Rose, voltando a fechar o rosto, inseguro.

— Nada. — Ela sorriu, sentindo algo aquecer seu coração. — Gosto dessa visão. Digo, você segurando Mel. É divertido.

— Gosta da visão? Você só pode estar maluca. Vamos, garota. A sua mãe está delirando. — Arrastando a perna, ele se apressou com a garotinha nos braços e deixou Rose para trás. — Gosta da visão... Gosta da visão...

Mel apenas gargalhava, apertando as bochechas cheias de cicatrizes de Rhys. Ao chegar na sala de refeições, ele a colocou na cadeirinha de bebês.

Sem que sequer pudesse controlar o próprio coração, percebeu que gostava daquela garotinha que gargalhava por qualquer coisa. Gostava do cheirinho de bebê, das roupinhas cor de rosa e do fato de que ela aparentemente não tinha medo do seu rosto deformado pelo acidente.

Sentia tantas saudades do seu filho, pensou. Saudades da época em que podia pegá-lo no colo, correndo pelo jardim sem precisar se preocupar com a sua perna manca. Saudades de quando sorria sem medo e de como adorava cuidar de bebês, quase como se ser pai fosse o seu maior talento.

Em silêncio, balançou a cabeça inúmeras vezes, afastando as memórias.

— Ainda não sei a razão, mas me sinto feliz por estar aqui. Por compartilhar uma refeição. — Ela deu de ombros. — Você não sentia falta de compartilhar uma refeição com alguém?

— Não. — Ele abaixou a cabeça e engoliu em seco. Em seguida, estalou a língua. — Bem, sim. Você sabe que sim.

— Talvez o testamento do seu pai não tenha sido tão ruim assim. Você conseguiu uma amiga.

— Amiga? — Ele voltou a levantar a cabeça. — Você é muito doce, Rose Sinclair. Muito sensível, exatamente como as flores que remetem ao seu nome.

Ela sorriu e se afastou lentamente.

— É o que dizem. Tenho uma surpresa!

— Qual surpresa?

— Espere, vou te mostrar...

Ela sumiu por alguns segundos e, quando apareceu, trazia consigo uma garrafa grande de champanhe.

No instante em que a viu, Rhys sentiu seu peito se acelerar. Sentiu certa tontura, quase como fobia. Se levantou da cadeira, derrubando a bengala.

Uma taça de champanhe...

Uma taça de champanhe...

Uma taça de champanhe...

As memórias pipocaram em sua cabeça.

— Que diabos? — Exclamou, cego com os próprios pensamentos.

— Comprei uma garrafa de champanhe para que pudéssemos comemorar e...

Rhys não a deixou terminar. Aproximou-se dela em um rompante e agarrou a garrafa, atirando-a ao piso. Os vidros pipocaram, se espalhando e fazendo um som horrível. A pequena Mel, assustada, soltou um grito e começou a chorar.

— Nunca, nunca traga bebidas alcoólicas para essa casa! — Ele soava como uma fera, como uma besta em total descontrole.

— Eu não sabia que...

— Você não me conhece, Rose. Pare de tentar assumir o contrário. — Com isso, ele se afastou. Conforme caminhava, escorreu na bebida e caiu de joelhos, cortando a palma da mão ao tentar se apoiar no piso.

— Me deixe te ajudar, eu... — Rose aproximou para tentar ajudá-lo, mas ele a empurrou.

Ao se levantar, caminhou o mais rápido que pode e entrou em seu quarto, fechando a porta com força. Mesmo trancado, conseguia ouvir os ecos do choro da garotinha. Os ecos do seu filho morto.

Com a mão sangrando, se jogou em cima da cama e colocou a cabeça debaixo do travesseiro. E naquela noite, pela primeira vez em muito tempo, Rhys Clevenger chorou.

Chorou pela dor da perda, pela dor de ser quem era. Por saber que era um homem destruído que sequer era capaz de compartilhar um jantar.

E a cada soluço entre lágrimas, desejava desaparecer. Nunca mais ser visto ou ouvido por pessoa alguma.



Capítulo 17

Rose se sentia tão surpresa quanto chocada. A mesa posta e bonita já não parecia mais tão interessante. A noite, sem dúvidas, havia perdido totalmente o sentido. Perdido totalmente a graça.

Mel não parava de chorar. Com os olhos arregalados e o rosto cheio de lágrimas, balançava as perninhas e os bracinhos, como se pedisse ajuda.

Com o coração doendo, Rose pegou a filha no colo e se sentou em uma das cadeiras. Se movimentava levemente, tentando acalmá-la.

— Está tudo bem, querida. Não precisa ficar assustada. — Aos poucos, Mel começava a chorar cada vez menos.

Não costumava ser uma bebê com choros constantes. Por isso, bastava acariciar sua cabeça e conversar com ela para que aos poucos a calma voltasse.

— Rhys é um homem com muitos problemas, mas não é uma pessoa ruim. Eu posso ver nos olhos dele que não é uma pessoa ruim. — Rose aproximou a garotinha um pouco mais, fazendo-a pousar a cabeça em seu

peito. — Às vezes, a vida machuca. Machuca tanto que acaba quebrando as pessoas boas. A gente sabe quando uma pessoa é boa e quebrada. E eu sei que Rhys é bom e quebrado.

Rose queria sentir raiva dele. Raiva por abandonar a mesa sem sequer provar os pratos que ela havia preparado com tanto carinho. Raiva por quebrar a garrafa de champanhe que custara tão caro. Raiva por assustar a pequena Mel e em seguida partir, como se nada estivesse acontecendo.

Mesmo assim, tudo o que ela conseguia sentir era empatia. Era a vontade imensa de abraçá-lo, de fazê-lo acreditar na vida outra vez. Mas Rose já vivera o suficiente para saber que não podia curar as pessoas sozinha, que não podia fazê-las mudar. O passo inicial precisava partir dele. E ter consciência de tudo aquilo fazia com que ela se sentisse ainda mais triste.

Conforme a respiração da pequena Mel se acalmava, Rose puxou a cadeira um pouco mais para a frente e começou a se servir. Colocou um pouco da comida no prato e comeu lentamente, mastigando enquanto se perdia entre pensamentos.

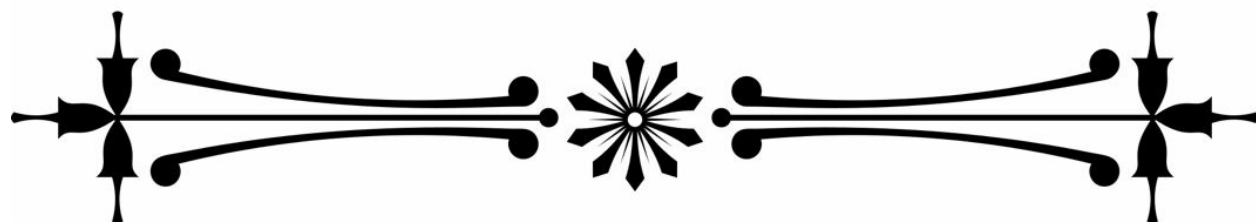
Apesar de ter uma tia e uma avó maravilhosas, sempre se enxergara como uma mulher sozinha. Sempre se enxergara como uma pessoa destinada a percorrer o percurso da vida em uma eterna solidão. Mas quando Melanie entrara em sua vida, Rose passara a compreender que talvez a vida tivesse as próprias regras. E que viver era uma eterna onda de surpresas.

Quando terminou de comer e olhou para baixo, percebeu que a garotinha já estava dormindo profundamente. Sempre dormia de maneira fácil. Com um sorriso, Rose se levantou e caminhou na direção do quarto, colocando-a no berço que Rhys havia comprado especialmente para ela.

Quando voltou para a sala de refeições e começou a retirar as coisas, observou o prato vazio do patrão. Sentiu-se magoada, decepcionada. Mas não conseguia nutrir raiva em seu coração.

Não muito tempo depois, quando se recolheu aos próprios aposentos e tentou dormir, olhou pela janela e pediu aos céus que Rhys encontrasse a felicidade algum dia. Que voltasse a sorrir.

E que de alguma maneira, sua vida passasse a ser um pouco mais leve, mesmo que o seu passado fosse extremamente pesado por qualquer que fosse a razão.



Rhys abriu os olhos durante a madrugada e se sentou na cama. Sentia-se horrível. Desprezível.

Ao colocar as duas mãos na cabeça, relembrou o choro assustado da pequena Mel e o olhar decepcionado de Rose.

Tivera uma atitude totalmente estúpida, disse para si mesmo. A mulher tivera um trabalho enorme para preparar um jantar agradável, acendera velas e até comprara um champanhe caro. E ele, com seus traumas, simplesmente destruíra tudo. Assustara uma criança.

A verdade era que não queria ser assim. Queria voltar a ter paz em seu coração, em sua alma. Estava cansado de vagar sem destino, enxergando um dia após o outro como uma maldição inacabável. Mas para qualquer lugar que olhasse, enxergava apenas a escuridão. A dor. A angústia.

Você está enganado. Sempre há luz em algum lugar. Basta olhar com olhos de esperança.

A voz de Rose se infiltrou em seus pensamentos, ecoando muito alto e de maneira muito profunda. Tola, muito tola. Como ele poderia enxergar luz em algum lugar se havia sombras em cada molécula da sua própria existência?

A culpa se fortaleceu dentro dele. Não deveria ter agido daquela maneira, porém, ao mesmo tempo, compreendia que havia perdido o controle. Não via uma garrafa de champanhe há muito tempo, por isso, o gatilho servira como uma maneira dolorosa de voltar ao passado.

Mesmo assim, a dor que sentia não podia, e não seria, uma desculpa para que tratasse Rose Sinclair de uma maneira equivocada. Ela não merecia.

Com a mão latejando, saiu do quarto e passou pela sala de refeições. Ao acender as luzes, percebeu que tudo estava limpo. Já não havia cacos de vidro e os pratos desapareceram.

Com um suspiro, voltou a apagar as luzes. Pegou gelo na cozinha e voltou ao próprio quarto. Em total silêncio, lavou a mão no banheiro, retirando o sangue seco. Em seguida, fez um curativo e voltou para a cama.

Pediria desculpas no dia seguinte, concluiu. Pediria desculpas e tentaria reverter o fato de que provavelmente havia magoado os sentimentos daquela mulher.

Ainda não sabia a razão pela qual se importava tanto, mas sabia que se importava. E não planejava ignorar o próprio coração, pois apesar do medo, começava a ter a impressão estranha de que sentir alguma coisa era muito melhor do que não sentir nada.

Fechou os olhos e respirou profundamente. Se ainda existisse luz em algum lugar, queria encontrá-la. Queria revê-la.

Talvez Rose pudesse ser a responsável por levá-lo exatamente no

caminho da tal luz que tanto procurava.



Capítulo 18

No dia seguinte, Rhys acordou cedo, mais cedo do que Rose. Tratou de preparar um café da manhã da melhor maneira que pôde. De uma forma um pouco atrapalhada, fez panquecas, fritou ovos e bacon, cortou frutas e bateu no liquidificador o suco de laranja natural. Quando terminou, sentiu-se satisfeito.

Depois disso, se sentou e esperou pacientemente até observar Rose surgindo por entre os corredores.

Ele não pôde deixar de perceber a beleza natural que ela tinha logo pela manhã. Seus olhos ainda estavam caídos pelo sono e a expressão aparentava relaxamento.

— Bom dia. — Disse ele, totalmente sem jeito. — Preparei o café da manhã para você.

Rose ficou em choque e não tentou esconder a surpresa. Com uma das sobrelhas levantadas, cruzou os braços.

— Por que você preparou o café da manhã para mim?

— Eu gostaria de pedir desculpas. Fui estúpido na noite passada. — Ele balançou a cabeça em sinal negativo. — Perdi o controle. Existem algumas coisas... Algumas coisas do meu passado que ainda não foram superadas. Por isso, me desculpe por ter agido de maneira tão estranha.

Sem dúvidas, Rose ficou ainda mais chocada com o pedido de desculpas do que com o café da manhã. Rhys era um homem milionário, acostumado a dar ordens e a ser obedecido, a fazer tudo o que bem quisesse sem precisar se importar com nada além das próprias vontades. Mesmo assim, tratou de pedir desculpas. De preparar um café da manhã para ela, que não passava de uma simples empregada que havia aceitado um acordo temporário.

— Fiquei magoada na noite passada, mas não senti raiva de você. — Ela confessou, se sentando à mesa. — Eu realmente quis sentir raiva, mas não consegui.

— Não sentiu?

— Você pode até tentar construir uma armadura ao seu redor, tentar se manter distante e até mesmo tentar fingir que não se importa com mais nada. — Ela apontou na direção dele com o garfo que havia pegado em cima da mesa. — Mas basta olhar na sua direção para saber que você é um homem bom, Rhys. Basta olhar com atenção.

— Geralmente, as pessoas não concordariam com a sua opinião.

Ela deu de ombros, como se realmente não se importasse com a opinião dos outros.

— Talvez porque as outras pessoas não olham com atenção. A maioria das pessoas está ocupada demais com os próprios egoísmos. — Rose passou a mão livre nos cabelos, colocando-os para trás. — Eu consigo ver a bondade que há em você, ainda que nem mesmo você seja capaz de acreditar na própria bondade.

Ele ficou em silêncio, sem saber o que responder. Sempre se sentia desconcertado com as coisas sem sentido que aquela mulher costumava dizer. Coisas que o atingiam diretamente no coração, na alma.

— Pare de falar e coma. — Ordenou ele, sem paciência. — Apenas coma.

— Vou obedecer apenas porque estou faminta. — Ela se serviu de porções grandes de comida e começou a se alimentar silenciosamente.

Rhys a observou, satisfeito. Sem conseguir resistir, voltou a falar.

— Mel ainda está dormindo?

— Pensei que tinha me mandado parar de falar.

— Céus... — Ele se levantou e pegou a bengala que estava encostada ao lado da cadeira. — Vou ao meu escritório. Esteja pronta em duas horas. Hoje iremos com o corretor avaliar alguns imóveis que talvez possam servir para o que você sonha para a livraria.

— Hoje? Mas já?

— É claro que sim. — Ele se afastou lentamente e quando estava prestes a dobrar o corredor, Rose o chamou.

— Rhys?

Ele se voltou para ela.

— Sim?

— Sim, Mel ainda está dormindo.

Balançando a cabeça, ele se encostou no batente da parede por alguns instantes.

— Espero que ela não passe a ter medo de mim depois da cena que fiz ontem.

— É importante para você que ela não tenha medo?

Rhys realmente queria dizer que não, queria realmente não se importar. Mas a verdade era que ele havia adorado quando as mãozinhas haviam

tocado seu rosto de maneira tão inocente. Sentira como se, depois de tanto tempo, pudesse voltar a ser um humano.

Pudesse sorrir sem ter medo de assustar as pessoas, as crianças principalmente.

— Sim, é importante para mim. — Confessou ele, desconfortável.

— Eu já sabia da sua resposta. — Rose abriu um sorriso simpático. — Eu já perdooi você. Certamente ela já perdoou também.

Sem dizer mais nada, Rhys apenas se afastou, caminhando pelos corredores e tendo como apoio a sua bengala inseparável. Ao entrar no escritório, pegou um dos livros clássicos que costumava ler e se sentou em uma das poltronas.

Uma sensação estranha cresceu em seu peito. Algo que há muito, muito tempo não sentia. Por alguns instantes, segurando o livro velho com as duas mãos, pegou-se vagando nos próprios sentimentos, tentando identificar o que era aquela sensação.

E quando descobriu, percebeu-se em choque.

Sentia-se feliz. Simplesmente feliz.

Passara tanto tempo preso em um aparente eterno torpor que sequer conseguia reconhecer as próprias emoções sem antes ter certa dificuldade. Havia se transformado em um selvagem, disse para si mesmo.

Mas agora, começava a observar o homem emergindo outra vez. Atitudes simples, pensou. Precisava começar através de atitudes simples.

Saber que Rose o havia perdoado pela atitude explosiva da noite anterior servia como um bálsamo ao seu coração. E o melhor de tudo era que ela não fizera perguntas, não tentara invadir o seu espaço. Sentia-se grato por não precisar contar a própria história. Não estava preparado, ainda não.

Não precisava pensar muito para saber que muito em breve Rose conseguiria ganhar a confiança dele, afinal era exatamente aquilo o que ela

estava fazendo aos poucos, sem nenhum esforço.

Em algum momento, ele contaria a história do seu passado, revelaria o motivo das cicatrizes e dos traumas, da falta de sorrisos e da desesperança que era exposta em seu rosto triste. Mas não agora.

Algo dentro dele temia abrir os segredos da alma, temia expor toda a escuridão que havia em sua existência, afinal Rose provavelmente se assustaria e partiria.

E por alguma razão desconhecida, Rhys começava a acreditar que vê-la partir o machucaria profundamente.



Capítulo 19

West Black era um homem de meia idade que costumava sorrir o tempo inteiro, quase como se a vida fosse uma eterna festa. Seus cabelos negros com fios brancos eram extremamente bem penteados e seus óculos redondos passavam confiança, sensatez.

E enquanto observava aquele homem, Rhys conseguia compreender a razão pela qual ele era tão exitoso como corretor de imóveis. Com sua voz mansa e palavras rápidas, conseguia convencer qualquer pessoa a comprar casas e apartamentos sem pensar duas vezes.

Depois de visitarem cerca de quatro ou cinco imóveis, Rhys se sentia verdadeiramente cansado. Provavelmente, aquela era a primeira vez em anos que passava tanto tempo longe das terras Clevenger.

Mesmo com a irritação inicial, sentia-se satisfeito por poder observar os olhos de Rose, que pareciam brilhar cada vez que West Black explicava acerca das qualidades de cada imóvel.

O sol começava a cair no céu, se escondendo por entre as árvores,

quando entraram no último edifício que planejavam ver naquele dia. E não precisou mais do que apenas alguns segundos para que Rose unisse as duas mãos em sinal de ansiedade ao começar a falar.

— Vai ser esse! — Ela girou ao redor de si mesma, totalmente encantada. — Eu consigo enxergar uma livraria aqui. As estantes de livros se espalhariam por todos os lados e ali, naquela parede, poderíamos colocar uma ilustração enorme das autoras de romance mais populares dos nossos dias. E clássicos também. No corredor, as ilustrações serviriam como uma viagem literária no tempo...

Ela se afastou, caminhando na direção do corredor. Estava em completo êxtase, viajando dentro dos próprios pensamentos. Enquanto isso, Rhys ouvia tudo em silêncio. Nunca tivera a oportunidade de observar uma pessoa tão feliz e sonhadora daquela maneira.

— O que quer dizer com viagem literária no tempo? — Perguntou West Black, claramente curioso.

— Conforme o cliente caminha por esse corredor, poderá ver o livro mais popular de cada ano, talvez. — Ela se virou para Rhys. — O que acha?

Ele deu dois passos para trás e em seguida um para a frente. No início, aquele seria só um acordo. Mas agora, era como se, de alguma maneira, estivesse sendo incluído nos sonhos dela. Incluído nos planos dela. E Deus sabia que Rhys era o tipo de homem que permaneceu invisível por muito, muito tempo. Por isso, se sentia estranho ao se perceber importante para alguém.

Ao perceber que sua opinião sincera ainda era ouvida verdadeiramente.

Sendo um homem milionário, era muito fácil dar ordens a quem quer que fosse. Mas aquilo, — aquele olhar sonhador e repleto de anseios e dúvidas que brilhava nas expressões de Rose Sinclair —, não podia ser encontrado em qualquer lugar. Rhys tinha consciência do fato.

— Acho simplesmente espetacular. — Respondeu ele da melhor maneira que pôde. E sem perceber, sorriu.

Sorriu porque achou bonito observar os sonhos de alguém, porque estava sendo parte de tudo aquilo. E porque realmente queria fazer parte daquilo.

— Esse imóvel tem uma ótima localização, literalmente no coração do centro de Cloudbtown. Sem dúvidas, qualquer turista passa por essa área antes de qualquer outra. — West Black arrumou os óculos e balançou a cabeça positivamente. — Além disso, o proprietário está disposto a vender o mais rápido possível.

— Você gostou desse, Rose? De verdade? — Mancando, Rhys caminhou um pouco, olhando atentamente ao redor. O lugar era grande, arejado, com divisões muito bem articuladas.

— É perfeito, Rhys. Perfeito! — Por apenas alguns instantes, Rose olhou fixamente na direção do patrão. Olhou diretamente em seus olhos, passando toda a emoção que sentia em seu coração.

Ele foi capaz de enxergar cada detalhe, cada anseio, cada fantasia louca que ela guardava em silêncio. Por isso, ao se virar para West Black, Rhys balançou a cabeça enquanto falava.

— Prepare os papéis. Farei a transferência em dinheiro o quanto antes.

— Pretende fechar o negócio? — O corretor arregalou os olhos. — Maravilha!

Depois de se despedirem de West Black, Rhys e Rose deixaram o imóvel, caminhando pelo centro da cidade, que naquele horário parecia mais cheio do que o usual.

— Nunca vi ninguém tão feliz quanto você nesse exato momento. — Comentou ele, caminhando com dificuldade ao lado dela.

— Eu tenho motivos para estar muito feliz. Sempre sonhei em ter o

meu próprio negócio, Rhys.

— Agora terá.

— Obrigada. — Ela sorriu enquanto sentia seus olhos se encherem de lágrimas. Tentava conter a emoção, mas simplesmente não conseguia. — Obrigada, Rhys.

Ele olhou no relógio e em seguida voltou o olhar para ela.

— Reservei uma mesa no Hinkle Bistrô. Pensei que seria bom comemorar a sua felicidade.

Ela parou de caminhar, totalmente surpresa.

— Você não precisava. Eu já até me esqueci do que aconteceu na noite passada. Você realmente não precisa se preocupar em compensar e...

Lentamente, ele se aproximou e pousou um dos dedos nos lábios dela, fazendo-a se calar.

— *Shhh*, pare de falar. Reservei a mesa porque eu quis, não sinto culpa de nada. — Com a bengala, ele deu duas batidinhas no chão em um sinal de impaciência. — Se não quiser me acompanhar, eu vou sozinho.

— Mas você odeia deixas as terras Clevenger. Odeia conversar comigo.

— Ora, Rose Sinclair, foi você quem me disse para tentar ver as cores que estão além da escuridão. Talvez eu esteja tentando. — Ele deu de ombros, irônico. — Talvez eu esteja mudando.

Sem pedir autorização, ela uniu seu braço ao dele conforme voltaram a caminhar. Aquele era um ato tão íntimo e inocente, que levou uma onda de algo desconhecido ao coração de Rhys.

— Gosto de você, Rhys Clevenger. Gosto de verdade. — Ela soltou uma gargalhada. — Espero que Tia Carly Jane não se irrite por precisar ficar um pouco mais com a pequena Mel.

Ele desviou o olhar para o outro lado da rua e tentou não se sentir tão afetado com as palavras dela.

Gosto de você, Rhys Clevenger. Gosto de verdade.

Tolo, disse para si mesmo. Estava se derretendo por uma mulher que provavelmente não permaneceria em sua vida por muito tempo.

Não se esqueça que o seu destino é a solidão, lembrou. Pare de se permitir sonhar com coisas absurdas.

Mesmo assim, mesmo tentando não se permitir, Rhys continuou a sonhar em silêncio enquanto caminhavam rumo ao bistrô.



Capítulo 20

Rhys não entrava em um restaurante há tanto, tanto tempo, que no instante em que pôs os pés no Hinkle Bistrô, sentiu-se literalmente como um selvagem visitando a cidade pela primeira vez.

No instante em que se sentaram, ele se encolheu. Sentia-se não apenas exposto, mas frágil. Quis ir embora.

— As pessoas olham na minha direção como se tivessem medo de mim. — Ele estalou a língua e fez uma expressão de desgosto. — Patéticos. Todos são patéticos.

— Quem se importa com essas pessoas? Elas não fazem diferença nenhuma na sua vida. — Ela abaixou o olhar, focando no menu.

— Quando você nasce perfeito, com o poder do mundo nas mãos, com pessoas perfeitas ao seu redor, e perde tudo... — Ele se obrigou a parar. Definitivamente, Rose não merecia ouvir aquele tipo de coisa naquele momento. Talvez ela não merecesse ouvir nada daquilo em momento algum. — Bem, quando se perde tudo, você passa a se importar com mais coisas do

que gostaria. E passa a não se importar com mais coisas do que gostaria, também.

— Não sei o que significa perder tudo. Se eu dissesse que tenho a mínima noção do que significa perder tudo, estaria mentindo. Mas posso dizer que por mais perfeito que você possa chegar a ser algum dia, sempre haverá alguém disposto a apontar o dedo bem na sua cara para dizer que você não é bom o suficiente. — Ela deu de ombros. — Então apenas viva o momento. Não depois, não no futuro. Agora. Simplesmente agora.

— Você tem a péssima mania de disparar lições. Não estou pedindo nada disso, Rose Sinclair. — Ele abaixou o olhar, totalmente desconfortável. Começou a escolher o jantar quase como se a sua vida dependesse disso.

— Não estou disparando lições. Estou apenas apresentando o meu ponto de vista. As pessoas ao redor podem até te fazer se sentir desconfortável, mas talvez você devesse focar naquela que faz de tudo para te arrancar um sorriso. — Rose terminou de escolher o que planejava pedir.

— Existe essa pessoa?

— Você deve ser cego.

Ela fez uma expressão tão engraçada que Rhys simplesmente não pôde deixar de soltar uma gargalhada. Envergonhado, cobriu a boca enquanto sorria. E para Rose, o som do sorriso dele era quase como música, como uma melodia que se infiltrava em seus ouvidos, trazendo uma sensação doce de satisfação.

— Você não deveria me fazer rir assim. É ridículo. As pessoas vão se assustar ainda mais. — Ele engoliu em seco, tentando manter o controle. — Essa sua expressão de moça ofendida é demais até para mim.

Rose ficou em silêncio por algum tempo e em seguida tratou de dizer exatamente o que estava tentando esconder.

— O seu sorriso é bonito. — No instante em que falou, se arrependeu.

Não queria parecer oferecida ou exagerada, mas gostava verdadeiramente do sorriso daquele homem. — Quando você sorri, os seus olhos brilham e a sua presença fica mais leve. Mas é uma pena que quase nunca você sorri com vontade.

— Começo a pensar que você enxerga em mim um homem que não existe.

— Pode ser que eu enxergue em você um homem que talvez você não seja capaz de enxergar. — Ela passou uma das mãos por entre os fios de cabelo. — Só porque você não enxerga não quer dizer que não exista.

Rhys refletiu naquela afirmação, refletiu no que podia estar oculto naquelas palavras. Talvez ela enxergasse algo diferente, algo que o espelho não mostrava. E talvez, ele quisesse poder enxergar aquele homem também.

Se fosse em qualquer outra época, o simples pensamento de visitar um restaurante ou de caminhar em público por tanto tempo beirava o absurdo. Agora, ali estava ele, literalmente gargalhando com as expressões de Rose Sinclair.

Nada daquilo parecia real. Nada daquilo parecia minimamente aceitável. Mesmo assim, Rhys se sentia impelido a continuar descobrindo o que aquela mulher tinha para ensinar.

O problema da solidão era que ela se infiltrava lentamente, de maneira imperceptível. E quando se tornava suficientemente enraizada, passava a ser difícil demais se libertar. Assustador demais.

As terras Clevenger serviam como um santuário, um lugar seguro em que Rhys não precisava se preocupar com olhares assustados ou burburinhos desagradáveis. Mas de uma hora para outra, tudo parecia não ser suficiente. E apesar de tentar negar a verdade para si mesmo, ele sabia que aquela mudança repentina podia ser explicada pelo anseio profundo que o seu corpo e a sua alma sentiam de viver, de se locomover. De se libertar.

A verdade era que a presença de Rose Sinclair servira apenas como um gatilho que há muito tempo esperava para ser puxado. Agora que havia conseguido fazê-lo, Rhys queria mudar. Queria ser um novo homem. Por si mesmo, por sua própria sobrevivência, exatamente porque sobreviver já não era o suficiente.

Rhys necessitava voltar a viver.

— Me ajude a enxergar esse homem que você vê em mim. — Ele pediu de maneira sincera, bem distante do homem que costumava ordenar tantos anos antes. — Acho que não consigo sozinho.

— Durante os quase dois anos desde que comecei a trabalhar para você, essa é a primeira vez em que eu te vejo reservar uma mesa em um restaurante. — Ela sorriu e seus olhos brilharam. — Talvez, o processo já tenha começado. Não posso te fazer enxergar através dos meus olhos, mas tenho certeza de que você pode mudar a própria visão.

Ele assentiu lentamente e em seguida agradeceu aos céus quando o garçom se aproximou para que pudessem fazer os pedidos.

Conforme aqueles momentos no bistrô se estenderam, Rhys tentou dizer para si mesmo que as pessoas não estavam olhando. Tentou dizer a si mesmo que precisava focar na mulher que estava ali, com ele.

Assim, cada vez que Rose Sinclair sorria ou mexia nos cabelos, Rhys chegava à conclusão de que ela era uma feiticeira capaz de fazê-lo se esquecer totalmente das próprias inseguranças, pois ao observá-la atentamente, ele se tornava incapaz de se importar com todo o resto.



Capítulo 21

Conforme os dias se passaram, certa rotina se formou. Todos os dias, Rhys jantava na companhia de Rose e Mel na sala de refeições e com o tempo, percebeu que realmente gostava da presença das duas.

O processo de transferência começaria em breve. Segundo o advogado, as regras descritas no testamento foram, de fato, cumpridas, portanto, Rhys não teria problemas em se manter nas terras Clevenger. Obviamente, seriam necessários mais alguns dias para que recebesse os documentos que, por fim, comprovassem que ele era o proprietário e herdeiro daquele lugar.

Por outro lado, Rhys não queria admitir em voz alta a sensação estranha que crescia em seu peito. Não queria que Rose deixasse a mansão. Se acostumara com a pequena Mel brincando no tapetinho da sala de estar diariamente, sempre fazendo barulhos engraçados com a boca.

Ele sabia que tudo precisava ter um fim. As coisas funcionavam dessa maneira. Por isso, se odiou por não controlar o próprio coração. Por estar se apegando não apenas à garotinha, mas também por ser incapaz de negar o

fato de que passara a nutrir sentimentos por Rose Sinclair.

Naquela tarde de sábado, ela havia decidido visitar a tia. Passaria o fim de semana inteiro fora.

E ali, sentado sozinho em uma das poltronas do jardim, Rhys sentiu-se extremamente solitário. Talvez, já não fosse capaz de aceitar uma vida de completo silêncio e solidão. Talvez quisesse e necessitasse mais. A verdade era que Rhys ainda não sabia o que aquela necessidade significava, mas não estava disposto a ignorá-la.

Por isso, de uma maneira muito estranha, decidiu se levantar da poltrona e caminhar pelo jardim na direção da garagem. Sem pensar no que estava fazendo, ligou o carro quase inútil que mantinha e partiu na direção das ruas centrais de Cloudtown.

Deus sabia o quanto ele odiava dirigir, mas, vez ou outra, fazia o esforço, pois apesar da dor da perda que ainda estava cravada em seu peito, ele sabia que o que acontecera tantos anos fora uma fatalidade. Algo eventual. Não podia ficar paranoico, com medo de dirigir durante a vida inteira, mas até mesmo aquilo representava um grande passo, afinal desde que viera viver na cidade, nunca havia decidido visitar ninguém.

Primeiro, parou em uma loja de flores que ficava localizada no centro da cidade. Comprou um buquê de lírios brancos e em seguida parou rapidamente em uma confeitaria para escolher um bolo de morango com chocolate branco e chantilly.

Nada daquilo fazia parte da sua personalidade usual, por isso, até mesmo ele se sentiu estranho ao perceber-se dirigindo rumo à casa da tia de Rose. Sabia a localização apenas pelo que ela havia comentado.

Ao chegar lá, observou a casa, que sequer era grande. Tudo parecia muito simples, mas extremamente bem cuidado. E por algum tempo, Rhys se perguntou se a felicidade estava, na verdade, no ato de viver através das

coisas simples.

Ficou ali, parado dentro do carro, por um longo tempo. Sentia-se inseguro, inconveniente. Totalmente inadequado. De repente, enxergou-se como um homem carente, buscando pela atenção da única pessoa em seu mundo que aparentemente era capaz de enxergá-lo sem julgamentos.

Que estupidez, pensou com um suspiro. Não podia ficar perseguindo as pessoas daquela maneira. Provavelmente, ela teria coisas melhores para fazer. Por isso, primeiro ele olhou para o bolo e em seguida para o buquê de flores. Estalando a língua, deu partida no carro, mas seu coração gelou quando Rose apareceu no jardim, rodopiando com Mel nos braços.

Tentou se abaixar, se esconder por baixo do volante enquanto subia lentamente a janela.

— Rhys! — A voz dela ecoou pela rua e ele literalmente congelou, sentindo um arrepio de vergonha percorrer seu corpo inteiro.

Ela cruzou a rua com passadas rápidas, aparentemente preocupada.

— *Oi, Rose.* — Ele abriu um sorriso extremamente falso. Queria desaparecer, tamanha era a sua vergonha. — Oi.

— O que está fazendo aqui? Aconteceu alguma coisa? Está tudo bem? — Rose disparava as perguntas quase como uma metralhadora, fazendo Rhys se encolher cada vez mais. — Você está pálido. Está doente? Precisa de ajuda? Vamos ao hospital!

— Rose, não, eu, eu... — Ele fechou e abriu os olhos. Falaria a verdade. — Bem, eu estava me sentindo sozinho. Decidi dirigir até o centro da cidade e parei para comprar um buquê de flores, depois um bolo na confeitaria e agora estou aqui. Pensei que talvez a sua tia pudesse gostar das flores.

— Oh... — Ela relaxou quase que automaticamente. — Você me assustou! Venha, Tia Carly Jane vai ficar feliz em te conhecer.

— Mas eu estava indo embora. Pensei que seria uma má ideia vir sem avisar.

Dando de ombros, Rose abriu a porta do carro e pousou a pequena Mel nos braços dele, fazendo-a soltar uma gargalhada feliz.

— Tia Carly Jane é a mulher mais exótica que você poderia conhecer na vida. Tenho certeza de que vai ser divertido. — Rose sorriu e em seguida abriu a porta do passageiro para pegar o bolo e o buquê de flores. — Você é muito atencioso, Rhys Clevenger.

— Você acha, Rose Sinclair?

— Eu, particularmente, tenho certeza.

Quando ele desceu do carro, a pequena Mel passou as duas mãozinhas em seu rosto e em seguida soltou uma gargalhada barulhenta e deliciosa outra vez, como se estivesse tentando demonstrar toda sua alegria.

— Ora, ora, garotinha, estava com saudades? — Rhys a balançou de um lado para o outro, fazendo-a rir ainda mais. E naquele instante, ele soube que algo dentro dele havia mudado completamente. Algo que jamais voltaria a ser como antes.

— Estou com ciúmes. Melanie é uma traidora, se entregando assim tão facilmente. — Rose estalou a língua de forma brincalhona. — Veja só como ela sorri. Vocês dois são farinha do mesmo saco.

Sem esperar por ele, Rose caminhou na frente, levando o bolo e o buquê com as duas mãos.

Sempre trajando roupas pretas e segurando sua bengala com a mão livre, Rhys a seguiu, carregando a pequena Mel consigo. Seu coração estava acelerado, repleto de uma sensação bonita.

Sensação de pertencimento.

— Pare de rir para mim. — Sussurrou ele para a garotinha. — Pare de rir para mim agora mesmo. Eu sou durão, não me venha com esses

sorrisinhos fofos.

Quase como se para desafiá-lo, Melanie soltou outra gargalhada barulhenta e bateu palmas.

Não havia nada de durão naquele homem. Tudo não passava de fingimento e até mesmo uma bebê era capaz de perceber.



Capítulo 22

Rhys ficou em completo choque ao ser atingido com a onda de cores e objetos que preenchem a casa de Tia Carly Jane. Tudo era tão cheio de vida e vibrante que parecia ser o completo oposto de tudo o que ele representava.

— Esse é o meu patrão, Rhys Clevenger. Ele trouxe bolo! — Rose entregou o buquê nas mãos da tia. — Essas rosas são para você.

— Céus, garota! Por que não me avisou que ele viria? Estou parecendo uma mendiga! — Tia Carly Jane se aproximou de Rhys e deu-lhe dois tapinhas no braço. — Como vai, rapaz? A minha Rose fala muito sobre você. Fala demais.

Rhys não era um homem envergonhado. Mas naquele instante, sentia que sua língua havia sido comida por algum monstro estranho, pois não conseguia falar.

— Me desculpe por vir sem avisar. — Ele quebrou o silêncio. — Rose fala muito sobre mim?

— O tempo inteiro. — Tia Carly Jane levantou o buquê de flores e

sorriu. — Obrigada pelas flores. Muito gentil.

Ele sorriu de volta, totalmente sem jeito. Quando mais jovem, não tivera a oportunidade de enxergar o amor no desenvolvimento em sua família. Seu pai, sempre frio e indiferente, mais parecia um completo estranho. Por isso, quando Rhys se casara e construía a própria família, prometera a si mesmo que seria um bom marido e um bom pai. Mas aparentemente o destino não gostava de vê-lo reconhecer o amor, afinal o acidente levava todas as pessoas que ele amara de uma só vez.

Agora, enquanto observava a dinâmica daquelas mulheres, compreendia que o amor não tinha regra. Não podia ter. O sentimento crescia e se enraizava das mais diversas maneiras, e Rhys conseguia compreender que impor regras ao amor era o mesmo que fadá-lo ao fracasso.

Você e eu sabemos que eu precisei me casar com ela ou o escândalo se instalaria nas empresas da nossa família. Eu não poderia ter um bastardo.

Mesmo após tanto tempo, as palavras de seu pai ainda ecoavam em sua mente. Joseph fora um homem infeliz e tornara toda a família infeliz apenas porque não quisera se casar, não quisera estar ali e simplesmente não quisera ser o pai de Rhys.

Cada pessoa tinha a própria história, as próprias razões. E de certa forma, Rhys compreendia que não podia culpar seu pai por todo o ódio que sentira em vida. Não era seu papel julgar, portanto, tudo o que podia fazer era seguir em frente e tentar superar cada uma das vezes em que aquele homem o ferira.

— Essa é a minha avó, Violet. — Rose apontou para a senhora simpática que estava sentada em uma das poltronas. — Dificilmente você irá encontrar alguém mais adorável e sincera do que ela.

— Muito prazer, senhora. — Rhys se abaixou para cumprimentá-la.

Aquela mulher, que parecia tão exótica quanto toda a casa, tinha algo

de diferente. Suas expressões, cheias de bondade e paz, fizeram com que ele se sentisse em casa, acolhido. Apreciado.

— O seu sorriso é lindo, garoto. — Violet segurou a mão de Rhys enquanto falava. — Sorria sem medo.

A expressão animada no rosto dele se desfez, dando lugar ao choque. Não sabia como reagir a elogios. Passara a vida inteira se preparado para atitudes cheias de desprezo e depreciação. Nunca, em nenhuma hipótese, se sentia preparado para lidar com palavras tão doces.

— O meu sorriso? Lindo? — Ele se afastou um pouco, desejando ardentemente que Violet soltasse a sua mão. — Bem, muito obrigado pela gentileza.

— Nunca duvide das palavras da minha mãe. — Inquiriu Tia Carly Jane. — Vamos, sente-se. Irei trazer alguns pratinhos para que possamos provar o bolo!

Quando se sentou no sofá com Mel nos braços, Rhys olhou ao redor e teve uma compreensão avassaladora. Algo que parecia tão assustador quanto absurdo.

Eu quero fazer parte disso. Quero passar os fins de semana ao lado de pessoas felizes, comendo bolo e sorrindo. Simplesmente sorrindo.

O desejo se infiltrou dentro dele, deixando-o quase sem fôlego. E por alguns instantes, — algo tão breve quanto enigmático —, ele se esqueceu das próprias cicatrizes, se esqueceu que era um monstro. E que monstros deveriam ser excluídos.

— Você está pensativo. — Comentou Rose, sentando-se ao lado dele.

— Me sinto estranho.

— Estranho como?

Violet, que observava a conversa dos dois, olhou fixamente na direção de Rhys e em seguida abriu um sorrisinho.

— Ele se sente feliz. — Ela parecia ler sua alma quase como lia um livro. — Nem todas as pessoas estão acostumadas a se sentirem assim.

Rose corou violentamente, surpresa com a sinceridade da avó. Em seguida, tocou a perna de Rhys ao perguntar.

— A minha avó está certa, Rhys?

Ele não teve tempo de responder, pois Tia Carly Jane ressurgiu, trazendo consigo pratinhos, garfos e uma faca enorme.

— Deus sabe o quanto eu gosto de doces. — Comentou ela, se ajoelhou para cortar o bolo que agora estava na mesinha de centro. — Realmente esse seu padrão é muito gentil, Rose, querida.

Rhys observou a expressão doce de Rose, observou a maneira carinhosa com que ela tratava a família e todas as pessoas que amava. E quanto mais observava, mais percebia que seu coração estava cedendo aos encantados daquela mulher.

Tia Carly Jane entregou o primeiro prato nas mãos dele.

— Não espere, não espere. Pode começar a comer agora mesmo, Rhys, querido.

Em silêncio, ele apenas assentiu e colocou a primeira garfada na boca, sentindo a onda de sabor dominar seus sentidos.

Rose voltou a tocá-lo na perna, chamando-lhe a atenção.

— E então?

— Sim. — Foi tudo o que ele disse. E em seguida, abriu o maior sorriso que podia. Algo que veio de maneira intrínseca e sincera, tão singular quanto os raios de sol que transpassavam as janelas.

— Sim o quê?

— Sim, eu estou muito feliz, Rose.

Ela fingiu que as palavras de Rhys eram apenas uma simples afirmação, pois não queria criar uma cena que pudesse envergonhá-lo. Mas em silêncio,

em segredo, sabia o significado daquele sorriso fácil no rosto de expressões tristes, sabia o significado das garfadas animadas no bolo, das brincadeiras com Mel e das conversas com Violet e Tia Carly Jane.

Rose simplesmente sabia que Rhys estava mudando. E ela adorava ver a nova versão que estava surgindo.



Capítulo 23

A montagem de uma livraria dos sonhos não era uma tarefa fácil. Durante a semana seguinte, Rose ficou totalmente ocupada com todas as coisas que pareciam surgir o tempo inteiro. Selecionou o acervo de livros a serem solicitados de acordo com as vendas da época, conversou com os representantes das editoras e das transportadoras, acompanhou a montagem das prateleiras e a pintura das paredes, analisou os autores em constante crescimento e aprovou o design apresentado para o site da livraria, que logo entraria no ar.

Naquela noite, já era madrugada quando Rose abaixou a cabeça, pousando a testa no balcão da cozinha. Sentia-se exausta. Dividir seu tempo entre a pequena Mel e todos os detalhes da livraria era simplesmente avassalador. Mas ela sabia que não podia reclamar, afinal estava acompanhando a realização de um sonho.

Sem dúvidas, abrir um negócio sem precisar se preocupar com um limite de gastos era maravilhoso. Tudo o que Rose precisava fazer era

apresentar todos os recibos, diariamente, no escritório de Rhys, e ele concordava com tudo que parecia ser um bom investimento.

Ela sempre soubera que ele era um homem rico. Mas agora, conseguia compreender que Rhys não era apenas um homem rico. Ele era milionário. Gastava sem se preocupar com valores, mas constantemente focando nos resultados.

— Você não deveria passar tanto tempo trabalhando. — A voz dele quebrou o silêncio, assustando-a.

Tentando recuperar a atenção, Rose levantou a cabeça e lá estava ele. Trajava apenas uma calça moletom confortável e não vestia uma camisa.

Ela não pôde deixar de perceber o corpo definido, rígido. Aquele não era um homem malhado, mas relativamente magro. Em seu peito, também havia uma cicatriz profunda, aparentemente antiga.

— O que faz acordado?

— Eu sabia que você não estaria dormindo. Na verdade, você tem perdido várias noites de sono. — Mancando, ele entrou na cozinha e encheu dois copos com água. Sentou-se ao lado de Rose, entregando um nas mãos dela. — Suponho que você adoraria tomar uma taça de vinho, mas não tomamos bebida alcoólica nessas terras. Espero que água seja o suficiente.

— Obrigada.

Ela ficou em silêncio, agarrando o copo com as duas mãos. Durante muito tempo, permaneceu apenas calada enquanto os pensamentos giravam e giravam em sua cabeça.

— Você quer saber a razão, não quer?

Levantando a cabeça, ela o olhou nos olhos. Com o passar dos dias, aprendera a se acostumar com aquela expressão obscura e pesada, mas que ao mesmo tempo era tão repleta de bondade e doçura.

Mesmo que tentasse aparentar ser, Rhys não era um homem bruto. Não

era um homem duro e impiedoso. Apesar da armadura que cobria sua verdadeira personalidade, aos poucos tudo começava a ficar exposto, detalhe por detalhe.

— Quero, Rhys. Mas não posso invadir o seu espaço. Não estou aqui para isso. — Rose tentou ser franca, demonstrando total sinceridade em cada uma das palavras.

Ele apenas balançou a cabeça e em seguida fechou o laptop em cima do balcão.

— O que acha de conversarmos um pouco no jardim? — Apesar da pergunta, Rhys não esperou por ela. Aquela era uma ordem, bem sabia.

Lá fora, o ar estava fresco. Ao se sentar, Rhys pegou uma colcha que estava em cima da poltrona, cobrindo o próprio corpo contra o frio leve.

— O céu de Cloudtown sempre foi muito bonito. — Comentou ela ao se sentar na poltrona que estava localizada ao lado dele.

Por um longo tempo, Rhys não respondeu. Aparentemente, estava totalmente perdido em pensamentos, quase como se Rose já não estivesse presente. Por isso, ela respeitou o tempo dele, não disse nada. Apenas esperou até que ele se sentisse confortável o suficiente para quebrar o silêncio.

E foi exatamente o que ele fez após quase vinte minutos.

— Eu tinha uma família. Uma família muito bonita. — Ele reclinou a poltrona e voltou os olhos para o céu. — Nem sempre eu tive cicatrizes, nem sempre eu tive uma perna praticamente inútil. Conheci a felicidade muitos anos atrás. E a felicidade é bonita. Sabe o que é engraçado, Rose Sinclair?

Ela relanceou o olhar na direção dele, observando seu perfil.

— O que é engraçado? — Perguntou, curiosa.

— Estou começando a enxergar a felicidade novamente. E vejo beleza outra vez. Aos poucos, nos detalhes. Isso não é engraçado? Mas não são

felicidades iguais, a do passado e a do presente. Não são sensações iguais. — Ele uniu as duas mãos, claramente reflexivo. — A felicidade que sinto agora é a de quem já passou por muito, a de quem já não enxerga a vida com os olhos de um homem jovem, inocente.

— Existe pouca diferença entre a minha idade e a sua.

— Mas existe um mundo de diferença entre a minha vivência e a sua.

— Ele soltou um som engraçado e Rose concluiu que aquele era um sorriso.

— E talvez essa nossa diferença seja a chave de tudo isso.

Rose conseguia sentir quase que de maneira palpável que não estava sendo fácil para Rhys falar acerca da própria vida, acerca do próprio passado. Ele falava de maneira lenta, desconfortável, abrindo uma ferida antiga por vez. E ela se sentiu grata por enxergar a confiança que aquele homem quebrado estava depositando nela. Grata por poder conhecer um pouco da sua história.

De alguma maneira, compreendia que a história dele aos poucos havia se entrelaçado com a dela. Agora, já não sabia se seriam capazes de separá-las. Existia algo grande entre os dois, algo impossível de ser descrito.

— A vida não foi gentil com você. — Foi tudo o que ela pôde dizer. — Temo que com o tempo, você decidiu deixar de ser gentil consigo mesmo.

— Não tive outra opção.

— E agora? — Perguntou ela, levantando a cabeça. — Você está mudando. O seu sorriso é real.

— Agora, não sei para onde estou caminhando, mas quero caminhar. — Ele desviou o olhar na direção dela. — Realmente quero caminhar.

Sentindo uma onda avassaladora dominar seu peito, Rose pousou a mão na dele.

— Me conte a sua história, Rhys. Por favor.

Ele balançou a cabeça.

— Eu vou contar, Rose. Eu vou contar.



Capítulo 24

Durante muito tempo, Rhys acreditara que nunca seria capaz de contar a própria história em voz alta, nunca seria capaz de abrir o coração para revelar cada uma das dores que o atormentavam. Mas ali, sob o olhar da lua e das estrelas, percebeu que na verdade, ninguém nunca esteve disposto a ouvi-lo verdadeiramente. Pessoa alguma fora capaz de fazê-lo acreditar que valia a pena regressar ao passado.

Mas Rose era diferente. A sua voz, tão calma e repleta de compreensão, conseguia trazer paz ao seu coração. De alguma maneira, ele queria falar sobre tudo aquilo, sobre as cicatrizes e memórias, sobre saudades e medos. Com ela, Rhys se sentia suficientemente seguro para retirar a armadura que existia ao seu redor.

O grande problema era que ele tinha medo de assustá-la. Medo de afastá-la para sempre. Mesmo assim, decidiu continuar.

— Como eu disse, tive uma família muitos anos atrás. O tipo de família que sempre sonhei em ter. A minha esposa era uma mulher agradável e

calma, feliz. E eu fazia tudo o que estava ao meu alcance para manter aquele sorriso bonito no rosto dela. — Rhys fez uma pausa e se encolheu um pouco, puxando a colcha macia para mais perto. — E ela me fazia sorrir também. Me fazia acreditar que a vida era boa.

Rose ainda não sabia quais eram os sentimentos que nutria por Rhys, mas sentiu uma pontada silenciosa de inveja por compreender que nunca teria aquele homem ao seu lado, afinal ela era uma simples empregada, uma mulher totalmente sem importância. Nunca seria o suficiente para alguém como ele.

Mas ao ouvi-lo falar, criou imagens, quase foi capaz de vê-lo feliz. Gostou da imagem e desejou, de forma quase assustadora, que Rhys voltasse a sorrir como antes. Mas o passado, exatamente como o seu significado, precisava ficar no passado. Ele já não era o mesmo homem. Algo havia acontecido.

— São poucas as pessoas capazes de nos fazer acreditar verdadeiramente que a vida pode ser boa. Quando encontramos alguém assim, devemos nos segurar com força. — Ela falou aquelas palavras mais para si mesma do que para ele.

— E foi o que fiz. Dei o meu melhor para ser um bom marido. Naquela época, eu trabalhava nas empresas da família, gostava do caminho que a minha vida estava seguindo. — Enquanto falava, sua voz ficava cada vez mais embargada. — Com o tempo, tivemos um filho. Aquela criança foi a minha maior preciosidade. No dia em que ele nasceu, eu soube que o meu tesouro tinha nome e sobrenome. Soube que eu necessitava ser o melhor pai do mundo.

Rhys parou de falar mais uma vez e abaixou a cabeça. Soluços quase inaudíveis escaparam, cortando a noite. Rose quis fazer alguma coisa, quis tirar toda a dor que pesava em suas costas, mas não conseguiu. Por isso, tudo

o que fez foi apartar a mão dele com força.

— Depois que o meu bebê nasceu, o trabalho já não parecia mais interessante. Tudo o que eu queria era estar com a minha família, pois de uma hora para a outra, passei a me sentir parte de algo maior e muito mais importante. Mas as coisas mudam, Rose. A vida é uma merda. — Ele levantou a cabeça, olhando-a nos olhos. — Hoje me pergunto qual o sentido de viver. Perdemos tudo o que amamos no final, não é?

— Acho que o que importa não é a chegada, mas o percurso que leva até ela. — Respondeu Rose, sentindo a voz estremecer. — Acho que o que importa é compreender que alguns dias podem ser horríveis, mas ainda não terá sido o final do percurso. Outros dias virão.

— O problema é que quando perdemos os nossos apoios emocionais, somos incapazes de seguir caminhando. Paramos no dia ruim, vivendo a mesma memória um milhão de vezes até morrer. O dia ruim se multiplica, se torna eterno, Rose. — Ele afastou a mão dela quase como se sentisse um choque inesperado. — É o que estive fazendo durante todos esses anos. Parado, revivendo a mesma desgraça todos os dias. Sinto que eu deveria ter morrido no lugar da minha esposa, no lugar do meu filho. Por que eles e não eu?

— Você não morreu, continua aqui. Continua vivo, respirando o ar puro, observando as estrelas, a lua, os céus. Você continua aqui. — Quase como se para desafiá-lo, ela manteve o olhar firme, fixando-se no dele. — E eu sei que tanto a sua esposa quanto o seu filho gostariam que você continuasse escrevendo a própria história.

— Rose... — Uma lágrima escorreu por sua bochecha repleta de cicatrizes. — Você diz coisas bonitas que só funcionam nos livros de romance.

— Eu digo o que acredito, Rhys. — De maneira ainda mais ousada, ela

se aproximou um pouco mais, tocando-o na bochecha para limpar as lágrimas que escorriam lentamente. — Não estou dizendo que as suas dores devem ser esquecidas. Estou dizendo que você deve se lembrar, mas sem nunca deixar de dar um passo por vez, reaprendendo a caminhar.

— Você acha?

— Rhys, quando olho para você, enxergo um homem com uma alma preciosa demais para ser presa. — As palavras dela eram sinceras e repletas de significados que ele ainda não compreendia. — Deixe a sua alma voltar a florescer. Nós dois sabemos que é isso o que o seu coração clama.

— Sim, é isso o que o meu coração clama. — Ele levantou a mão e pousou na dela, que estava em seu rosto. Por apenas alguns segundos, fechou os olhos. — Mas ao mesmo tempo, me pergunto como eu poderia permitir que a minha alma florescesse depois de tudo o que aconteceu.

— O que aconteceu? — Perguntou ela calmamente.

Ele respirou fundo e decidiu que contaria o resto da história.



Capítulo 25

Rose compreendia que todos passavam por traumas durante o decorrer da vida. Compreendia também que era necessário respeitar as dores alheias, tentando compreendê-las sem subjugá-las. Por isso, apenas esperou em silêncio, permitindo que Rhys organizasse os próprios pensamentos sem se sentir pressionado.

Às vezes, quando as pessoas decidiam desabafar, nem sempre buscavam soluções para os próprios problemas. Ser apenas ouvido e acolhido bastava. E era exatamente isso o que Rose estava tentando fazer: ouvi-lo, acolhê-lo.

— Era para ser um fim de semana comum. E eu nunca, nunca trabalhava durante os fins de semana. Mas decidi quebrar a regra e levar a minha família para um evento de uma das empresas parceiras. De certa forma, acreditei que poderia ser divertido. — Enquanto falava, Rhys tinha a impressão de que estava sendo levado ao passado, exatamente para o dia em que a sua vida se transformara em um verdadeiro pesadelo. — Estava

chovendo muito. Eu havia bebido uma taça de champanhe. Não vi quando o caminhão se aproximou, não vi em que momento tudo explodiu ao meu redor. Eu deveria ter visto, Rose, mas não vi. Eu deveria ter salvado a minha família.

Ao observar a expressão sombria repleta de dor, Rose sentiu um aperto no coração. Conseguia imaginar o desespero, o medo, a culpa. Lágrimas surgiram em seus olhos, se avolumando e descendo pelas bochechas rosadas.

Rhys não merecia sentir tamanha dor. Na verdade, ninguém merecia. A vida, sem dúvidas, não era justa.

— Eu sinto muito, Rhys. Sinto muito de verdade.

Ele apenas balançou a cabeça, como se tivesse ouvido aquelas mesmas palavras um milhão de vezes.

— O corpo do meu filho foi encontrado separado da cabeça. Consegue compreender o que estou falando? O meu filho foi totalmente destruído naquele acidente. Por minha culpa.

— Não foi culpa sua. — Ela segurou o braço dele, apertando-o com força. — Não foi culpa sua.

— Como você pode saber com tanta certeza, Rose? — Ele se levantou, soltando a colcha em cima da poltrona. — Você não estava lá. Não deveria afirmar o que não sabe.

Quase que em desespero, ela também se levantou e voltou a tocá-lo. Não queria invadir seu espaço, mas, ao mesmo tempo, era incapaz de manter as próprias mãos longe dele.

— Você assumiu a culpa como uma maneira de explicar a tragédia. — Rose não mediu as palavras. Falava de maneira descontrolada, permitindo que a intuição que pulsava em seu coração seguisse o próprio rumo. — Desde então, a culpa devora a sua alma, a sua vida. Devora o homem que você é, fazendo você acreditar que é um monstro. Mas nós dois sabemos que isso não

é verdade.

Em uma fúria contida, Rhys agarrou a mão delicada, e fez uma expressão irritada. Odiava ouvir tudo aquilo, odiava perceber que talvez ela estivesse certa. Odiava porque tinha medo, porque sabia que se desse uma chance para que a luz voltasse a brilhar, seria incapaz de voltar atrás.

E a luz já estava brilhando, o controle havia sido perdido. De repente, ele percebia que estar na escuridão, apesar de doloroso, por muitas vezes se tornava confortável. Preferia estar na caverna dos próprios traumas para evitar voltar a sentir, para evitar voltar a viver.

Mas ali estava Rose, tão pequenina e valente, jogando respostas em sua face sem medo algum, sem temer as cicatrizes que marcavam suas expressões, sua pele.

— Você vê apenas o que quer ver. — Ele a empurrou com força e se afastou, mas se arrependeu no mesmo instante. Não queria ser grosseiro com ela. — Ingênua e tola, isso o que você é.

— E o que você tem com isso? — Ela gritou tão alto que sua voz ecoou por todo o jardim desaparecendo na escuridão da noite. Sentiu-se envergonhada por perder o controle. — Me diga, o que você tem com isso?

Ele parou de caminhar, ainda de costas para ela.

— O que quer dizer? — Rebateu, confuso.

— Se eu quiser enxergar você como um homem que vale a pena conhecer e respeitar, essa é uma escolha minha. Você não teria nenhum controle acerca do assunto. Pode fugir, se quiser. Mas pode ficar, também. — Ela pausou apenas para sugar um pouco de ar aos pulmões, sem fôlego. — Ficou tanto tempo solitário que tem medo de dar uma chance às pessoas que estão tentando entrar.

Com passadas rápidas, Rhys caminhou na direção dela, agarrando-a pelas duas mãos.

— Pare de falar! — Gritou, quase como um rugido selvagem.

— Assusto você? — Ela levantou o queixo, também furiosa. — Assusto você por saber que as suas cicatrizes não definem o seu destino?

— Como poderia saber?

— Porque quando olho para você, enxergo um homem desejando a felicidade. Desejando viver novamente. Sobreviver não é o suficiente para ninguém, Rhys. — Ela se soltou das mãos dele. Em seguida, lentamente, o tocou no rosto. — As suas cicatrizes fazem parte da sua história, mas não deveriam impedir que você escrevesse os próximos capítulos.

— Por que me fala essas coisas, Rose? Por que me deixa tão confuso? — Ele abaixou o olhar. — Desde que passamos a ter contato, passei a duvidar da minha própria realidade e isso não é justo!

— Ou talvez seja, Rhys. Talvez seja justo. — Ela sussurrou sem conseguir conter as próprias lágrimas.

— Me mostre como isso poderia ser justo, pois não consigo enxergar de maneira clara. Ainda não.

Com as lágrimas brilhando em seu olhar, Rose o admirou por longos segundos. Em seguida, com um suspiro, tomou a coragem que havia se escondido durante aqueles quase dois anos. E percebeu de maneira sincera e verdadeira que o desejava. O desejava desde o primeiro minuto e passara a desejá-lo durante todos os dias desde então.

Quase como se temesse que a coragem desaparecesse, ela tratou de dar dois passos na direção dele. Quando estavam perto o suficiente, levantou o queixo, tentando não tremer. Tentando não entrar em desespero.

E ali, debaixo das estrelas e da noite de Cloudtown, Rose beijou Rhys, sentiu seu sabor, tomou para si toda a dor, ao menos por alguns segundos.



Capítulo 26

Rhys teve a sensação de que estava flutuando para muito longe, para um lugar em que a dor aparentemente não existia. No instante em que seus lábios se juntaram com os dela, tudo pareceu ressurgir em uma história começando a ser escrita.

Que estranha era a ideia de estar escrevendo uma nova história, de compreender que não podia continuar estático para sempre no passado, na dor. Apesar de não dizer coisa alguma, ele sabia que aquele beijo representava algum tipo de liberdade que há muito tempo não conhecia.

As línguas se uniram e, sem resistir, Rhys a puxou para mais perto, para si. Os dois corpos se tocavam em uma luta de descobertas ao acaso. Tudo dentro dele retumbava e, para sua surpresa, não havia medo, não havia insegurança. Beijá-la era certo, simplesmente certo.

Durante todos aqueles anos em que se isolara, passara a acreditar que era um homem selvagem, totalmente inadequado não apenas para a sociedade em geral, mas, principalmente, para possíveis encontros sexuais. Em seus

pensamentos, nenhuma mulher seria capaz de aceitá-lo, de desejá-lo. Mas, indo contra tudo o que ele criara durante tanto tempo, Rose demonstrava que o desejava com cada partícula da própria existência, beijando-o de maneira intensa, quase como se aquilo fosse algum tipo de alimento e ela, bem, uma pessoa faminta.

— Por que me beijou? — Ele não pôde deixar de perguntar. Precisava ter certeza, precisava acreditar verdadeiramente que Rose não estava delirando, que não havia perdido totalmente a cabeça. — Por que fez isso?

— Porque eu percebi que era exatamente isso o que eu queria fazer há muito tempo. E já não queria mais fingir que não. — Ela se afastou dos braços dele. Agora, aparentemente se sentia envergonhada. — Foi inadequado e peço desculpas, mas não posso dizer que me arrependo. Beije você porque eu quis.

Rose era uma mulher tão honesta com os próprios sentimentos que, por alguns segundos, Rhys a invejou. Ele queria ser exatamente como ela, ter aquela segurança, aquela força.

— Admiro você. — A confissão escapou dos seus lábios de maneira doce e sincera. — Admiro a sua coragem de...

— De beijar você?

— Sim.

— Rhys, precisei de muita coragem para conseguir conter essa vontade louca que eu sinto de beijar você cada vez que te vejo. Beijar foi fácil, não exigiu esforço nenhum. — Ela sorriu levemente, as bochechas coradas. — Você é um homem atraente.

Impactado com as palavras dela, ele simplesmente deu-lhe as costas e caminhou para dentro da casa. Percorreu os corredores, desejando não dar tanta importância ao que ela falara, mas era simplesmente impossível. Tudo aquilo era estrondoso demais em seu coração, eclodindo e crescendo.

Não queria ser iludido. Não queria ouvir mentiras. Mas ao mesmo tempo, Rose não aparentava estar mentindo. Cada palavra parecera tão sincera quanto seu beijo. Talvez ela realmente o desejasse.

— Pare de fugir, Rhys. Sinto que você sempre está me dando as costas. — Ela agarrou sua mão no instante em que ele fez menção de entrar na suíte principal. — Geralmente não tenho tanta coragem para revelar as coisas que sinto, mas agora que comecei, acho que não posso mais parar. Agora que comecei, tenho medo de mim mesma.

Durante muito tempo, Rose tentara ignorar o desejo que sentia por Rhys. Tentara se fazer acreditar que, na verdade, aquela sensação estranha que surgia em sua presença se tratava de algum tipo de admiração ou curiosidade. Mas naquela noite, ela era incapaz de continuar negando.

Incapaz de seguir fingindo.

Nos últimos dias, aproximara-se daquele homem. E agora, não enxergava somente o padrão triste e misterioso. Conseguia ver quem estava por trás daquela máscara e desejava que ele não se fechasse na própria escuridão outra vez.

Rhys havia perdido a própria família. Havia presenciado a morte do próprio filho. Sem dúvidas, levaria feridas para a vida inteira, mas Rose acreditava que ele ainda podia viver. Que ele ainda podia brilhar. Estava disposta a fazê-lo enxergar a luz outra vez, mas não sabia qual seria o preço de tudo aquilo.

Sem dizer nada, ele a puxou para dentro do quarto e fechou a porta. Em seguida, caminhou na direção do espelho grande que havia em uma das paredes.

— Você não vê o que eu vejo? — Perguntou, quebrando o silêncio. Observava fixamente as cicatrizes que inundavam seu rosto, a pele deformada, a dor que nunca desapareceria. — Não consegue enxergar?

Ela se aproximou um pouco mais e pousou a palma da mão na bochecha masculina. Em seguida, com lágrimas nos olhos, lançou o olhar na direção do reflexo do espelho.

— Você está me perguntando se eu não consigo enxergar, mas talvez você seja o cego entre nós dois. Sim, Rhys, estou vendo as suas cicatrizes, cada uma delas. Mas a sua beleza é bela porque ela pertence a você e somente a você. — Rose soluçou, sentindo as lágrimas escorrendo sem controle. — Não duvide do meu desejo apenas porque você duvida de si mesmo.

— Você me acha bonito, Rose? — Ele abaixou o olhar.

— Te acho um dos homens mais bonitos que já conheci. — Ela sorriu e seus olhos brilharam. Falou de maneira tão firme e sincera, que Rhys não teve outra escolha a não ser acreditar.

Havia verdade naquelas palavras, havia ternura. Havia tudo o que ele buscara sem sequer perceber durante todos aqueles anos.

— Obrigado. — Ele balançou a cabeça e em seguida limpou as lágrimas que insistiam em surgir em seus olhos. — Se você vê beleza em mim é porque existe muita beleza em você.

— Existe beleza em nós. Em todos nós. — Com a coragem que ainda lhe restava, Rose se aproximou um pouco mais e o beijou no pescoço, saboreando a pele quente.

— Passe a noite comigo. — Ele pediu, quase clamou. Sentia seu corpo ferver em desejo, em uma vontade avassaladora que sequer tinha controle. — Por favor, Rose, passe a noite comigo. Aqui.

Com um sorriso, ela apenas balançou a cabeça. Desejara ouvir aquele pedido por um longo tempo.

— Sim, Rhys. Passarei a noite com você.

Daquele instante em diante, a vida de nenhum dos dois voltou a ser a

mesma.



Capítulo 27

Nunca, nem em um milhão de anos, Rhys poderia imaginar que faria um convite tão ousado quanto aquele. Rose era uma bela mulher, repleta de detalhes atraentes, enquanto ele não passava de um homem deformado e manco. Se pensasse muito, sabia que a insegurança o inundaria outra vez, por isso, preferiu ocultar tudo em algum lado oculto da mente.

Naquela noite, adoraria se transformar em uma nova pessoa, em um homem capaz de acreditar na própria masculinidade, capaz de acreditar na própria beleza. Quando desviou o olhar do espelho e fixou-se em Rose, percebeu que não podia voltar atrás. Tinha que seguir em frente não apenas por ela, mas por si mesmo. Realmente desejava passar a noite com aquela mulher.

— Me desculpe por ter te ignorado por tanto tempo. — Ele sussurrou e, com passadas lentas, se aproximou até que sua testa encostou com a dela. — Acho que eu estava com medo de te enxergar e te desejar. Precisei me privar de muita coisa por muito tempo. Mas agora, não quero que seja assim. Quero

escrever uma nova história. Algo totalmente diferente do passado.

Ela sorriu e aquele era o sorriso mais encantador que Rhys já vira. A doçura parecia dominar as expressões femininas e delicadas, algo totalmente misturado à força e esperança.

— Pensei, desde o primeiro dia, que você não simpatizava comigo. Pensei que simplesmente me detestava, mas continuei insistindo no trabalho, dizendo para mim mesma que eu precisava do dinheiro. Mas em segredo, eu sabia que estava mentindo. — Ela levantou uma das mãos, pousando a palma no peito dele. — No fundo, eu tinha total consciência de que te desejava, mas precisava negar. Neguei até essa noite e agora já não sou capaz de continuar negando.

— Não precisa. — Ele retribuiu o sorriso de maneira sincera. Cada vez que sorria, se sentia um pouco mais liberto, um pouco mais livre. — Quero descobrir um novo homem, alguém que possa realmente viver. E gostaria de descobrir coisas com você também, Rose.

— Começando por essa noite? — Quando ela perguntou, suas bochechas coraram.

— Sim, começando por essa noite.

Como se tentasse confirmar a própria frase, Rhys a puxou de maneira abrupta, beijando-a com intensidade. Beijá-la era como um vício delicioso, deixando-o totalmente inebriado, sem saber o que fazer a seguir.

A verdade era que se sentia maravilhado por ter o corpo dela tão colado ao seu, sentindo a pele quente, a respiração ofegante, o cheiro delicado. Passara tanto tempo sem nenhum contato físico que quase duvidava da própria capacidade.

Desfazendo o beijo, os dois caminharam na direção da cama enorme. Tinham pressa e tinham fome. Ambos estavam totalmente perdidos entre beijos e sensações, sequer sabiam onde um começava e o outro terminava.

No entanto, tudo parecia em câmera lenta, nunca rápido o suficiente. Nunca intenso o suficiente.

Com mãos trêmulas, Rhys tirou-lhe a roupa da maneira mais delicada que pôde. Em silêncio, admirou a pele clara e macia, passando a palma da mão levemente, desejando tocar tudo o que agora podia ver.

Em seguida, pousaram em cima da cama. Ele não sabia exatamente em que momento aconteceu, mas, de uma hora para a outra, pegou-se totalmente desnudo entre as pernas dela.

Inclinando-se, Rhys sugou o mamilo rosado, fazendo-a sussurrar seu nome, arqueando a cabeça em sua direção. Ela dizia palavras loucas, talvez até sem sentindo, mas cada uma delas soavam como música aos ouvidos dele.

Sentira muita falta de poder provar de um corpo feminino. Antes, não havia percebido, mas agora, era como se toda a fome que guardara estivesse explodindo com pressa, sem nenhum controle.

E Rose não se importava. Na verdade, gostava de percebê-lo tão descontrolado, fora de si. Sem dúvidas, aquela era a primeira vez em que o observava sem máscaras, entregue e sem barreiras.

— Gosto do que vejo... — Ela sussurrou, puxando-o para mais perto, beijando-o, mordiscando o lábio inferior dele. — Gosto do seu descontrole...

— Isso é culpa sua, é o que você faz comigo.

Ela fechou os olhos e estremeceu apenas por ouvir a voz rouca.

— Quero que você me possua, Rhys. Agora, por favor. — Ela passou a língua entre os lábios, que estavam secos de ansiedade. — Por favor, não demore...

Naquele instante, ambos se esqueceram de todo o resto. O anseio era tamanho, que sequer seriam capazes de parar caso tentassem. Já não havia volta, estavam prestes a explodir um nos braços do outro.

— Você é linda, Rose... — Ele se movimento entre as pernas dela, se

posicionando para preenchê-la. — Adoro cada detalhe seu...

No instante em que a penetrou com uma estocada firme e dura, Rhys percebeu quando ela se contraiu quase que automaticamente.

Em seguida, apesar de tentar se controlar, Rose não conseguiu, soltando um grito inconsciente de dor. Sentia como se estivesse sendo partida ao meio. Sabia que doeria, estava esperando por isso, mas não tinha ideia de que seria tão repentino.

— Rhys... — Ela sussurrou com lágrimas nos olhos.

Deveria ter dito a verdade, pensou. Por alguns instantes, se esquecera literalmente de todo o resto, mas ao sentir tamanha dor, compreendia que se equivocara ao ocultar o óbvio.

Estava envergonhada, desejando desaparecer naquele mesmo instante.

— Você é virgem? — Não havia julgamentos na voz dele, apenas uma leve surpresa. Cuidado. — Machuquei você?

— Sim. Não... — Ela fechou os olhos por alguns instantes, tentando recuperar o controle. — Sou virgem, mas não quero parar. Quero continuar. Continue, por favor...

Apesar da dor, Rose ainda se sentia excitada. Ainda queria que ele a possuísse de todas as maneiras possíveis.

— Deveria ter me falado antes, para que eu não machucasse você. — Com muito esforço, Rhys tentou se posicionar melhor entre as pernas dela. — Me desculpe, Rose...

— Eu estava com vergonha. Pensei que você não perceberia. Nunca imaginei que doeria assim... — Ela levantou a mão, tocando-o no pescoço. Respirou profundamente. — Continue, Rhys. Eu não quero parar.

— O seu pedido é uma ordem. — Ele voltou a abaixar a cabeça, beijando-a de maneira sublime, tratando-a com delicadeza.

Não sabiam para onde estavam indo, mas tinham a total certeza de

que o destino não importava. Precisavam apenas aproveitar a jornada. Sem medo.

Sem inseguranças.



Capítulo 28

Rose passara por tantas coisas na vida que nunca considerou a própria sexualidade como algo importante. Enquanto os anos se passavam, o sexo era apenas um pequeno detalhe que simplesmente não fazia tanta falta. Para ela, aquele era um fator valorizado demais pelas outras pessoas. Um fator que até então ela nunca foi realmente capaz de compreender tamanha importância.

Obviamente tivera a oportunidade de se relacionar com alguns garotos durante a adolescência, mas nenhum fora capaz de fazê-la querer seguir adiante. Mas Rhys não era um garoto, não era um adolescente. Aquele era um homem. Sem dúvidas, apenas sua presença era o suficiente para fazê-la desejá-lo.

E agora ela compreendia o que todas as outras pessoas comentavam acerca do sexo, compreendia as razões pelas quais tornava-se essencial conhecer mais da própria sexualidade.

Provavelmente se tivesse dado mais importância ao assunto, não estaria tão preocupada com o fato de que era uma mulher virgem e com quase

nenhuma experiência. Mas de todas maneiras, sabia que não deveria se preocupar. Sabia que cada mulher tinha o próprio tempo, e o sexo não deveria ser sinônimo de pressão ou angústia, mas de prazer.

Com isso em mente, tratou de afastar todas as inseguranças e medos. Se Rhys fosse o homem certo, — e ela sabia que ele era —, certamente não a julgaria. Na verdade, muito pelo contrário.

— Me avise caso esteja sentindo dor, sim? — Ele sorriu na tentativa de acalmá-la, sempre gentil e calmo.

Rhys era um cavalheiro em todos os sentidos da palavra. Se preocupava com o prazer de Rose, com o fato de que talvez pudesse estar se sentindo desconfortável. E naquele momento, ela compreendeu que perder a virgindade com ele fora uma decisão correta. Nem todos os homens tinham a capacidade, — ou a vontade —, de fazer o que Rhys estava fazendo.

Lentamente, ele a penetrou, fazendo movimentos cuidadosos, mas sensuais. Rose sentia a dor leve, mas tinha total consciência de que aos poucos o prazer estava voltando, tomando força, recuperando o espaço.

A sensação de ter um homem descobrindo seu corpo daquela maneira era muito estranha. Sentia-se um pouco invadida, mas, ao mesmo tempo, especial por saber que se tratava de Rhys. Não sabia como explicar em palavras o que estava sentindo, mas, somente por saber que ele era ele, uma onda de segurança parecia inundá-la por completo. Não corria riscos. Estava segura.

— Continue... — Ela fechou os olhos, relaxando o próprio corpo. De maneira inconsciente, passava uma das mãos na pele dele, sentindo o suor, solvendo cada detalhe daquele momento. Queria guardar tudo aquilo para sempre, não se permitiria esquecer.

Por outro lado, era extremamente difícil para Rhys manter o controle, mas mesmo assim, continuou com os movimentos lentos, aumentando

regularmente. Aos poucos, os corpos se encontravam de uma maneira um pouco mais violenta e Rose já não fazia caretas de dor.

Observar a expressão de prazer no rosto feminino fazia com que Rhys sentisse algo dentro de si renascendo. Estivera com medo de fracassar, com medo da própria masculinidade, da própria aparência. Mas Rose estava satisfeita, clamava por mais, necessitava seguir adiante. Mesmo que não quisesse admitir, algo no ego dele crescia. E era bom se sentir aceito, desejado. Era maravilhoso.

De maneira ousada, ele se deitou na cama, fazendo-a cavalgar. Rapidamente, Rose passou a movimentar a cintura de maneira ritmada, sentindo-o ir cada vez mais fundo.

Sem suportar as ondas de sensações que a dominavam, ela se abaixou, abraçando-o enquanto fechava os olhos. Gemia baixinho, totalmente descontrolada. E de uma hora para outra, chegou ao orgasmo, explodindo em cores e luzes, membros e pele.

Rose nunca havia sentido nada tão intenso. Era como se estivesse se quebrando para que pudesse se reconstruir logo em seguida. Estava totalmente sem fôlego, tonta enquanto seu corpo todo estremecia.

— Rhys... — Ela o mordiscou no pescoço, lambendo o suor da pele masculina. Foi incapaz de falar qualquer outra coisa.

Sem conseguir resistir, ele retirou o membro duro e, masturbando-se por apenas alguns segundos, gozou em sua barriga, soltando sons guturais. Sentia-se como um animal selvagem, cego de luxúria.

Quando voltou a se deitar ao lado dela, seu peito subia e descia. Estranhamente, sequer se lembrou da própria aparência ou das cicatrizes. Naquele instante, nada daquilo existia.

Rhys se sentia completo, saciado como há muito, muito tempo não tinha a oportunidade.

— Nunca pensei que pudesse ser tão... — Ele fez uma pausa, limpando o suor da própria testa.

— Explosivo? — Perguntou ela, se aproximando um pouco sem saber o que fazer.

Haviam transado, mas agora era incapaz de decidir qual seria o próximo passo a seguir.

— Sim. Nunca pensei que pudesse ser tão explosivo. — Quase como se lesse os pensamentos dela, ele a puxou para mais perto de uma maneira protetora e possessiva. — Estou feliz em ter você aqui, na minha cama ao meu lado. Em minha vida.

— Também estou feliz, Rhys. — Sentindo-se exausta, ela fechou os olhos ao abraçá-la. Sem perceber, começava a adormecer rapidamente. Era difícil manter a concentração. Lutando contra o próprio sono, voltou a sussurrar. — Obrigada por confiar em mim ao contar a sua história. Obrigada por essa noite e por tudo. Obrigada...

De maneira quase automática, Rhys a abraçou com um pouco mais de força. Não sabia o que seria da própria vida dali em diante. Tudo mudara dentro de si. E se fosse sincero consigo mesmo, podia afirmar claramente que não queria voltar a ser o que era antes. Não queria voltar a ser o homem triste e solitário que vagava pelas próprias terras sem nenhuma companhia ou objetivo.

Agora que havia provado da felicidade, que havia provado do corpo e da feminilidade de Rose, tinha total certeza de que estava viciado. Precisava de mais e mais, sempre mais.

Em silêncio, ele permaneceu acordado por um longo tempo, apenas observando-a dormir. Em seu coração, um sentimento grande e bonito crescia, algo que talvez ainda não tivesse nome.

Ou talvez ele simplesmente ainda não se sentisse suficientemente

preparado para admitir.



Capítulo 29

Mesmo sem arriscar apresentar uma definição para o que começaram a fazer com o passar dos dias, a verdade era que Rhys e Rose estavam vivendo como uma família. Partilhavam refeições e passavam horas conversando sobre os mais diversos assuntos. Para ele, era simplesmente muito fácil dividir o tempo ao lado dela.

Naquela manhã, Rose precisou ir à livraria para que pudesse avaliar alguns detalhes que ainda estavam inacabados, pois a abertura seria dali não muito tempo, e, sem dúvidas, ela queria que tudo estivesse perfeito.

Para a surpresa de ambos, Rhys simplesmente decidiu sugerir que ficaria com a pequena Mel durante todo o período em que Rose estivesse fora. Aquilo não fora algo planejado, mas ao avistá-la tão atarefada, carregando a garotinha de um lado para o outro sem descanso, concluíra que o melhor a se fazer era ficar em casa e cuidar dela, afinal ele quase nunca saía.

Por outro lado, Rhys tinha certo medo de fazer alguma besteira. Não

possuía tanta experiência com bebês.

E, para o seu horror, naquele exato instante, Mel estava extremamente inquieta, sensível demais. Tudo era motivo para chorar.

— Você geralmente não chora muito. — Ele a pegou nos braços e decidiu sair da casa, caminhando pelos jardins. — A sua mamãe está trabalho, preparando uma livraria muito bonita.

A pequena Mel passou a olhá-lo fixamente por alguns instantes, quase como se estivesse curiosa por ouvi-lo conversar.

— Ela adora livros, a Rose. Acho que nunca vi alguém que ame mais os livros de romance do que ela. — Rhys percorria o jardim lentamente, sempre caminhando com dificuldade. — Espero que você seja assim algum dia. É uma característica bonita de se ter.

Exatamente como sempre fazia, a garotinha levantou as duas mãozinhas e em seguida o tocou no rosto, soltando uma longa gargalhada divertida.

— Você é muito adorável, sabia? — Ele também soltou uma gargalhada, incapaz de manter a própria seriedade — Não sei como será a minha vida quando você e a sua mãe forem embora. Na verdade, eu gostaria que vocês duas continuassem morando aqui para sempre. Será que é uma loucura? Eu acho que não.

Rhys conversava como se Mel pudesse realmente compreender cada uma das palavras que saíam da sua boca. De certa maneira, ele se sentia bem por poder liberar todos aqueles pensamentos em voz alta sem ser julgado.

Não tinha com quem desabafar, afinal não mantinha amigos próximos. Por isso, era obrigado a guardar para si mesmo cada um dos seus pensamentos loucos acerca de Rose.

— Tudo isso vai parecer triste demais sem vocês aqui. Não quero. Estou me sentindo feliz agora, feliz por carregar você e por caminhar no

jardim. E quem diria que o simples ato de caminhar pelo jardim seria o suficiente para me fazer feliz? É estranho, não é? O que você acha, Mel?

Obviamente, a pequena Mel não respondeu. Apenas piscou os olhinhos diversas vezes e voltou a gargalhar insistentemente. Aparentemente, o choro de minutos antes havia desaparecido e agora ela era a garotinha calma e simpática de sempre.

Ao ouvir o som da gargalhada infantil, Rhys percebeu que amava aquela menininha. Amava de verdade. E o melhor de tudo era que não sentia medo de amar, não sentia medo da felicidade.

Claro que seus traumas internos sempre estariam presentes em algum lugar obscuro do seu coração, mas agora, ele conseguia reconhecer que estava dando passos lentos na direção de um recomeço belo e agradável. Às vezes, as inseguranças insistiam em voltar, mas, quase sempre, seus dias estavam com muito mais luz. Muito menos solitários.

— Quando perdi o meu menino, pensei que nunca voltaria a segurar um bebê outra vez. Pensei que nunca seria capaz de amar uma criança outra vez. Mas os assuntos do coração são impossíveis de controlar. — Em silêncio, sentiu seu coração se inundar de ternura apenas por ter a pequena Mel em seus braços. — Amo você, garotinha. Amo de verdade.

Depois disso, ele continuou caminhando com ela nos braços por um longo tempo e quando se cansou, voltou para casa, colocando-a no chão em cima do tapete para que brincasse com seu ursinho de pelúcia favorito.

Sem pensar muito no que estava fazendo, decidiu ligar para Rose. Não faltava tanto tempo para que ela concluísse o trabalho e voltasse para casa.

— Oi, Rhys! — A voz dela era sempre melodiosa. Tudo naquela mulher aparentava ser radiante. — Está tudo bem? Mel está dando muito trabalho?

— Tudo bem, não se preocupe. A pequena Mel está no tapete, se

divertindo com o ursinho que ela mais gosta. E você, como esta? Muito cansada?

— Estou muito feliz! — Seu tom aumentou ao dizer tais palavras. — A livraria está cada vez mais linda! As prateleiras já foram montadas e boa parte dos livros estão sendo organizados em suas devidas categorias. As ilustrações das paredes já foram finalizadas e tudo parece estar ganhando vida. Devo tudo isso a você, Rhys. Muito obrigada.

— Fizemos um trato. Você não precisa agradecer. — Aquilo o fazia lembrar que os documentos de transferência de propriedade logo seriam entregues pelo advogado. Com isso, Rose e Mel deixariam as terras Clevenger e a vida voltaria ao normal. O grande problema era que Rhys não queria voltar ao normal. Queria exatamente a vida que passara a ter ao lado das duas. — Estive pensando...

— Sim?

— O que acha de irmos jantar fora hoje? Posso passar por sua tia e por sua avó no caminho.

— Um jantar em família! Você tem certeza? Não seria desconfortável para você? — Rose soou genuinamente preocupada.

Família. A palavra ecoou nos ouvidos dele, levando uma onda de reconhecimento ao seu íntimo. Queria ter uma família, um porto seguro, um lugar em que pudesse se sentir aceito e amado.

— Tenho certeza. Eu adoraria. — De repente, Rhys se sentiu ansioso com a perspectiva de sair para jantar com a família de Rose. — Espere por mim no centro de Cloudtown.

— Estarei esperando. — Ela fez uma pausa curta e em seguida sorriu do outro lado da linha. — Obrigada por ser quem é, Rhys. Obrigada de verdade.

Ele até pensou em responder, mas ela já tinha desligado.



Capítulo 30

Rose ficou com Rhys em seus pensamentos pelo resto do dia. Era óbvio que ele já não era o mesmo de antes. Aos poucos, mudava através de pequenos detalhes, dando passos firmes em um percurso invisível que levava à felicidade.

De certa forma, ela se sentia extremamente orgulhosa por ele, por perceber que apesar da tristeza que havia em seu coração, era possível recomeçar e sonhar com um futuro melhor.

Quando todos os funcionários deixaram a livraria, Rose simplesmente se sentou na poltrona confortável do seu escritório e olhou ao redor, sem conseguir acreditar que Rhys realmente fizera tudo aquilo por ela.

No início, antes de tudo acontecer, se sentira culpada por não saber se aquela seria uma escolha adequada, mas agora, conforme as coisas ficavam quase prontas, conseguia compreender que se não fosse por aquela oportunidade, nunca realizaria o sonho de ter uma livraria tão linda quanto aquela.

Os livros, que chegavam aos poucos e preenchiam as prateleiras, pareciam tesouros esperando para serem descobertos. Cada vez que admirava todo o ambiente, Rose sentia lágrimas nos olhos, incapaz de acreditar que aquele não era algum tipo de delírio pessoal.

Por outro lado, saber que as coisas estavam avançando velozmente fazia com que o relógio invisível que havia entre ela e Rhys parecesse cada vez mais barulhento. Mesmo sendo simpático e se transformando em outro homem, dificilmente ele iria querer que ela continuasse nas terras Clevenger por muito mais tempo. Não queria se sentir uma intrusa. Tentava dizer para si mesma, dia após dia, que aquele era o período que logo terminaria e depois, a vida precisava voltar ao normal.

Claro que continuariam se encontrando, afinal haviam se tornado amigos. Havia transado. E algumas conexões não se desfaziam tão facilmente. Mas mesmo assim, Rose sentia algo estranho cada vez que pensava na ideia de que logo precisaria deixar Rhys sozinho outra vez.

E ali, sentada em seu escritório novo, chegou à conclusão assustadora de que também era uma mulher solitária. Apesar de ter a sua família, sempre se sentira um pouco sozinha. Um pouco inadequada.

Talvez tudo aquilo fosse causado pelo fato de que sua mãe decidira abandoná-la muitos anos antes. Já havia aceitado a realidade há muito tempo. E por qualquer ângulo que olhasse, Tia Carly Jane sempre seria a sua verdadeira mãe. Mas em seu inconsciente, sempre havia um gosto amargo na ideia de que algumas mães são simplesmente incapazes de cuidarem das próprias filhas.

Assim, vez ou outra, Rose se sentia um pouco como uma fraude, como se todas as pessoas fossem partir em algum momento quando descobrissem que ela não era boa o suficiente, que ela não era digna de ser amada.

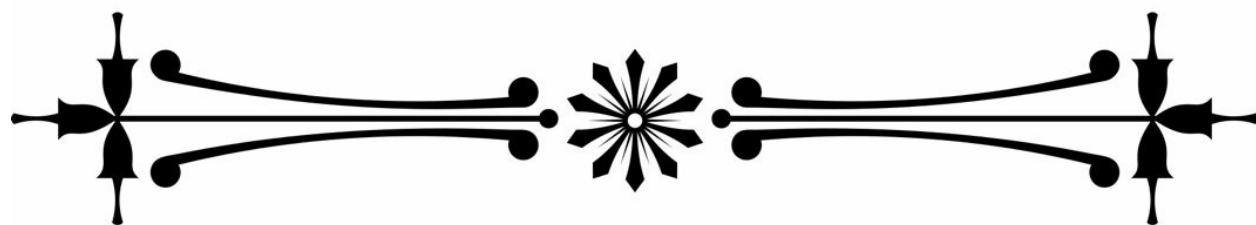
Tais pensamentos eram um pouco injustos, afinal Tia Carly Jane

sempre dera a própria vida para ver Rose feliz, sempre fizera o possível e até mesmo o impossível na tentativa de oferecer um lar repleto de amor e consistência.

Por esse e muitos outros fatores, Rose tinha a total consciência de que nunca deixaria de ser grata.

Olhando no relógio, percebeu que precisava fechar as portas da livraria e ir ao encontro de Rhys no centro da cidade. Ele quase nunca se atrasava e provavelmente já estaria lá quando ela chegasse.

Pegando sua bolsinha e dando uma última olhada ao redor, sorriu enquanto caminhava. Sentia como se estivesse nas nuvens, recebendo um presente dos céus. Depois de fechar tudo e ainda com um sorriso imenso no rosto, partiu rumo ao encontro da sua família.



Tia Carly Jane trajava um vestido longo, roxo e repleto de flores brancas naquela tarde. Violet, por outro lado, parecia exuberante com seu vestidinho em tons de azul e preto.

As duas mulheres eram agradáveis e tinham um ótimo humor. Quando Rhys aparecera para pegá-las, não pôde deixar de sentir uma emoção estranha apenas por observar a beleza e a jovialidade daquelas duas senhoras.

Agora, todos estavam no centro de Cloudtown esperando por Rose. Planejavam jantar em algum restaurante chique para que pudessem comemorar a abertura da livraria, que aconteceria muito em breve.

— Rose sempre se atrasa. — Comentou Tia Carly Jane. — Mas ela sempre vem.

— Aquela ali não é ela? — Violet apontou para o outro lado da rua e sorriu. — Estou com a visão cada vez pior, mas tenho certeza de que é ela.

— Sim, é ela. Apenas cinco minutos atrasada. — Tia Carly Jane bateu palmas, animada. — Vejam só como ela está linda hoje!

Rhys olhou na direção de Rose e sorriu. Ela trajava um vestidinho rodado com listras brancas e pretas. Seu cabelo brilhante estava solto, dando-lhe um ar de liberdade. No rosto, havia pouca maquiagem, apenas o suficiente para deixá-la linda sem parecer exagerada. Para completar, trazia saltos brancos com detalhe em azul nos pés.

— Sim, ela está linda mesmo. — Comentou Rhys. Acenou com uma das mãos, fazendo-a olhar em sua direção.

Do outro lado da rua, Rose acenou de volta e sorriu. Com pressa, passou a caminhar mais rápido com o intuito de atravessar a rua.

Tudo aconteceu de repente. O carro surgiu rapidamente, buzinando, mas incapaz de parar. O universo inteiro pareceu ficar em câmera lenta naquele mesmo instante.

O veículo atingiu o corpo pequenino de Rose, fazendo-a literalmente flutuar no ar. Os saltos brancos com detalhes em azul simplesmente foram arremessados.

Rhys prendeu a respiração, observando tudo quase como se estivesse vendo a um filme de terror. De uma hora para a outra, sentiu que estava voltando ao passado, sendo arremessado no mesmo trauma, sentindo as mesmas dores, o mesmo medo.

Tudo estava acontecendo mais uma vez e ele simplesmente não se sentia capaz de suportar nada daquilo novamente.

O corpo de Rose caiu no chão em um baque seco. Seu rosto estava ensanguentado e ela parecia paralisada, totalmente sem consciência.

Ao lado de Rhys, Tia Carly Jane soltou um grito desesperado de puro horror e logo em seguida foi a primeira a correr na direção do acidente, sons animalescos escapando de sua garganta conforme descia a calçada.

Tonto, Rhys segurou a pequena Mel com mais força e pediu aos céus que a morte não estivesse tentando levar Rose assim como levara sua família tantos anos antes.



Capítulo 31

Rhys se aproximou do corpo desacordado com passadas lentas. Simplesmente não conseguia caminhar mais rapidamente, pois sentia como se alguém o segurasse, impedindo-o de agir. Congelando-o por completo.

De repente, estava de volta ao passado, de volta à dor, ao medo. E definitivamente ele odiava cada uma daquelas sensações. Enquanto o sangue escorria pelo rosto machucado de Rose, Rhys tinha a sensação de que estava prestes a explodir em lágrimas.

O trauma da dor sempre voltaria, pensou. Em momentos de extrema importância em que ele precisaria tomar atitudes rápidas e definitivas, agora tinha total certeza de que paralisaria, tornando-se totalmente inútil.

— Chamem uma ambulância! — Gritou Tia Carly Jane, afastando as pessoas ao redor que mais pareciam abutres cheios de curiosidade. — Chamem uma ambulância, por favor!

Havia desespero em sua voz, dor. Mesmo assim, ela seguia protegendo a sobrinha que para sempre seria sua filhinha, sua criança.

Mesmo com o corpo trêmulo e a visão turva pelas lágrimas, Tia Carly Jane se mantinha ajoelhada, segurando a mão de Rose e sussurrando inúmeras vezes que tudo ficaria bem. Tudo tinha que ficar bem.

Fazendo a única coisa que podia ser feita, Rhys ligou para a emergência e pediu uma ambulância. Havia a possibilidade de levá-la no carro, mas parecia arriscado demais, afinal Rose sofrera um acidente e seu corpo estava posicionado em uma posição estranha. Qualquer movimento parecia perigoso.

Não demorou muito para que a ambulância chegasse. Conforme os paramédicos faziam o atendimento mais básico e vital, Tia Carly Jane se afastou.

— Rhys, por favor, leve a minha mãe e a criança com você no carro. Eu posso ir na ambulância. Por favor, poderia fazer isso por mim? Por nós?
— Sua voz estava tão quebradiça que era quase difícil de entendê-la.

Ao olhá-la nos olhos, Rhys compreendeu que o amor ao mesmo tempo em que representava força, também podia representar fragilidade. Um fator parecia estar intrinsecamente ligado ao outro. O risco de perder a pessoa amada representava o mesmo risco de ser destruído por completo, ele bem sabia, afinal quando perdera sua família, também perdera a si mesmo, desaprendera a amar a própria vida.

E agora, a dor em seu peito também crescia, a angústia. Aquela percepção não foi surpreendente, mas totalmente reveladora. Por isso, pela primeira vez, Rhys decidiu falar a verdade não apenas para si mesmo, mas também para Tia Carly Jane.

— Eu amo Rose, senhora. Faria de tudo para ajudar todos vocês. — Sem esperar que ela respondesse, ele se afastou com a pequena Mel em um dos braços, que chorava escandalosamente. Com a mão livre, convidou a pequenina Violet, ajudando-a a caminhar na direção do carro.

Era difícil pensar sobre o amor, aceitá-lo totalmente. Difícil porque ao mesmo tempo em que a luz parecia tão próxima, também havia o risco de se perder no caminho, de se afundar, de uma vez por todas, na escuridão.

Ao olhar para o volante, Rhys estremeceu. A visão do corpo de Rose aparentemente sem vida girando em sua mente inúmeras vezes.

— Os traumas são como portas. — Violet quebrou o silêncio. No banco de trás, a pequena Mel ainda chorava, mas já não tão alto. — Portas pesadas e firmes, extremamente grandes e difíceis de abrir.

Em silêncio, Rhys olhou na direção da doce senhora, totalmente em dúvida do que dizer.

— Não tenho a chave para algumas portas. — Admitiu, por fim, se sentindo claramente derrotado.

— Arrombe as portas. Dê um chute com força, desses que são capazes de quebrar qualquer coisa. Você é jovem, consegue fazer isso, não consegue? — Violet tinha a voz calma, mas em sua expressão também havia dor e preocupação. Ela queria ir ao hospital o mais rápido possível e mesmo assim, manteve o controle, conversando com Rhys calmamente.

— Uma das minhas pernas não funciona muito bem. Como eu poderia ter forças para arrombar qualquer coisa com um chute? Sou fraco demais.

Rhys não soube exatamente em que momento o primeiro soluço surgiu, mas quando deu por si, estava chorando desesperadamente com a cabeça baixa, encostada no volante. Chorava pelo medo que sentia, por se enxergar tão fraco e inútil, por odiar sua perna e por compreender tudo o que aquilo representava.

Nunca seria capaz de arrombar as portas que o prendiam no passado, que o faziam se sentir amedrontado. Estava preso em si mesmo, nas memórias e na dor.

— Nos apoiamos, Rhys. — Com ternura, ela pousou a mão na cabeça

dele, acariciando-o levemente. — Nos apoiamos porque todos nós temos falhas e dores, dificuldades e portas fechadas. Nos apoiamos e é isso o que nos faz humanos, entendeu?

Com os olhos vermelhos pelas lágrimas, ele levantou a cabeça.

— O que quer dizer?

— Talvez você não seja capaz de arrombar as portas dos seus medos sozinho. Mas quem disse que você precisa estar sozinho? A iniciativa deve partir de você, mas não significa que a solidão é a sua companheira. — Ela sorriu levemente, levando uma onda de paz ao coração dele. — Carly Jane, Rose, a pequena Mel e até mesmo eu, todas nós, estamos dispostas a nos apoiar. Você está incluso agora. Não se isole, apenas siga em frente, querido. Siga o seu caminho.

Por alguns segundos, Rhys desviou o olhar na direção da garotinha que estava no banco de trás. Sentiu uma onda de amor puro e genuíno, um desejo de protegê-la de qualquer coisa.

Com isso em mente, respirou profundamente. Em seguida, com a mão firme, deu partida no carro. Dirigiu, arrombando uma das muitas portas imaginárias que tinham o poder de paralisá-lo. Não pensou no medo nem na angústia, pensou apenas que a mulher que tanto amava estava sendo levada para o hospital. E algo precisava ser feito.

Se libertou, temporariamente, por si mesmo, por Rose. Por cada uma das mulheres daquela família.



Capítulo 32

Não demoraram muito para chegar ao hospital. Sentada em uma das cadeiras metálicas do corredor, Tia Carly Jane estava com os braços cruzados, mas já sem lágrimas nos olhos. Aparentava estar mais calma.

Com Mel nos braços, Rhys se adiantou, caminhando o mais rápido que podia.

— Como ela está? — Perguntou quase que sem fôlego. Seu coração parecia um pouco mais acelerado do que o normal. — Os médicos falaram alguma coisa?

— Pelo que o médico disse, aparentemente vai ficar tudo bem. Mas Rose ainda não despertou. Não entendi tudo o que ele disse, mas parece que o cérebro apaga em momentos de muito medo ou tensão. Agora, estão realizando alguns exames para garantir que tudo está realmente bem.

Tia Carly Jane levantou as mãos e Rhys entregou a garotinha.

— Ela está um pouco assustada com tudo o que aconteceu. — Afirmou ele acariciando a cabeça de Mel levemente. — Chorou um pouco,

mas já está começando a se acalmar também.

— As crianças sentem as coisas. Nós pensamos que elas não entendem, mas entendem sim, entendem mais do que nós imaginamos. — Afirmou Violet, dando passadas lentas pelo corredor. — Com certeza, a nossa pequena Mel deve estar muito assustada e preocupada com a mãe, mesmo que ainda não saiba o significado da palavra preocupação.

De certo modo, Rhys concordava. Por isso, sorriu ao perceber que a pequena Mel começava a fechar os olhinhos enquanto estava nos braços de Tia Carly Jane. Era bom estar rodeada de tanto carinho e amor.

— Sente-se, senhora. Não é bom exigir muito do próprio corpo. — Rhys ajudou Violet a se sentar e em seguida colocou as duas mãos nos bolsos. — Caso queiram, posso levar as duas para casa, para que descansem. Eu fico aqui.

— Não, querido. — Tia Carly Jane balançou a cabeça veementemente. Com carinho, ela o tocou na mão, segurando a palma. — Não se preocupe tanto.

— Tenho medo do que possa acontecer.

— Você ama Rose. — Aquela não foi uma pergunta, mas uma afirmação. E, ao contrário do que Rhys esperava, a realidade daqueles sentimentos não parecia um peso, mas uma benção. Algo pelo qual ser grato.

— Sim, senhora. Eu amo Rose. — Dessa vez, as palavras não foram tão difíceis de serem ditas. — E eu gostaria de pedir desculpas, a culpa foi minha. Tive a ideia de levar todas vocês ao restaurante e agora...

Violet, que ficara em silêncio durante todo aquele tempo, fez um som com a boca, obrigando-o a parar de falar.

— Não carregue pesos que não são seus. — Disse ela. — Acidentes acontecem, momentos ruins acontecem, lágrimas são derramadas. E está tudo bem. Não se culpe. Suas costas já carregam pesos demais.

Rhys começava a ter a sensação de que cada palavra vinda de Violet servia como uma onda de paz, mas, também, como um choque de realidade. Ela dizia verdades sem violência, apenas apresentando fatos sem atirá-los como balas de uma pistola. Definitivamente, ele gostava dela. Gostava de ouvi-la falar, pois trazia calma ao seu coração.

— Minha mãe está certa, Rhys. — Comentou Tia Carly Jane. — Acidentes acontecem o tempo inteiro. Vai ficar tudo bem, querido. Sei que sim.

— Obrigado por serem tão gentis. — Rhys balançou a cabeça em sinal de agradecimento. — Ficarei com vocês então. Querem um café? Um chá? Posso comprar alguma coisa. Não é bom ficar com fome.

— Se não for muito incômodo...

Depois de fazer uma lista com tudo o que as duas senhoras queriam, Rhys se afastou para ir à cafeteria comprar tudo.

Planejava ficar ali, ao lado delas, pelo tempo que fosse necessário. Sentia que ali, havia encontrado uma nova família com pessoas repletas de ensinamentos e dispostas a aceitá-lo com cada um dos seus traumas e dores.

No entanto, Rhys sabia que aquela sensação de felicidade não duraria por muito tempo. Logo o advogado retornaria com todos os documentos e então, tudo estaria terminado.

Depois de avistar o corpo desacordado de Rose no meio da rua, concluíra que o melhor a se fazer era simplesmente partir, voltando a viver sozinho. A verdade era que se ele não tivesse chamado a família inteira para um jantar, nada daqui teria acontecido. Portanto, mesmo que dissessem o contrário, tinha plena consciência de que carregava a culpa pelo acidente de Rose.

Rhys havia entendido, há muito tempo, que carregava consigo algum tipo de maldição. Todas as pessoas que amavam eram mortas ou sofriam

quando estavam ao lado dele. Por isso, não podia continuar na vida de Rose e de sua família, não queria fazê-los sofrer.

Após receber os pedidos na cafeteria, voltou pelo mesmo corredor. Tinha a cabeça voando alto, cheio de pensamentos e conclusões. Odiava saber que os seus dias ao lado daquelas pessoas estavam terminando. Odiava saber que o certo precisava ser feito.

— Aqui está! — Rhys se forçou a sorrir, mas o sorriso não chegou aos seus olhos. Entregou os produtos nas mãos de Violet e Tia Carly Jane. — Se precisarem de mais alguma coisa, podem me pedir.

Depois disso, em silêncio, se sentou na cadeira metálica. Sentia seu coração doer, como se sangrasse internamente em uma ferida sem fim.

Durante os últimos dias, acreditara que teria a chance de recomeçar, de ser feliz outra vez. Mas agora, não queria espalhar a própria escuridão na vida de outras pessoas. Não podia.

Por isso, estaria ao lado de Rose durante o período em que ela permanecesse no hospital. Depois disso, partiria. Sairia totalmente de sua vida. Havia tomado a decisão e seguiria com a ideia até o fim.

Mas se aquela era a escolha certa, então por que sentia que estava sendo totalmente estúpido? Não conseguia compreender.

Tentando colocar os próprios pensamentos em algum lugar escondido da mente, se recostou na cadeira metálica e fechou os olhos. Focou nos sons dos passos das pessoas que caminhavam pelos corredores, na pouca conversa das senhoras sentadas ao seu lado e em qualquer coisa que pudesse tirá-lo da realidade por alguns instantes.

Ficou ali, totalmente em silêncio, durante quase toda a noite, esperando que a mulher que tanto amava recuperasse a consciência.



Capítulo 33

Rose despertou durante o amanhecer do dia seguinte. Ao abrir os olhos, sentiu o corpo exausto após dormir por mais de doze horas ininterruptas. Apesar do cansaço, não sentia dor, pois os analgésicos ainda estavam agindo de maneira eficaz.

Engoliu em seco e sentiu a garganta extremamente seca, quase como se tivesse engolindo areia durante a noite. Além disso, seus olhos ardiam um pouco. Tocou o rosto e sentiu os curativos no ferimento superficial que havia na parte inferior do queixo. Apesar de tudo, estava bem. Não tivera ferimentos graves.

Além disso, ao lado da cama, havia um balão desejando uma recuperação rápida. Havia sido enviado pelo motorista, dono do carro que causara o acidente. O homem escrevera um bilhete pedindo desculpas e demonstrou-se bastante disposto a ajudar. Mas ela sabia que não precisaria de ajuda, afinal tinha sua família. Tinha as pessoas que amava.

Não demorou muito para que Tia Carly Jane e Violet aparecessem,

claramente preocupadas. Ambas pareciam exaustas, mas felizes por estarem ali, ao lado de Rose.

— Como está se sentindo, minha querida? — Tia Carly Jane foi a primeira a falar. — Que pergunta boba a minha. Ninguém se sente exatamente bem após um acidente.

— Estou exausta depois de dormir tanto, mas não sinto dor. — De repente, em uma explosão de lembranças, arregalou os olhos ao continuar falando. — Onde está Mel? E Rhys? Onde estão os dois?

— Não precisa ficar tão agitada. — Violet deu dois tapinhas em uma das mãos de Rose. — Rhys levou a criança para descansar em casa e deve chegar a qualquer momento. Não é saudável para uma garotinha na idade dela ficar tanto tempo em um hospital sem nenhum conforto.

— Se fosse por Rhys, ele permaneceria aqui a noite inteira, esperando por você. Mas Mel estava exausta e realmente precisava dormir e se alimentar melhor. — Tia Carly Jane fez uma pausa leve. — Aquele rapaz gosta de você, Rose. Gosta de verdade.

Ao ouvir as palavras da tia, Rose não conseguiu controlar o sorriso bobo que surgiu em seus lábios. Que irônica era a vida, pensou. Havia sofrido um acidente e mesmo assim, se sentia feliz por ter pessoas tão maravilhosas ao seu lado. Por ter Rhys ao seu lado.

— Eu também gosto dele, gosto de verdade.

— Segundo o médico que está responsável por acompanhar o seu caso, hoje mesmo você poderá voltar para casa. — Tia Carly Jane bocejou por alguns segundos, claramente muito cansada. — Eles farão apenas mais alguns procedimentos de limpeza nos seus ferimentos e em seguida Rhys levará você para as terras Clevenger.

— Rhys é um bom homem. — Violet falou de maneira reflexiva. — Que sorte a sua, Rose, querida.

Naquele mesmo instante, Rhys abriu a porta, trazendo a pequena Mel nos braços. Estava com os cabelos ainda molhados e suas roupas pretas pareciam muito bem passadas. Caminhando o mais rápido que pôde, se aproximou da cama de Rose.

— Bom dia, senhoras e senhorita. Você acordou, Rose Sinclair! — Ele sorriu de maneira genuína. Parecia tão feliz por vê-la que era quase como se estivesse recebendo um presente muito especial. — Demorou muito, quase como a Bela adormecida.

— Exagerado. — Rose soltou um sorrisinho frágil. — Obrigada por estar ao lado da minha família e por cuidar de Mel.

Ainda sorrindo, transferiu o olhar na direção da garotinha em seus braços.

— Mel não dá trabalho. Vive brincando e fazendo sons que só ela entende. Além disso, gosto de estar com ela. Somos uma boa dupla. — Ao ouvi-lo falar, a garotinha soltou uma gargalhada. Em seguida, se inclinou na direção de Rose. — Aparentemente, Mel já está com saudades.

Rose sorriu e pegou sua filha no colo, se sentindo grata por tudo. De certa forma, o acidente parecia algo mínimo e sem importância, afinal estava viva e saudável. Nada grave havia acontecido.

Não muito tempo depois, o médico decidiu liberá-la. Por isso, de muito bom grado, Rhys levou Tia Carly Jane e Violet para casa e em seguida dirigiu rumo às terras Clevenger.

Chegando lá, ajudou Rose a descer com muito cuidado. Ela sentia uma dor leve no tornozelo, mas nada que alguns comprimidos não resolvessem em alguns dias.

— Mancar é uma merda, eu sei. — Disse Rhys enquanto ela se apoiava sutilmente em um dos braços dele. — Tenho convivido com isso por um bom tempo.

— Agora eu entendo você. — Respondeu Rose ao balançar a cabeça afirmativamente.

Enquanto caminhavam lentamente, Rhys sentia seu coração acelerar mais e mais a cada passo. Planejava conversar com Rose naquela manhã, pois sabia que não podia seguir fingindo que tudo estava bem.

Ele tinha total certeza de que ela o entenderia e até concordaria com a decisão. Estava na hora de quebrar a conexão, que já havia se tornado forte demais. O quanto antes se separassem, melhor. Além disso, o advogado ligara algumas horas antes para informar que os documentos já estavam prontos, portanto, Rose já não tinha motivos para permanecer ali.

Mesmo sentindo que sua alma morreria outra vez e para sempre, Rhys estava totalmente disposto a proteger Rose. Não queria ser o responsável por trazer escuridão à vida dela.

Ao entrarem em casa, ele entregou a garotinha nos braços dela. Em seguida, olhou fixamente na direção das duas por um longo tempo. Sabia que a despedida não seria fácil, mas tudo aquilo começava a ser ainda mais doloroso do que ele fora capaz de imaginar.

— Aconteceu alguma coisa? Você ficou sério de repente. — Enquanto balançava Mel sutilmente, Rose levantou uma das sobrancelhas, atenta. Percebeu no mesmo instante que Rhys estava colocando certa distância entre eles. — Você parece estar um pouco pálido.

Rhys não foi capaz de responder por um bom tempo. E quando ela começava a pensar que provavelmente ele não responderia, suas palavras surgiram no ar.

— Precisamos conversar. — Foi tudo o que conseguiu dizer.

— Sim, percebi que realmente precisamos conversar, mas o que aconteceu? Está tudo bem? — Ela engoliu em seco e, com dificuldade, deu dois passos para trás, começando a ficar preocupada.

— Recebi uma ligação do meu advogado algumas horas atrás, Rose. Os documentos de transferência já estão prontos. As terras Clevenger são oficialmente minhas outra vez, e a livraria já está no seu nome. O trato foi concluído. — Ele engoliu em seco. — Devo receber os documentos entre hoje e amanhã, não tenho certeza.

Rose precisou de muita força para continuar ouvindo o que ele tinha para dizer, pois de certa forma, sabia o que estava por vir. Sabia o que ele diria a seguir.



Capítulo 34

Rhys sentia-se fragilizado enquanto tentava encontrar as palavras certas, mas tudo parecia demasiado equivocado. Tudo parecia demasiado doloroso.

— Talvez eu devesse colocar Mel para dormir e em seguida conversamos. — Ela abaixou o olhar, perdida. — O que acha?

— Como quiser. — Falando isso, ele deu-lhe as costas e se afastou, caminhando rumo ao escritório.

Ao se sentar na poltrona e olhar ao redor, percebeu a solidão exatamente como uma explosão ao seu redor. Agora que havia se divertido com as presenças constantes de Rose e da pequena Mel, a vida pareceria ainda mais miserável dali em diante.

De repente, odiou o próprio escritório, a própria casa. Odiou tudo. Havia tanto espaço ali, tanta riqueza, e mesmo assim, a pobreza inundava seu coração. Estava faminto por afeto, mas compreendia que o melhor a se fazer era deixá-la partir.

Rose não merecia estar ligada a um homem repleto de cicatrizes que atraía tragédias e dor. Simplesmente não merecia.

Não muito tempo depois, Rose entrou no escritório. Parecia pequenina e frágil, quase quebradiça.

— Você vai me mandar embora, não é?

Ele sequer precisou responder, pois ela foi capaz de interpretar totalmente a expressão que havia em seu rosto. E ao sentir o impacto da realidade, sentiu uma dor ainda maior do que a do acidente.

Haviam feito amor, haviam partilhado momentos felizes. Mesmo assim, Rhys estava disposto a encerrar tudo. Não deveria estar surpresa, pensou ela com uma pontada no coração.

Ele era um homem milionário, com um sobrenome grandioso enquanto ela mal sabia como manter as economias em ordem mensalmente. Acreditar que alguém como Rhys estaria disposto a permanecer ao lado de alguém como ela era uma enorme tolice, bem sabia.

Mesmo sabendo, seu coração doía. Sua alma doía. Tudo doía.

— Estive pensando. Pensando muito. O melhor para nós dois é que você vá embora, volte para sua casa. — Apesar da tentativa de soar frio e distante, Rhys percebeu que sua voz estava rouca e fraca. — O seu sonho de ter uma livraria já foi realizado. Logo será a abertura. Sem dúvidas, você poderá ter uma vida feliz e sem preocupações com Mel. O dinheiro já não vai ser um problema.

Rose ficou boquiaberta ao ouvi-lo. Sequer sabia como responder.

— Você realmente acha que o grande problema é somente o dinheiro?

— Ela semicerrou os punhos, furiosa com a própria realidade. Com o destino.

— Vivi a vida inteira sem a sua ajuda financeira, Rhys. Não tenho medo da possibilidade de ficar sem dinheiro ou de precisar recomeçar.

— Do que você tem medo então? — A pergunta dele parecia genuína.

— Tenho medo de perder você. — Ela engoliu em seco e seus olhos brilharam com as lágrimas. — Medo de perceber que você foi apenas uma miragem. Enxerguei um universo de coisas no seu olhar e eu não gostaria de precisar fingir que tudo não passou de uma miragem.

— Tudo não passou de uma miragem. — Ele piscou diversas vezes, tentando manter o controle. — Uma miragem que você criou na sua mente.

— Nós dois sabemos que não. Você pode negar um milhão de vezes, mas é impossível negar a nossa conexão.

— Pare, Rose. Apenas arrume as suas coisas e vá embora. — Ele sentia o coração acelerar cada vez mais, segundo após segundo. — Mel continuará sendo a minha herdeira. Não pretendo mudar o meu testamento, não mais.

Eu amo a garotinha, foi o que ele quis dizer. Mas preferiu engolir tudo, como sempre fazia.

— Você está cometendo um erro.

— Seria um erro permitir que tudo isso continuasse. Nós dois somos de realidades diferentes. Não nos encaixamos. É idiotice insistir. Apenas vá embora, por favor. — Ele virou a poltrona, evitando olhar nos olhos dela. — Um dia você irá compreender que essa é a escolha certa.

— Escolha certa? Você prefere fugir daquilo o que te faz feliz por medo de tentar! — Ela quase gritou, desesperada. — A sua falta de coragem me decepciona e me machuca mais do que qualquer outra coisa, mas tudo bem, Rhys. Não posso ficar quando você me ordena partir.

Ela se levantou em silêncio e caminhou pelo escritório tendo a sensação de que suas pernas estavam pesadas como chumbo. Queria ficar, queria puxar Rhys em um beijo profundo, mas não podia. Ele não estava disposto a tê-la ao seu lado.

Sentindo seu coração se quebrar em milhares de pedaços, Rose apenas

saiu do escritório e começou a arrumar as poucas coisas que trazia consigo. Voltaria para a realidade da própria vida, mas agora teria uma livraria, seu sonho realizado.

Não podia abaixar a cabeça, não podia desistir. A vida era uma onda de inícios e finais, e assim como a dor estava começando, certamente teria um fim em algum momento. Bastava acreditar na jornada.

Quando Rose partiu das terras Clevenger, Rhys apenas observou através da janela do escritório. Conforme ela se afastava, ele sentia que sua alma estava se esvaindo aos poucos também.

A dor era tamanha que chegava a ser física, por isso, ele apenas se encolheu, sentado contra a parede enquanto as lágrimas escorriam por seu rosto. Precisava repetir para si mesmo que aquela era a decisão certa, que não podia esperar reencontrar a felicidade quando sua vida estava fadada ao fracasso.

O grande problema era que quanto mais repetia, menos acreditava. Algo em seu coração dizia que tudo aquilo era muito errado, mas sua insegurança continuava a gritar em seus ouvidos, deixando-o surdo, incapaz de raciocinar da maneira adequada.

Eu queria ter me despedido da pequena Mel. Mas talvez tenha sido melhor assim. Acho que se ela tivesse sorrido em minha direção uma última vez, provavelmente eu teria mudado de ideia. Foi melhor assim. Foi melhor assim.

Seus pensamentos giravam e giravam, mas as lágrimas nunca paravam de surgir em seus olhos. A verdade era que nunca poderia imaginar que voltaria a sentir tamanha dor em sua vida. Mas ali estava ele, sendo dilacerado mais uma vez.

Ao fechar os olhos, desejou ardentemente que Rose encontrasse a felicidade e que a pequena Mel pudesse crescer com muita saúde e bons

momentos. Porém, ao pensar em um futuro sem elas duas, Rhys simplesmente foi incapaz de suportar a dor, soltando gemidos quase como um animal ferido prestes a morrer.

Permaneceu exatamente daquela maneira até adormecer ali mesmo, no chão do seu escritório vazio.



Capítulo 35

Tia Carly Jane detestava ver Rose triste. Nos últimos dias, a moça quase não sorria, passava boa parte do dia trabalhando e depois voltava para casa. Muitas das vezes, se esquecia até mesmo de se alimentar.

Outra coisa que Tia Carly Jane detestava era saber que algumas escolhas eram tolas e irremediáveis. Por outro lado, nem todo erro era impassível de conserto. Por isso, quando faltava um dia para a grande abertura da livraria, ela decidiu visitar Rhys nas terras Clevenger.

Foi sem marcar horário, ao entardecer. Trajava roupas que combinavam em tons alegres e uma bolsa tão minúscula que mal cabia sua carteira. Quando saíra de casa, não falara seu destino. Não queria que Rose ficasse ainda mais frustrada por saber daquela visita inadequada.

A verdade era que Tia Carly Jane não conseguia acreditar que Rhys realmente queria afastar sua sobrinha por completo. Aquilo tudo era apenas um pensamento estúpido que logo seria corrigido.

Ao chegar nas terras Clevenger, encontrou com ele sentado e

totalmente sozinho no jardim, trajando roupas pretas. Em seu olhar, havia um semblante ainda mais triste do que antes.

— Flores e plantas são boas companhias. Elas são silenciosas. — Ela se sentou ao lado dele e suspirou profundamente. — Mas o silêncio pode ser bem solitário de vez em quando.

Rhys olhou na direção da doce senhora, totalmente surpreso com a presença inesperada. De certa forma, sentiu-se grato por vê-la. Durante os últimos dias, estivera preso entre os próprios pensamentos, tendo a impressão de que um dia era exatamente igual ao outro.

— É bom receber a senhora aqui. — Foi tudo o que ele disse, abaixando o olhar. Sentia-se envergonhado, afinal dispensara Rose sem nenhum aviso.

— Não vim para jogar conversa fora. Vim para consertar alguns erros. — Tia Carly Jane uniu as duas mãos enquanto falava. — Rhys, alguns erros são irreparáveis. Outros, se tornam irreparáveis. Não perca mais tempo antes que seja tarde demais.

— Acha que errei?

— Você se sente feliz aqui? Digo, totalmente sozinho. Sem Rose, sem Mel. Sozinho. — Ela levantou uma das sobrancelhas quase como se tentasse desafiá-lo. — Realmente acredita que fez a escolha certa ao afastar a minha sobrinha de você?

— Ela estará melhor sem mim. É que...

— Não, ela não está melhor sem você. Não está e não estará. Na verdade, você provavelmente será o responsável por fazer com que Rose nunca mais volte a acreditar em homem nenhum. — Ela fez uma pausa, tentando manter o controle. — Isso sim seria uma grande tragédia. Você não deveria ir embora de alguém apenas por supor coisas.

— Ela não está bem?

— É claro que não! — Impaciente, Tia Carly Jane se levantou e cruzou os braços, parando de frente para ele. — Nunca vi a minha Rose tão triste quanto nos últimos dias. Ela sequer se alimenta direito. Está com olheiras profundas e parece um animalzinho ferido.

— Todas as pessoas que amo costumam sofrer em algum momento quando estão ao meu lado. Eu simplesmente não quero que Rose sofra, não quero que a pequena Mel cresça com uma mãe triste. — Rhys desviou o olhar, sentindo-se estremecer. — Não quero que a minha escuridão atinja a vida delas duas.

Tia Carly Jane ficou em silêncio por alguns segundos. Em seguida, se inclinou e tocou o rosto de Rhys, fazendo-o voltar a olhar em sua direção.

— Todos nós sofremos em algum momento, estando ao seu lado ou não. Você não pode impedir que Rose se machuque, afinal não é o seu dever fazer isso. Ela é uma mulher forte, saberá lidar com qualquer dor sozinha. E feridas irão surgir no caminho. É normal, Rhys. — Sua voz falhou levemente enquanto falava. — A minha Rose precisa apenas de alguém que a ame verdadeiramente, que esteja ao seu lado quando as coisas estiverem complicadas demais. Alguém capaz de abraçá-la durante as tempestades. Você não é capaz de fazer isso?

— Fazer isso é tudo o que eu mais quero, senhora. — Ele falou de maneira sincera, trazendo aquelas palavras de um lugar profundo e oculto em seu coração.

— Então faça. Não perca tempo. Conserte o erro antes que seja tarde. — Uma lágrima escorreu pela bochecha de Tia Carly Jane. — Eu não poderia deixar de vir conversar com você. Amanhã será a abertura da livraria e Rose deveria estar feliz, mas não está. Eu sei que não está. E tudo isso é injusto. Vá até ela e diga que a ama, Rhys.

— Você me daria a sua benção?

Tia Carly Jane abriu um sorriso lento e caloroso.

— Eu te dei a minha benção desde o primeiro momento em que meus olhos pousaram em você, Rhys, querido. — Ela passou a mão em seus cabelos de maneira carinhosa. — Você é um homem bom, um homem como poucos. E eu sei que está tentando fazer a coisa certa. Por isso, nunca se esqueça que às vezes, a escolha certa nem sempre será a mais difícil.

— Obrigado por vir até aqui. — Rhys tomou as mãos dela nas suas e em seguida fez um movimento leve com a cabeça. — Eu realmente estou tentando fazer a coisa certa, mas me sinto confuso. Passei muito tempo sozinho e quando Rose surgiu, eu simplesmente não sabia o que fazer.

— Eu entendo. O amor pode nos deixar um pouco tontos, mas é normal. Se você se sente pior sem ela, então não a deixe partir. Rose merece um homem de bom coração e eu sei que você é exatamente quem ela precisa. — Ela sorriu. — Preciso ir embora, não disse que estava vindo até aqui então não posso me demorar. Mas chega de sofrer, Rhys. A felicidade está apenas esperando por você.

— Sim, chega de sofrer.

Rhys continuou sentado, apenas observando enquanto Tia Carly Jane se afastava. Não precisou pensar muito para ter a mais completa certeza de que estava na hora de tomar uma atitude.

Ele sabia que não podia temer a felicidade. Na verdade, devia abraçá-la antes que fosse tarde demais. Por isso, prometeu a si mesmo que não se permitiria perder Rose. Não se permitiria perder a pequena Mel.

Elas eram sua família agora. Seriam para sempre.



Capítulo 36

Rhys decidiu visitar Rose naquela mesma noite após o jantar. Sabia que seria um horário adequado para que pudessem conversar, afinal a pequena Mel já estaria dormindo.

Conforme dirigia pelas ruas de Cloudtown, sentia suas mãos um pouco suadas. Enquanto refletia acerca das próprias atitudes, sabia que havia sido estúpido por pensar que a melhor escolha era, realmente, afastar Rose. A verdade era que se arrependera no instante em que a observara partir.

Agora, esperava apenas que ela fosse capaz de perdoá-lo, para que juntos pudessem encontrar a felicidade.

Estacionou o carro e precisou de um longo tempo até criar coragem o suficiente. Em seguida, caminhou lentamente e deu batidinhas à porta, até que ela abrisse. E sem dúvidas, seu coração deu uma cambalhota no instante em que seus olhos a avistaram.

Rose parecia ainda mais linda, apesar de cansada e triste.

Observá-la mais magra e abatida fez com que algo dentro dele

gritasse em fúria, lembrando-se das palavras de Tia Carly Jane.

Amanhã será a abertura da livraria e Rose deveria estar feliz, mas não está. Eu sei que não está. E tudo isso é injusto. Vá até ela e diga que a ama, Rhys.

O arrependimento corroía sua alma, fazendo-o querer socar a si mesmo.

— O que está fazendo aqui? — Ela segurou a maçaneta com mais força, sem saber o que fazer ou o que esperar. — Já está tarde. Amanhã será a abertura da livraria e eu realmente gostaria de dormir cedo. Não temos muito o que conversar, então eu sugiro que vá para casa.

Rhys percebeu que Rose estava tentando parecer forte, mas sua voz soava quebradiça e repleta de tristeza. Ao levantar o olhar, ele sentiu lágrimas se avolumando, a onda de arrependimento crescendo.

— Me desculpe por ser um completo idiota. — Ele engoliu em seco, sentindo a voz rouca e insegura. — Sou inseguro, Rose. Muito inseguro. Mas com você, sinto que existe um porto seguro. E isso me deixou apavorado, porque não estou acostumado a me sentir seguro. A me sentir parte de alguma coisa.

Rose movimentou os lábios, tensa.

— Rhys...

— Por favor, me escute. — Ele se aproximou um pouco mais, quase clamando. — Quando mandei você ir embora, eu só estava tentando fazer a coisa certa.

Em silêncio, ela apenas balançou a cabeça e o convidou a entrar. Agradeceu aos céus por aqueles segundos extras para que pudesse pensar um pouco, afinal estava perdida. Não esperara que Rhys aparecesse naquela noite.

Se sentaram em sofás distantes, a tensão parecia crescer e tomar todo

o espaço.

— Rhys, eu amo você. Amo de verdade. Disso, não tenho dúvidas...

Ele sentiu uma explosão de alívio surgir, mas sabia que havia algo mais.

— Mas não é o suficiente? — Perguntou ele, ainda tenso.

— Não, não é o suficiente. Eu preciso de um homem que esteja disposto a continuar ao meu lado quando as coisas começam a ficar difíceis. Um homem que não me mande embora quando tiver medo. — Ela soluçou e se odiou por sentir as lágrimas escorrendo por suas bochechas. — Eu amo você, mas às vezes o amor não faz sentido quando o outro não tem certeza se pretende realmente ficar. Ficar nos dias felizes e nos tristes, nos momentos bons e ruins, nas manhãs de insegurança e nas tardes de sorrisos.

Agora, Rose compreendia que necessitava de um amor completo, um amor capaz de preencher cada fibra da sua existência, fazendo-a se sentir segura, sem medo de ser abandonada outra vez. Por isso, mesmo que amasse Rhys tanto quanto amava, não estava disposta a aceitar menos do que a total entrega dele.

— Durante o tempo em que estive longe de você e da pequena Mel, percebi que a vida não poderia voltar a ser mesma coisa. Depois que eu tive a oportunidade de enxergar a alegria outra vez, se tornou impossível voltar para a escuridão sem me sentir sufocado. Morto por dentro. — Rhys se levantou do sofá e se encaminhou na direção dela, sentando-se ao seu lado. — Não quero ficar sem você outra vez.

— Rhys, preciso que você tenha certeza de que permanecerá ao meu lado mesmo nos momentos de insegurança. Não posso aceitar menos que isso.

— Eu amo você, Rose Sinclair. Amo estar ao seu lado, amo sorrir com você. Não estou dizendo que não errarei, mas quero que saiba que estou

tentando acertar. Me desculpe. — Ele pousou uma das mãos na dela. — Amo você e a pequena Mel.

Rose não conseguia controlar as lágrimas. Lentamente, se aproximou mais e mais, até ambos estarem muito juntos.

— Preciso que me prometa mais uma coisa, Rhys. Não por mim, mas por você. Pela sua saúde. — Ela o olhou nos olhos, tremendo.

— Qual promessa você quer que eu faça?

— Quero que me prometa que irá buscar acompanhamento psicológico. Eu também irei ser acompanhada por um psicólogo. Nos últimos dias, percebi que a morte da minha melhor amiga e a ausência da minha mãe fizeram com que muitas inseguranças crescessem dentro de mim. Não posso mais dar espaço para essas coisas. Não posso. Eu preciso encontrar a cura, Rhys. E quero que você também tente curar as suas feridas da alma para que possamos construir uma vida juntos sem os fantasmas que nos atormentam. — Ela sorriu levemente. — Podemos recomeçar juntos, o que acha?

Ele sorriu de volta para ela e a tocou na bochecha, limpando as lágrimas.

— Eu prometo, Rose. Por mim, por você. Por nós. — Ele fez uma pequena pausa. — Por nossa família.

Rhys inclinou o rosto levemente e a puxou para um beijo profundo. E sem dúvidas, aquele foi o beijo mais maravilhoso da vida de ambos.

— Amo você, Rhys.

— E eu amo você, Rose. — Ele a tocou no pescoço, acariciando e sentindo.

— Passe a noite aqui, comigo. Todas as noites.

Ambos se levantaram do sofá em um rompante.

— Sim. Todas as noites.

Quando se encaminharam para o pequenino quarto dela, os dois

souberam que haviam encontrado a felicidade. Que continuariam encontrando dia após dia.



Capítulo 37

Os corpos se encontraram como em uma dança repleta de sensualidade. As roupas foram removidas lentamente, atiradas ao chão. De uma hora para outra, ambos estavam totalmente desnudos, sentindo e sorvendo.

Com olhar de admiração, ele a beijou profundamente. Suas mãos percorreram o corpo feminino, sentindo a pele quente, desbravando cada recôncavo de sua feminilidade.

Beijá-la era como viajar para muito longe, para um reino mágico em que a perfeição existia. Rhys se perdia, sentindo as línguas se entrelaçando, o cheiro feminino inundando suas narinas e seus sentidos.

Que maravilha era poder tê-la em seus braços outra vez, pensou. Agora, sem o medo de usufruir de toda a felicidade que podiam construir juntos.

Sem dúvidas, a vida não fora fácil, nunca era. Os traumas surgiam, moldando e ferindo. Mas ao mesmo tempo, Rhys compreendia que não podia

se apegar ao passado. Não mais.

Amara sua família e fora o melhor que pudera ser. Mas agora, era necessário seguir em frente. Era necessário quebrar com as próprias mãos as correntes que o prendiam. Sem medo, sem fuga.

Deus sabia a dificuldade que sentia em se libertar. Depois de tanto tempo preso na própria escuridão, ele sabia que a liberdade não seria tão fácil de ser conquistada outra vez. Por isso, estava totalmente disposto a dar um passo por vez, sem pressa, apenas confiando no poder da jornada.

Juntos, caíram na cama, membros se unindo e se tocando.

— Eu estava devastada. — Ela confessou com um sussurro. — Assustada. De alguma forma, a abertura da livraria só faria sentido se você estivesse ao meu lado. Por isso, não sabia o que fazer. Obrigada por vir até aqui, por se permitir começar de novo.

Rose não era uma mulher egoísta. Reconhecia que Rhys era um homem repleto de traumas. Apesar da dor que sentira quando ele a dispensara, dedicara muito do seu tempo tentando compreendê-lo.

Tê-lo em seus braços outra vez era um verdadeiro milagre, pois significava que aquele homem, tão quebrado pela vida, por fim havia decidido reescrever a própria história, e não havia nada mais belo do que um recomeço repleto de esperança.

— Eu me arrependi no instante em que vi você partir com a pequena Mel. — Ele passou os dedos lentamente pelo corpo feminino. — E agora estamos aqui, na sua cama. Dividiremos uma vida juntos. E não te deixarei outra vez. Nunca mais.

— Sou sua, Rhys Clevenger. — Ela se mexeu e o beijou, pressionando seu corpo contra o dele. — Sou sua como nunca fui de ninguém. Te entrego o meu coração e espero que você cuide bem dele.

— Eu cuidarei, Rose. — Ele sorriu, encantado com o som de cada

uma das palavras que transcorriam aqueles lábios tão belos. — Cuidarei porque também sou seu. E estarei ao seu lado pelo tempo que o destino permitir. E quando já não for mais possível, voltarei em um milhão de vidas para estar ao seu lado.

— Amo você. — Ela sussurrou ao seu ouvido.

Com isso, Rhys se movimentou na cama, abaixando a cabeça para sugar os mamilos femininos. Tudo o que Rose pôde fazer foi gemer baixinho, tentando não fazer ruídos altos demais.

No entanto, quando ele a penetrou enquanto a beijava ardentemente, Rose foi incapaz de manter o silêncio. Gemeu seu nome, clamando por mais, literalmente delirando em prazer.

Lentamente, Rhys começou a aumentar a velocidade dos movimentos, indo cada vez mais fundo, tomando-a para si enquanto se entregava por completo. Naquele instante, eram um só. Fundidos, deliciosamente unidos.

Perdendo totalmente o controle de si mesma, Rose montou em Rhys, movimentando a cintura, deleitando-se com o membro rígido que entrava e saía de maneira ritmada.

Sentindo-se tonta, fechou os olhos e levantou a cabeça, permitindo-se explodir em um milhão de sensações únicas. Seu corpo inteiro reverberou e, como se para não ser destruída por completo, voltou a abaixar a cabeça, beijando-o nos lábios e fincando as unhas na pele dos seus braços.

Aquele não era apenas sexo, mas o prazer de poder estar de volta. Juntos, sempre juntos.

Completamente perdido e sem conseguir pensar em mais nada, Rhys se entregou ao prazer, gozando em abundância. Seu coração parecia estar apostando uma corrida, tamanha era a velocidade em que batia.

Sem fôlego, ela o abraçou e fechou os olhos. Estava um pouco suada e sua respiração ainda não havia voltado ao normal.

— Amanhã será um dia feliz. — Sussurrou ela, exausta. — Todas as pessoas que amo estarão presentes na abertura da livraria.

— Por isso, você precisa descansar. — Ele a acariciou nos cabelos. — O seu sonho irá se realizar. E todos estaremos lá para aplaudir.

— Obrigada por ser tão bom para mim. — Ela fechou os olhos, sonolenta.

Rhys permaneceu em silêncio por um longo tempo, totalmente perdido entre pensamentos. Somente quando a ouviu ressonar que abaixou o olhar.

— Sou eu quem devo agradecer, minha Rose. — Sussurrou ele, sabendo que ela não ouviria. — Sou eu quem serei grato durante cada dia da minha vida por ter você ao meu lado. Para sempre.

Com muito cuidado, ele a posicionou melhor em seus braços. Em seguida, puxou um dos lençóis. Em pouco tempo, adormeceu sentindo-se leve e totalmente preparado para a vida que estava prestes a começar.

Sem dúvidas, havia encontrado seu final feliz. Tudo o que precisava fazer agora era continuar acreditando na própria felicidade.

E na felicidade de toda a sua nova família.



Capítulo 38

A manhã chegou e com isso, Rose tinha a impressão de que estava prestes a explodir, tamanha era a sua ansiedade.

Levando em consideração que teria alguns detalhes para organizar antes da grande abertura da livraria em Cloudtown, ela combinou de deixar a pequena Mel com Rhys.

E assim, sentindo-se tão triunfante quanto amedrontada, Rose passou as primeiras horas da manhã verificando cada um dos mínimos detalhes. Todos os livros estavam na ordem correta em suas categorias, as mesas no andar de cima pareciam limpas e perfeitas para os clientes que desejavam tomar café, os funcionários estavam devidamente treinados e o espaço infantil havia parecia perfeito com seus tons coloridos e livros interativos espalhados pelo ambiente.

Durante vários dias, Rose abdicara do próprio sono e de quase todo o resto apenas para focar na realização daquele projeto. Agora, ao observar tudo tão lindo e extremamente organizado, sentia que tudo valera a pena.

Não demorou muito para que as horas passassem. Por isso, aos poucos, alguns convidados especiais começavam a chegar. Logo, o público geral também chegou, lotando a livraria em pouquíssimo tempo.

Mas para Rose, a maior alegria da sua vida aconteceu quando Tia Carly Jane e Violet apareceram ao lado de Rhys e Mel. Os quatro caminharam pelos corredores, claramente maravilhados com a decoração e a beleza de todo o ambiente.

— Estou tão orgulhosa de você! — Tia Carly Jane foi a primeira a se aproximar, puxando a sobrinha para um abraço apertado. — A livraria já está lotada e sequer começamos o dia, querida!

— Me sinto como se estivesse na cidade grande, naqueles shoppings enormes e repleto de coisas chiques. — Violet sorriu e uniu as duas mãos ao olhar ao redor. — Desejo muito sucesso, Rose, querida. Que os seus sonhos cresçam, se realizem e se multipliquem.

Rose simplesmente não sabia como reagir a tudo aquilo. Por isso, com os olhos brilhando de alegria, apenas agradeceu. Em seguida, se aproximou de Rhys.

— Devo tudo isso a você. — Disse ela, sorrindo.

— Não, não deve. Fizemos um trato e eu cumpri a minha parte assim como você cumpriu a sua. Mas no final, o mérito da organização de tudo isso é somente seu. — Rhys se abaixou para beijá-la na bochecha. — Estou muito orgulhoso de você.

— Obrigada, Rhys. Obrigada por estar aqui, por me apoiar e por acreditar que tudo é possível, até mesmo um recomeço. — Com carinho, ela pegou a pequena Mel nos braços, balançando-a lentamente. — O que achou, querida? Você precisa conhecer a área infantil, com certeza vai amar!

Ao ouvir a voz da mãe, Mel sorriu e balançou as pernas agitadamente.

— Acho que isso quer dizer que ela também está muito orgulhosa de

você. — Rhys colocou as duas mãos no bolso. — Por falar nisso, estive pensando em algo...

— Ah, sim? O que seria?

Ele tirou uma caixinha de veludo e a abriu, mostrando um anel pequeno e brilhante com uma pedrinha de diamante no meio.

— Aceitaria se casar comigo? Quando eu disse que gostaria de construir uma nova vida ao seu lado, eu pensei em casamento também. — Rhys sorriu. Havia comprado o anel naquela mesma manhã, antes de chegar à livraria. — Me permita ser o seu homem, assim como você será a minha mulher, Rose.

Encantada, Rose ficou na ponta dos pés e o beijou profundamente. Sentiu como se o mundo inteiro parasse, vivendo em um conto de fadas em que todas as coisas boas podiam ser possíveis.

Estava vivendo o seu sonho e continuaria vivendo diariamente, sem dúvidas.

— É claro que eu aceito! — Ela sorriu. Para a surpresa de ambos, a pequena Mel pousou as mãozinhas nas bochechas dos dois. — Acho que ela aprova a nossa união.

— Eu tenho certeza que sim! — Rhys soltou uma gargalhada feliz e profunda, e Rose mais uma vez admirou a beleza do som daquela risada.

— O que acha de conhecer a livraria Sinclair agora, senhor Clevenger? — Ela apontou na direção de um dos corredores. — Poderíamos começar pela seção dos romances.

— A seção de romances parece perfeita para mim.

Conforme as pessoas se aproximavam para parabenizar Rose pela abertura da livraria, Rhys apenas a observava, admirando-a. E quanto mais observava, mais percebia que se orgulhava muito daquela mulher. Por isso, naquele instante, desejou ardentemente que ela continuasse crescendo,

sonhando cada vez mais alto. Se tornando exatamente quem sonhava em se tornar.

Em um impulso, a puxou pela cintura com a mão livre e se abaixou rapidamente.

— Amo você. — Disse, sem rodeios. — O seu terninho é extremamente sexy.

— E eu amo você. — Ela puxou a gravata dele para mais perto, dando-lhe um rápido beijo nos lábios. — E você inteiro é sexy.

Rhys até pensou em responder, mas Tia Carly Jane e Violet se aproximaram, trazendo consigo um fotógrafo.

— Venham, vamos fazer uma foto em família. Vai ficar maravilhoso! — Exclamou Tia Carly Jane, apontando para a parede repleta de ilustrações literárias. — Um dia inesquecível merece uma foto inesquecível.

E assim, todos se reuniram. A doce Violet sentada elegantemente em uma cadeira confortável e Tia Carly Jane posicionada ao seu lado. Rhys puxou Rose para mais perto, com uma das mãos em sua cintura. E, claro, a pequena Mel permaneceu no meio, entre todos. Quase como se soubesse que estavam fazendo uma foto, ela sorriu exatamente no instante em que o fotógrafo ativou o flash.

Assim, o momento foi eternizado. E aquela família, totalmente unida, foi feliz para sempre.

Naquele grupo de mulheres tão diferentes, Rhys encontrou seu porto seguro. Encontrou o caminho que gostaria de seguir. E descobriu que a felicidade era como um livro em branco, esperando para ser escrita letra por letra, formando frases e parágrafos, páginas e capítulos, até que uma história inteira fosse criada.

Definitivamente, ele estava pronto para escrever uma nova história. Sobre si mesmo e sobre as pessoas que tanto amava.



Epílogo

Anos depois...

Naquele dia, Mel estava completando dez anos. Havia se tornado uma garotinha extremamente esperta e, até certo ponto, calma. Na escola, era conhecida por ser compreensível e simpática, não costumava criar problemas e sorria o tempo todo, quase como se o seu maior talento fosse sorrir, ou fazer as pessoas se sentirem mais felizes.

Para Rhys, aquele era exatamente o maior talento dela. Desde o primeiro momento, tantos anos atrás, Mel tivera o poder de fazê-lo sorrir de maneira genuína. Agora, haviam se tornado família. Havia aprendido a percorrer um novo caminho juntos.

Assim como prometera, Rhys conseguira concluir seu tratamento psicológico. Durante quase cinco anos, fora acompanhado por profissionais e aprendera que apesar do amor ser extremamente importante, não necessariamente representava a cura total de todos os traumas. A verdade era

que o amor servia como um fator primordial, como um início que impulsionava, mas não podia ser visto como a cura eterna de todos os males. A ideia do amor poderoso capaz de fazer com que todas dores e medos desaparecessem era irreal e até mesmo doentia, e ao compreender tudo aquilo, Rhys passara a se empenhar ainda mais durante o seu tratamento.

Um dia, seu psicólogo dissera que seria injusto da parte dele depender apenas do amor de alguém para conseguir encontrar a cura. E agora, depois de tantos anos, aquela afirmação ainda reverberava em seu peito. Não podia por sua cura nas mãos de Rose, ou nas mãos de Mel. A cura estaria sempre nas suas próprias mãos.

Antes de qualquer coisa, precisava amar a si mesmo, precisava enxergar as cores da vida e o valor dos sentimentos porque realmente queria viver. Não por outras pessoas, ou por obrigações. Queria viver porque a vida merecia realmente ser vivida.

Seu processo fora lento e repleto de recaídas. Às vezes, nos dias bons, sentira que era capaz de tudo, até mesmo de alcançar a lua e tocar todas as estrelas do mundo. Mas nos dias ruins, era como se nada importasse, como se a escuridão estivesse prestes a dominá-lo por completo.

Mas Rose, com seu amor, nunca desistiu dele. Nunca permitiu que ele parasse de caminhar, de se levantar pela manhã com a esperança de que a cura viria algum dia. E assim, manhã após manhã, Rhys passara a perceber a cura que crescia e se multiplicava, tomando seus pensamentos, seus músculos e cada célula da sua própria existência.

Ao contrário do que muitas pessoas pensavam, o sofrimento psíquico não seguia uma regra clara quanto a cura. Cada pessoa seguia um percurso único e demorado, com muitas recaídas. E com Rhys, não fora diferente. O processo mais complicado para ele, sem dúvidas, fora o de aceitação da própria aparência. Se olhar no espelho sem sentir vergonha de si mesmo e de

cada uma das cicatrizes que marcavam sua pele fora um desafio tão doloroso quanto lento, mas ocorrera aos poucos, detalhe por detalhe.

A cura não acontecia de um dia para o outro. Rhys não despertara certa manhã e percebera que todos os seus problemas haviam desaparecido. Não, não funcionava assim. Seu processo de aceitação acontecera através dos detalhes, mudanças de atitudes, mudanças de pensamentos e até mesmo mudanças nos tons de cores que costumava escolher para suas roupas. Para que uma nova vida começasse, fora necessário que ele também se tornasse um novo homem.

Portanto, naquele anoitecer de sexta-feira, Rhys olhou para o campo e sorriu quando Mel se aproximou correndo, trazendo consigo um lençol fofinho.

— Papai! Venha, vamos preparar o colchão para a mamãe! — Com um pulo, Mel o abraçou, soltando uma gargalhada. — Ela está chegando, não está?

— Sim. Ela está chegando.

Mel não pedira uma festa de aniversário. Na verdade, sequer gostava. Desejara apenas realizar um acampamento em família nos jardins das terras Clevenger. Um pedido simples, mas repleto de significado.

Não demorou muito para que Rhys e Mel percorressem toda a área, aproximando-se das barracas que já estavam montadas entre as árvores e flores.

— Papai, onde está a mamãe? — Soou uma voz vinda de dentro de uma das barracas. — Ela vai demorar muito?

— Ela já está chegando! — Rhys se sentou entre os travesseiros espalhados pela grama e soltou um suspiro.

Logo em seguida, seus três outros filhos apareceram, aninhando-se ao seu redor.

Cory tinha cinco anos e tinha os olhos idênticos aos do pai. Adorava esportes mais do que qualquer outra coisa e dizia o tempo todo que se tornaria um jogador de futebol. Louise, por outro lado, tinha quatro anos e adorava ouvir histórias sobre príncipes e princesas e, assim como sua mãe, sonhava em trabalhar em uma livraria enorme, ou se tornar uma escritora de histórias bonitas algum dia.

Por fim, havia Josh, o mais novo de três anos. Exigia carinho dos seus irmãos o tempo inteiro e chorava quando algum deles não lhe dava atenção o suficiente.

Durante os últimos anos, a família crescera e se tornara completa. As terras Clevenger agora pareciam mais cheias e barulhentas, e Rhys adorava tudo aquilo.

— Eu já sei tudo o que a gente vai fazer, papai. — Declarou Mel, firme. — Primeiro, vamos contar histórias de terror e comer muitos doces. Depois, vocês vão me dar os meus presentes. Depois, vamos comer mais e mais. Depois, bem, depois a gente vê o que faz. O que acha?

— Acho perfeito!

Com passadas rápidas, Rose surgiu ao longe, trazendo nos braços um bolo enorme. Seus cabelos longos estavam soltos e, apesar de cansada, ela parecia estar bastante feliz.

A livraria havia se tornado um ponto importante da literatura em Cloudbottom. Aos poucos, inúmeros funcionários foram contratados e centenas de eventos eram organizados ano após ano. Seu sonho havia se tornado realidade e aparentemente, não parava de crescer.

Portanto, enquanto Rhys ficava em casa e cuidava das crianças, Rose trabalhava na livraria, voltando sempre ao entardecer. Havia formado uma rotina confortável e feliz.

Sendo sincero consigo mesmo, Rhys realmente não tinha vontade

alguma de voltar a atuar na área dos negócios. Preferia apenas cuidar dos seus filhos e da sua esposa. Se divertir com eles. Tinham dinheiro o suficiente para viver bem economicamente, sem preocupações.

— Trouxe bolo! — Exclamou Rose, se sentando ao lado do marido, entre as crianças. — Parabéns, minha querida. Feliz aniversário. Que a sua vida seja tão encantadora quanto o seu sorriso.

— Isso foi profundo. — Rhys soltou uma gargalhada. — Você sempre foi profunda, não é?

— Leitores geralmente soltam frases de efeito o tempo todo.

— Obrigada, mamãe. — Mel beijou Rose na bochecha e correu para pegar os pratos descartáveis.

— Hora do bolo! — Exclamaram os garotos, animados.

— Primeiro a Mel, depois eu, depois o papai e a mamãe, por último vocês podem comer. — Desafiou Louise. — Essa é a ordem das coisas.

— Você é uma chata! — Ralhou Cory.

— Chata! — Repetiu o pequeno Josh.

Em silêncio, Rhys apenas sorriu, apreciando a companhia caótica dos filhos. Em seguida, puxou Rose para mais perto.

— Amo você. — Deu-lhe um beijo rápido nos lábios. — Amo você de verdade.

— E eu amo você. Mais que livros. — Ela sorriu e pousou a cabeça no ombro masculino por apenas alguns segundos. — Amo você de verdade.

E exatamente como nos romances que lia, Rose encontrou seu final feliz ao lado de Rhys, ao lado da sua família. Para qualquer lado que olhasse, havia muita esperança e felicidade nas terras Clevenger.

A vida era boa. Viver valia a pena. Sempre valeria.

Não deixe de ler o novo lançamento do autor

Jhonatas Nilson! Confira a capa:

Um conto romântico sobre a solidão da
quarentena!

QUANDO EU TE ENCONTRAR

Jhonatas Nilson



**Não deixe de ler o novo lançamento do autor
Jhonatas Nilson! Confira a capa:**



Outros títulos do autor

Uma dama nada exemplar

Lady Rebecca Crawford sempre fora considerada uma dama inteiramente inadequada. Com seus modos rebeldes e atitudes estranhas, assustou a praticamente todos os pretendentes que demonstraram interesse nos últimos anos.

Por outro lado, lorde Louis Forster, seu melhor amigo, tornara-se um solteiro convicto. Na verdade, mantinha-se sozinho simplesmente porque achava que a solidão era a sua melhor companhia.

Juntos, formam uma dupla improvável, onde barulho e silêncio se unem na busca pela felicidade. No entanto, às vezes o amor pode surgir nas relações mais inapropriadas... Ou inesperadas.

Entre aventuras e encontros furtivos, o destino de Rebecca Crawford parece guiá-la sempre na direção de dois possíveis caminhos: o de se tornar uma solteirona ou enxergar que o amor está no sorriso cínico ao lado!

Submergir

Ele precisava de um recomeço...

Jung Tae-il conheceu a dor da pior forma. Depois de perder praticamente tudo o que havia de mais importante em sua vida, necessitava buscar maneiras de traçar um novo caminho. E apesar de lutar contra a própria escuridão, parecia afundar-se cada vez mais na impossibilidade de ser feliz outra vez.

Ela representava um recomeço...

Com seu humor caloroso e a incrível capacidade de enxergar as cores mais brilhantes da vida, Sophie Horton parecia reacender a esperança que se apagara no coração de Tae-il. De forma espontânea, trazia exatamente o que ele parecia precisar. No entanto, por trás de todo sorriso brilhante, sempre há a escuridão...

Juntos, precisarão cicatrizar as próprias feridas antes que seja tarde demais. Como esperar um final feliz, se a felicidade já não parece existir? Neste romance sobre segundas chances e esperança, permita-se sonhar com o poder do amor!

Segure a minha mão

Uma amizade interrompida pelo destino...

Ao receber a proposta de estudar em uma grande universidade em Nova York e deixar o Texas para trás, Caim Beresford soube que nada mais em sua vida seria a mesma coisa outra vez. Partiu e não deixou apenas a fazenda que tanto amava, mas também a única garota capaz de enxergar a sua alma.

Um retorno inesperado...

Olívia Woods já não era a garota assustada que ele conhecera ao partir, tornara-se uma mulher forte, lutando diariamente contra os preconceitos que sofria com a sua deficiência visual. No entanto, em um dia que poderia ser tão comum quanto todos os outros, Caim regressa à Cloudford com um propósito importante.

Agora, juntos outra vez, ambos irão perceber que alguns sentimentos nunca morrem.

Será que Olívia seria capaz de confiar outra vez o seu coração nas mãos do único homem com o poder de feri-la?

SIGA O AUTOR NAS REDES SOCIAIS:

FACEBOOK.COM/JhonatasNilsonEscritordeRomances